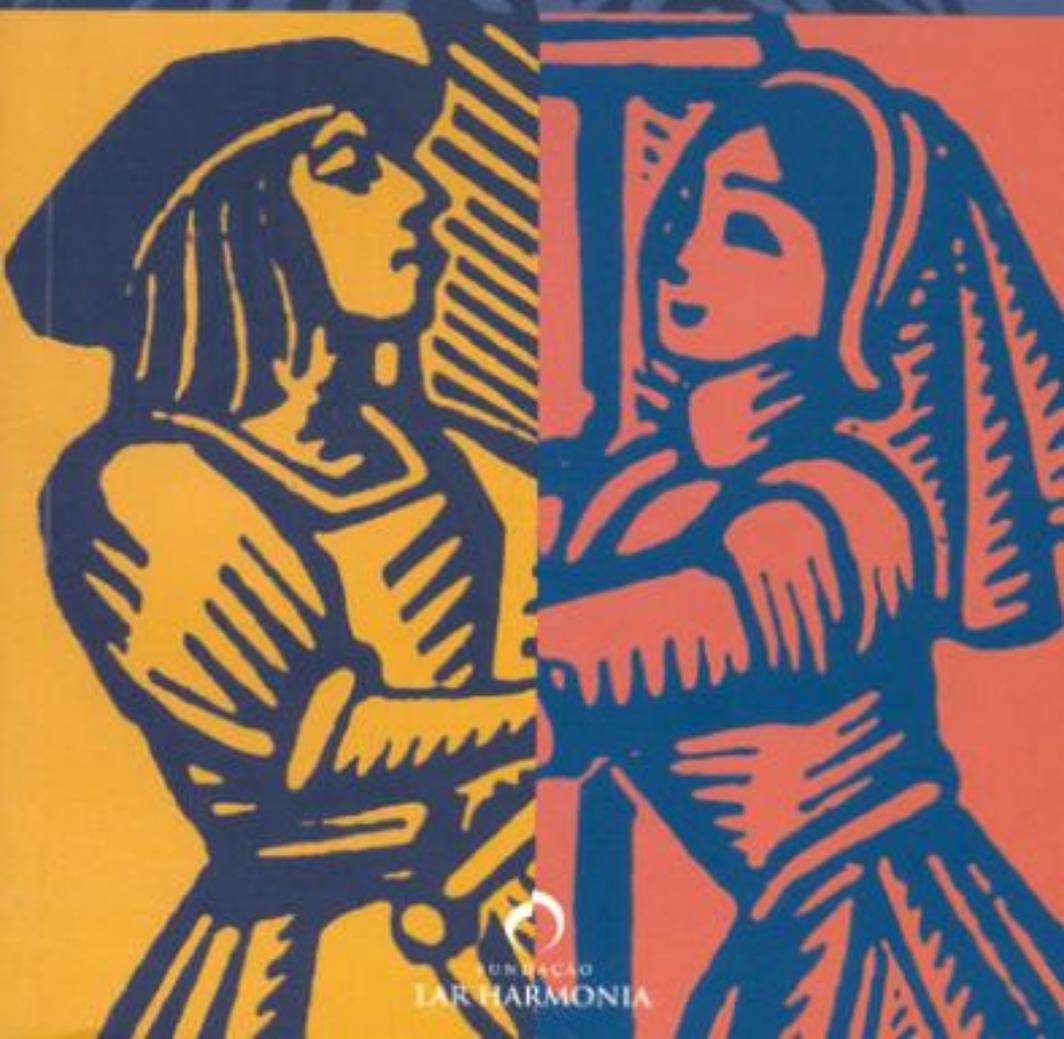


Adenáuer Novaes

EVANGELHO E FAMÍLIA



FUNDAÇÃO
LAR HARMONIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Evangélio e Família

2ª Edição
Do 4º ao 8º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing
Direção de Arte: Escobar
Revisão: Jacqueline Sampaio, Silzen Furtado e Hugo P. Homem
Pesquisa no Evangelho: Dalva Duarte
Diagramação: Joseh Caldas

Copyright ©2002 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador, Bahia
atendimento@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
fone-fax: (71) 286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-10-8

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia.

Adenáuer Novaes

Evangelho e Família



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ /MF 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2004

Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de
Evangelho e Família
Salvador: Fundação Lar Harmonia, 10/2004

272p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de, 1955. – II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo	133.9
2. Psicologia	154.6

A família é o núcleo básico da sociedade.

Nenhuma instituição se transformou tanto quanto a família no sentido do respeito ao outro e da busca da felicidade coletiva.

O Evangelho é um roteiro para a família harmonizada.

Não há fórmula padrão para a solução dos conflitos psíquicos, pois cada mente tem seus próprios processos que a fizeram estar na situação em que se encontra.

Aos meus pais, Hostílio e Terezinha, os quais me proporcionaram os alicerces morais básicos da formação e manutenção de uma família, minha profunda gratidão.

Índice

O Evangelho como roteiro para a família	9
Um olhar amoroso sobre o mal do outro	13
Valores no lar	17
O perdão no lar	23
O convívio em família	26
Evangelho no lar	38
O Evangelho	46
O lar	53
A paz no lar	61
A família	66
A família universal	71
A família originária	75
A família gerada	80
A família <i>cármica</i>	84
A família inconscientemente desejada (expectativa)	88
A família-lar	93
A família espiritual	99
O segundo enlace	103
Filhos do outro	109
Pais estimuladores. Filhos que usam drogas	114
Separação amigável e litigiosa	122
Inimizade entre irmãos. Ódios em família	127

Filhos problemáticos	134
Condições financeiras da família	139
A mulher que supera o marido financeiramente	145
Vida em condomínio	150
Problemas de herança	156
Alcoolismo na família	160
Hipocondrismo	166
Pais que sufocam filhos	171
Pais rígidos	177
Pais permissivos e pais ausentes	182
Filhos que não querem estudar. Profissão dos filhos	188
Adolescentes, gravidez precoce e homossexualismo	196
Abuso sexual	204
Doenças congênitas	210
Mortes prematuras	216
Transtornos psíquicos na infância	221
Obsessão na infância e na adolescência	229
Idosos na família	235
Adoção	241
Auto-imagem e auto-estima. Timidez	247
Relações amorosas conflitivas na adolescência	254
Família e opção religiosa	260
Parentes impertinentes	267

O Evangelho como roteiro para a família

Por detrás das palavras escritas pelos evangelistas a respeito do que Jesus disse, existem preciosas lições de sabedoria que, quando contextualizadas, oferecem roteiros para a compreensão dos mais diversos problemas familiares. Para alcançarmos um significado mais profundo, além das palavras, é preciso abrir o coração para o sentimento do amor e a mente para a sabedoria espiritual.

A utilização do Evangelho, como ferramenta para o trato social, não exclui sua aplicação ao mundo íntimo de cada um, sobretudo quando na vivência das relações familiares. Nelas o espírito se desenvolve e retoma seus processos psíquicos deixados em aberto nas encarnações precedentes.

O Evangelho ou Boa Nova é um guia precioso que pode nos fazer entender melhor, do ponto de vista psicológico, os mais complexos problemas envolvendo o relacionamento familiar. Jesus falou para pessoas que viviam num contexto familiar, portanto suas palavras não se dirigiam apenas a eles, mas também à família da qual faziam parte.

Jesus trouxe idéias que podem nos levar ao entendimento de que a vida em família é um sistema possível, no qual a convivên-

cia e o auxílio mútuo podem proporcionar a felicidade ao grupo de espíritos que dela fazem parte. Suas idéias penetram o Espírito fazendo com que este olhe para si mesmo, mostrando-lhe que a Vida é mais do que o corpo e do que sua exclusiva felicidade.

Não estamos mais no tempo em que uma única pessoa é responsável pelos destinos de uma família. Todos agora são convidados a assumir os rumos que o grupo familiar vai seguir. Pais, filhos e agregados são co-responsáveis pelo futuro da família. A partir da adolescência o espírito assume sua encarnação, saindo da condição de criança que precisa de cuidados para a de adulto que já colabora e participa das decisões coletivas.

O espírito cada vez mais precocemente assume seus processos *cármicos* que influenciarão o próprio destino. Por esse motivo, a família se torna mais cedo o palco onde todos são convocados a colaborar uns com os outros, no qual se misturam desejos e expectativas com as provas que a Vida propõe a cada um.

O Evangelho em família deve ser passado principalmente pelo exemplo. Quando verbalizado deve mostrar-se como lições imortais de amor e luz, proferidas com suavidade e sem manipulações moralistas. Que adianta proferir palavras para convencer alguém de uma moral que ainda não se pratica?

O Evangelho não pode ser transformado numa camisa de força para as gerações que estão reencarnando. Deve ser passado principalmente pelo comportamento, pois as palavras passam e as atitudes se impregnam em quem as vê.

Não se deve obrigar alguém a aceitar uma idéia. Muito embora se deva tentar passá-la, é preciso respeitar os limites de cada um e seu momento evolutivo. A luz do Evangelho pode cegar aqueles que não estão acostumados à claridade, por isso é preciso ter paciência para que eles se acostumem. É preciso mostrá-la em doses adequadas para que sua divina claridade não prejudique sua absorção.

As palavras de Jesus foram utilizadas para diversos fins. Uns fizeram delas bandeira para dominar e matar. Outros, como

fio condutor do espírito para os caminhos do amor. Os exemplos são muitos de parte a parte. Temos que nos conscientizar do uso que delas fazemos para que os espíritos que conosco convivem não *moram* pelo nosso dogmatismo. A tolerância e a paciência, além do desejo sincero de auxiliar o outro, são instrumentos mais eficazes do que palavras, por mais verdadeiras que sejam.

Cada um traz seus processos *cármicos* a serem resolvidos. Eles são intransferíveis. O Evangelho, se bem vivido, torna-se poderoso instrumento para que a encarnação seja um abençoado momento de equilíbrio e aprendizado. Os ensinamentos nele contidos podem ser encontrados em outras religiões, pois o amor e a sabedoria não são privilégios dos cristãos e sim patrimônio de Deus.

A família é o núcleo básico da sociedade e sua expressão mais simples. Cada ser humano no convívio familiar deve aprender e vivenciar experiências que serão úteis em sua vida social. Deve buscar ser na sociedade o que é em família e vice-versa. Ausentar-se dela, sob pretexto de que é diferente dos demais com quem convive, é fugir do próprio destino e da oportunidade de crescer espiritualmente.

A convite da inspiração amorosa decidi por fazer um livro diferente. Neste trabalho trouxe alguns casos verídicos envolvendo conflitos familiares com que tive contato ao longo de mais de vinte cinco anos de atendimento ao público. Analiso cada caso à luz do Evangelho, da Psicologia Analítica e do Espiritismo, trazendo uma mensagem ao final de cada capítulo.

Evitei trazer idéias que se encontram no imaginário coletivo, optando por grafar histórias do cotidiano da vida real como ela é e com personagens que nem sempre encontramos nos livros. São histórias simples com pessoas também simples que podem ser encontradas na própria família da qual fazemos parte como também em nossos vizinhos. Não pertencem às galerias de famosos nem são conhecidos do grande público. São pessoas como eu e você e que estão em busca da felicidade.

Não tenho a pretensão de esgotar o assunto nem tampouco de me aprofundar demasiadamente, mas oferecer àqueles que se

encontram sob a proteção da família subsídios no Evangelho para que possam guiar-se diante dos desafios e não venham a soçobrar sem suas claridades.

Interessei-me por reunir algumas palavras do Cristo num pequeno estudo sobre a família por considerar que é na família que sua mensagem deva ter importante aplicabilidade. A vida em sociedade é uma parte da vida do espírito. A outra se dá na família. Na sociedade ele vive o mundo da *persona*¹, o mundo cheio de máscaras. Em família ele se revela o mais próximo possível de sua realidade existencial.

Decidi por trazer aspectos específicos da mensagem do Cristo que pudessem atender ao mundo interior do ser humano, fugindo das interpretações generalistas ou exclusivamente ortodoxas.

Neste modesto trabalho procuro levar o leitor a entender que em algumas palavras atribuídas ao Cristo se pode encontrar lições preciosas que o conduzirão à solução dos mais diversos conflitos vividos em família.

¹ A *persona* é uma espécie de personalidade auxiliar que nos permite a comunicação com o mundo de forma adequada.

Um olhar amoroso sobre o mal do outro

O olhar moral enviesado sobre o mundo pode nos afastar da visão de totalidade e da percepção do significado espiritual pleno da vida. Tanto quanto o viés permissivo sobre o mundo, assim como o olhar pesado e pecaminoso que se tenha, contribuem para o atraso moral do planeta. Nem sempre nosso estado de espírito permite-nos a percepção desejada quando observamos as atitudes humanas. Quando nos detemos na análise, por exemplo, de um vício de alguém e o fazemos numa perspectiva moralista, vendo-o como um mal em si, desconectado da totalidade existencial do indivíduo, poderemos atingir somente a superficialidade do problema. Além da consideração do vício, que é considerado como um ‘mal’, há a qualidade evolutiva do espírito que a ele se escraviza e que sempre o faz por razões não alcançáveis imediatamente, por ele mesmo ou por qualquer pessoa que se debruce na reflexão do conflito, por mais especialista que seja em entender os problemas humanos. Devemos lembrar que o ser humano é individual e coletivo ao mesmo tempo, isto é, ele age por seu livre arbítrio e motivação própria, mas também pelas influências que recebe, sejam de seu meio ambiente ou pelas interferências espirituais. Suas ações não decorrem apenas do mo-

mento atual, tampouco apenas de seu passado reencarnatório. Tudo se conecta, passado, presente e expectativas futuras para que um comportamento tão complexo como um vício se instale. Nossa visão não se deve limitar a estabelecer o que é bem e o que é mal e a partir daí determinar qual o tratamento para o mal.

Nesse sentido, o Evangelho utilizado apenas com essa finalidade, isto é, de referendar um enquadramento do que é bem e do que é mal, estaria sendo utilizado com uma finalidade muito aquém de suas possibilidades transformadoras. A clareza de sua essência estaria sendo de alguma forma depreciada. Quando enquadrados as atitudes humanas entre as extremas polaridades de bem e de mal, promovemos falsas sensações de felicidade e de culpa. Essas sensações serão inevitavelmente atribuídas a Deus ou ao que se imagina opor-Lhe. O Evangelho, nesses casos, será utilizado como uma camisa de força. Os limites ao ser humano são necessários, mas não se devem constituir numa prisão que o impeça de avançar no conhecimento de si mesmo e na sua ascensão espiritual.

Aqueles que se constituem em intérpretes das claridades do Evangelho devem buscar evitar se transformarem em profetas do apocalipse para que não Lhe embace a luminosidade que deve conduzir o ser humano à felicidade. As advertências são válidas e preciosas, visto que alertam aos menos avisados quanto às conseqüências de seus equívocos, porém são igualmente necessárias propostas de aplicabilidade na vida material e em suas rotinas para que não se preguem atitudes exequíveis apenas num mundo imaginário ou que se situe no além.

O vício, o erro ou mesmo alguma atitude inadequada, devem ser considerados como parte de um contexto psíquico maior do que sua ocorrência. O combate a eles não se deve limitar a advertências punitivas, mas também se estender a levar o indivíduo à reflexão sobre os motivos que levaram a que se instalassem em sua personalidade; que ele identifique o sistema de valores que o leva a classificar suas atitudes como erro.

A profilaxia dos desequilíbrios humanos ou daquilo que o torna infeliz e que gera a ausência de paz, inicia-se na medida que ele desperta para se questionar. Propor medidas comportamentais para resolver aqueles desequilíbrios é como pular ou saltar um degrau importante da escada natural de crescimento espiritual do ser humano. Que se curem os males, mas que se questione a si mesmo.

Nesse sentido, o conselho do Cristo no Evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 14, é fundamental ser repensado: – *Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte*. Portanto, aquele que tem luz suficiente para iluminar os equívocos alheios deve possuí-la para apontar caminhos exequíveis com o fim de transformá-los em virtudes a partir de seu próprio exemplo.



*...Médico, cura-te a ti mesmo;*²

A personalidade de quem veicula a mensagem do Evangelho sem sombra de dúvidas interfere na forma como esta é veiculada e na interpretação que se lhe dá. Por mais que a pessoa se esforce em apresentar, através do exemplo pessoal, uma visão pura e límpida, a interpretação sempre conterà algo de particular. Por esse motivo toda generalização será incompleta. A interpretação genérica serve para situações típicas, as quais atingirão indivíduos que passem por semelhante padrão *cármico* daquele que a expõe.

O Cristo propõe que o curador se cure, isto é, que sua fala seja também, e principalmente, dirigida a si mesmo. Seu exemplo pessoal é a verdadeira mensagem que passa, tendo como base o que assimilou da original. A partir do que entendeu da mensagem

² Lucas 4:23.

que lhe inspira a vida, levará aos outros, de uma forma típica, aplicável aparentemente a todos, mas própria para aqueles que têm *carma* semelhante ao seu.

Numa família seus membros devem buscar aplicar o que pregam e aquilo que acreditam. Quando não se sintam em condições de fazê-lo devem pedir ajuda aos outros membros a fim de que todos compartilhem de problemas que pertencem a todos. Omitir os problemas àqueles que podem ajudar é demonstração de insegurança. Em alguns casos é compreensível que certos problemas possam ser omitidos a fim de não expor terceiros, porém deve-se buscar a participação de todo o grupo na solução e discussão de problemas comuns, inclusive das crianças, para que comecem logo cedo a entender a vida.

A fala do Cristo demonstra segurança e autoconfiança em si mesmo. Ele se expôs diante da Sinagoga sem esconder suas capacidades e disse para que veio. Nós devemos colocar em família o que ali estamos fazendo. Devemos ter equilíbrio e auto-determinação suficientes para assumir nossas responsabilidades em família.

Valores no lar

Quais os valores que devem nortear a formação de um lar? Aqueles oriundos da religião? Os das tradições familiares vindos dos avós maternos ou paternos? Os do pai? Os da mãe? Os do meio social? Aqueles adquiridos nos livros e filmes televisivos?

Talvez devamos escutar mais o coração e perceber que ele contém uma mensagem divina, gravada pelo Criador da Vida ao nos fazer existir. Raramente conseguimos escutá-la por estarmos demasiadamente ligados ao mundo externo.

Ouvimos muitos sons, prestamos atenção ao mundo para poder dominá-lo, ouvimos as pessoas para compreendê-las, ouvimos nossos pensamentos para ordená-los, mas dificilmente aprendemos a escutar o que vem de nosso íntimo, do coração. Dali partem as intuições que nos elevam e nos fazem divinos. É de lá que vem a mensagem e os valores que devem nortear nossa caminhada evolutiva. Foi dali que o Cristo retirou sua mensagem de amor.

Escutar esse canto divino pressupõe silêncio, humildade e confiança. A cada momento, em cada segundo de nossa vida ele envia um pulso que permite-nos enxergar melhor o mundo, nos fortalecendo para os desafios que ele promove.

Os valores que devem ser utilizados pelo espírito em suas experiências evolutivas devem conter aqueles que nos legaram

nossos antepassados, os que adquirimos no convívio social, os que admitimos pelas relações que estabelecemos com alguém, mas devem receber, sobretudo, o que vem do coração como um recado direto de Deus ao ser humano individualmente.

As religiões nos oferecem importantes balizas orientadoras que nos auxiliam, sobretudo nos momentos de tempestades íntimas. São valiosas contribuições àqueles que necessitam vivenciar aquilo que lhe é sagrado. Os que se pautam pelas diretrizes luminosas de uma religião devem, dia-a-dia, acrescentar-lhes aquelas que lhe vêm do coração para que se elevem ainda mais.

O maior valor que se deve vivenciar no lar e passar adiante aos filhos é a amorosidade para com os outros, para com a vida, para consigo mesmo e para com Deus.



A sociedade está sempre em mudança de costumes e de valores. Não é diferente na família. Ela passa por transformações mais sutis que aquelas que percebemos na sociedade, cujos meios de comunicação conseguem nos mostrar com mais evidência.

Evoluímos da sociedade tribal, na qual a família vivia para o grupo e não tinha sua identidade, para a urbana que também passa pelo desaparecimento de um status. No período medieval europeu pode-se notar uma certa conquista de identidade em função da distinção entre nobres e plebeus, mas na idade moderna via-se o declínio da tradição calcada no nome e na riqueza.

A família hoje se constitui mais pela atração entre as pessoas do que pela necessidade de transmitir valores de um determinado clã para seus descendentes. Os problemas de relacionamento, de afetividade, de poder e financeiros são a tônica do mundo moderno. Os valores a serem passados aos filhos estão em segundo plano ou em nenhum.

A família é o campo de entrada do espírito pelas portas da reencarnação na vida material. Nela ele irá desempenhar papéis

importantes para sua vida psíquica e para sua evolução. Sua mente irá lembrar e consolidar estruturas psicológicas de relevância para sua existência no corpo físico.

Com ela o espírito se insere na vida social o que o fará concorrer para o progresso da humanidade. Dessa forma ele se sentirá responsável pelo progresso que ele mesmo experimenta.

Na família o espírito evita o isolamento que contribui para o egoísmo e para a não utilidade da reencarnação, visto que o convívio social proporciona o progresso da humanidade e o aperfeiçoamento pessoal.

Para Deus não há sacrifício necessário que possa ser maior do que o espírito fazer o bem que esteja a seu alcance. O bem para si e para a sociedade. É na família que o espírito inicia seu processo de auto-ajuda e de colaboração com o progresso social. É em família que o espírito recicla suas emoções e aprende a reconhecê-las como instrumento precioso para sua evolução. Evolui quem aprende a lidar com elas.



Não há um espírito igual a outro como não existe outro Deus se não a inteligência suprema do Universo. Somos singularidades de Deus, gerados pelo seu amor. Existimos para alcançarmos a perfeição. Até lá muitas etapas serão vencidas e muitos desafios ultrapassados. Todos eles através da internalização da capacidade de amar.

Nascemos para a própria glória e para a construção do amor no Universo como a Realização de Deus. Porém, essa glória não se encontra nos lugares de destaque da sociedade nem nos registros de imóveis dos cartórios, nem tampouco nos valores das contas bancárias. Ela se realiza na intimidade do lar que representará o troféu de vitória de quem o constrói.

Certos valores devem ser consolidados em cada pessoa e estabelecidos como normas de convivência para que se alcance

o lar desejado. Valores que não estarão escritos nem precisarão ser verbalizados, visto que se encontram no coração de cada um.

Existem princípios consagrados pela sociedade e inscritos nos códigos religiosos da humanidade que podem nos ser úteis para determinação de tais valores. Princípios como o amor, a caridade, a fé, a fraternidade e a paz são fundamentais e básicos para a compreensão dos reais valores.

Do amor podemos alcançar o sentimento de **respeito** ao outro. Toda pessoa que se sente respeitada por alguém tem consciência de pertencimento e identidade. Quanto mais respeitamos as pessoas como filhos de Deus, por mais imerecedoras que possam parecer, estaremos contribuindo para o fortalecimento do amor.

Da caridade podemos estabelecer o valor da **doação** que será fundamental para a conquista da amizade do outro. Quanto mais pudermos renunciar em favor de alguém mais conquistaremos essa pessoa. Ceder é o princípio que permite a conquista de alguém. Todo ser humano é grato a outro quando percebe neste outro um ato de renúncia em favor de sua felicidade, pois assim a gratidão é despertada.

Da fé podemos extrair a **crença no ser humano** como capaz de superar seus limites e vencer desafios. Acreditar na capacidade das pessoas auxilia a que elas confiem em si mesmas. As pessoas precisam ser acreditadas, pois assim estimulam o potencial de realização que naturalmente têm.

Da fraternidade extraímos a **aproximação** e o maior contato com o mundo do outro, no sentido de auxiliar sua compreensão da Vida. Quanto mais nos aproximamos das pessoas, respeitando sua privacidade, mais podemos nos mostrar filhos de um mesmo Pai, irmãos em humanidade.

Da paz extraímos a capacidade de **ouvir** o outro. Ouvir as pessoas significa dar-lhes o direito de se mostrarem e de fazer parte de nosso mundo. Cada vez mais as pessoas querem falar, porém cada vez menos encontramos escutadores. Escutar é sair de si e destinar a atenção ao outro

Além dos valores que a sociedade nos oferece devemos cultivar o respeito, a doação, a crença no outro, a aproximação e a audição ao próximo.



Os valores que passamos àqueles que convivem conosco na família não se transmitem apenas pelas palavras que lhes dirigimos ou atos que praticamos, mas principalmente, pelo que não falamos e pelo que não fazemos. O que sentimos e pensamos das pessoas à nossa volta, e que não traduzimos em palavras, manifesta-se pelas expressões corporais e, invisivelmente, pelas conexões que se estabelecem mente a mente, não obedecendo às barreiras condicionadas pela matéria e pelo *ego*³.

Portanto, o que falamos, fazemos e sentimos, alcança aqueles com quem nos relacionamos, mas os sentimentos se tornam mais relevantes por serem transmitidos de forma inconsciente, em virtude de nos ligarmos uns aos outros pelas imperceptíveis e sutis vibrações do Espírito.

Emitir bons pensamentos, desejar paz e equilíbrio para alguém não é apenas um exercício para o *ego* que deseja seu próprio bem estar, mas uma emissão psíquica que alcança a outra pessoa onde quer que se encontre.

Da mesma forma, a oração sentida alcança seu objetivo quando se destina em favor de alguém. Neste caso, o benefício é duplo, pois enriquece quem a faz e a pessoa para qual foi destinada.

Cada transformação no indivíduo, que implique em aquisição de valores espirituais profundos, promove uma melhoria em sua vibração pessoal. Essa vibração mental pessoal se constitui numa marca individual que se torna automaticamente perceptível aos espíritos desencarnados e, sutilmente, às pessoas em geral.



³ O *ego* é o centro da consciência, através do qual o Espírito se relaciona com o mundo.

O que se passa dentro das quatro paredes onde vive uma família a ela pertence. Quando algum assunto necessite extrapolar seus limites, o motivo deve ser para o equilíbrio e a manutenção do lar. Todas as vezes que deixamos que entrem ou saiam assuntos que não levem em consideração a harmonia do lar estaremos abrindo flancos perigosos para os ataques psíquicos.

Um lar é um campo de amor onde devem vibrar os sentimentos de seus indivíduos. Ali deve se tornar um lugar sagrado no qual a entrada de outras vibrações deve ser examinada para que nada possa contaminar o equilíbrio do conjunto.

A maledicência, a revolta, o ódio, bem com as lembranças de experiências que tragam sentimentos aversivos e contrários aos valores do lar devem ser tidos como danosos. Precisam ser tratados com cuidado e com o necessário equilíbrio para não se tornar lugar comum na família.

O campo do lar é pouso e, às vezes, morada de bons espíritos que encontram um refúgio para que possam proporcionar o bem entre os encarnados. Valorizá-lo como uma importante célula no organismo social é dever de quem o constituiu. Quanto mais assim o fizermos, mais estaremos seguros e no caminho adequado à nossa evolução espiritual.

Cada um de nós sempre encontra justificativas para evitar-mos assumir responsabilidades quando o desequilíbrio se instala numa família. No ambiente familiar, quando alguém se apresenta doente ou em desequilíbrio, todos aqueles que convivem com aquela pessoa, de alguma forma, tornam-se co-responsáveis pelo encontro de soluções que visem restabelecer a paz e a harmonia ao conjunto.

Manter psiquicamente um lar é tarefa que exige esforço, renúncia e abnegação. Não há vitória possível sem luta interna, sem esforço pessoal e sem doação de amor.

O perdão no lar

Cultivar o perdão no ambiente doméstico é capacitar-se para a convivência social plena. Só cresce quem sabe perdoar e abre o coração em acolhimento ao outro.

As relações podem gerar mágoas quando criamos expectativas para o comportamento dos outros. Essas mágoas vão se acumulando ao longo da Vida, são fomentadoras e geradoras de *complexos*⁴ e passíveis de serem somatizadas, apresentando-se como doenças.

Quando identificarmos atitudes realmente arbitrárias contra nós, devemos, para que se evite a mágoa, tentar compreender que também poderíamos ser capazes de cometer o mesmo equívoco da pessoa que nos atinge.

Importante lembrar que aquilo, que nos incomoda na atitude do outro, muitas vezes é decorrente da conexão que acontece entre aquele ato e algo em nosso psiquismo inconsciente ainda não resolvido. Provavelmente existem situações gravadas em nós que provocaram mágoa e raiva em alguém. Esses registros arquivados em nossa mente decorrem de várias experiências vividas nas existências reencarnatórias e que necessitam de atenção.

⁴ O *complexo* é um núcleo psíquico inconsciente que contém resíduos de experiências que se associam por semelhança de idéias, pensamentos e sentimentos em torno de um ou mais *arquetipos*.

Perdoar é doar mais, isto é, não se permitir abrigar o egoísmo que só vê a si mesmo, compreendendo o equívoco do outro.

Quem ama realmente não precisa ter de perdoar, pois, desde que percebeu o equívoco do outro, viu-lhe a ingenuidade e a ignorância das leis de Deus e passou a buscar uma forma de ajudá-lo a entender seu equívoco.

O cultivo do perdão começa na medida que se busca o equilíbrio após discussões domésticas típicas do estresse e da falta de diálogo e sempre que se deixa de transferir responsabilidades para os outros. É comum buscar-se um culpado e isso é fomentador de revoltas, de sentimentos contaminados e de novas discussões.

O perdão liberta o outro da culpa permitindo-lhe refletir sobre os acontecimentos que geraram as discussões. Abre-lhe o coração para o entendimento de si mesmo e do outro.

Todas as experiências em família que geraram culpas merecem ser revistas para que não se formem núcleos fomentadores de discórdias nem se ampliem antigos *carmas* negativos.

Fundamental que o senso de justiça das pessoas acolha a misericórdia. Sem ela as relações passam a se basear na ‘causa e efeito’ que sugere o ‘olho por olho dente por dente’. A misericórdia é a presença de Deus na chamada ‘lei’ de causa e efeito. Tal ‘lei’, que não se fundamenta no amor, é apenas uma expressão, a qual nos deve levar apenas à compreensão da lei de retorno a uma nova encarnação. É a misericórdia que nos liberta da experiência culposa pela ação do perdão.

O perdão sugere a compaixão. Ela deve estar sempre presente quando dirigirmos o olhar sobre o outro que se encontra em equívoco ou em desequilíbrio de qualquer natureza. A compaixão nos permite abrir a mente e o coração simultaneamente para a empatia com o outro, fazendo-nos vibrar numa frequência que nos aproxima de Deus.

Quando falamos em *carma* queremos que se entenda como uma ação e não como algo pesado e negativo. É uma palavra que deve nos levar à consciência da reencarnação e que pode ser,

depois de ocorrido, modificado de acordo com o livre-arbítrio de cada um. Nenhum *carma* é definitivo como nenhuma ação terá suas conseqüências rigidamente pré-determinadas.

É necessário que não se adie o diálogo que se queira e deva ter com alguém para se sanar conflitos. Quanto mais se demora em solucionar um conflito, mais se pretende ter a razão. Isso promove a espera de que o outro tome a iniciativa, fazendo com que o orgulho apareça.

Para que o perdão realmente ocorra é preciso remover velhas feridas que ainda sangram no coração promovendo a mágoa. Antigas desavenças, velhas inimizades, ódios não aplacados, devem ser, em face do perdão, removidos para que o amor seja sentido em plenitude.

O convívio em família

Fernanda, embora tenha apenas 16 anos, se sente muito responsável em casa desde o dia em que seu pai faleceu há dois anos. Ela mora com a mãe e um irmão de oito anos. Sua mãe trabalha como gerente de uma loja de roupas e tem muito pouco tempo para se dedicar aos afazeres da casa. Sua mãe não ganha o suficiente para pagar uma empregada doméstica, o que a coloca como colaboradora e responsável por tarefas importantes na casa. Todos os dias, antes de ir à aula, acorda mais cedo, e, junto com a mãe, prepara o café e veste o irmão para a escola.

Muitas vezes ela se lembra do pai e da falta que ele faz. Sua morte, além de ter reduzido um pouco o padrão de conforto da família, também lhe trouxe mais maturidade e um certo ar de tristeza em seu semblante. Ela costumava ouvir dele as recomendações para que se preocupasse com seu próprio futuro a fim de não depender futuramente de um marido. As palavras dele, ditas em tom amoroso, sempre ecoavam em sua mente. Compreendia que ele queria para ela o mesmo que proporcionara à sua mãe, isto é, independência para trabalhar e ter seus amigos sem que a desconfiança ou a posse pairasse na relação.

Só agora, depois de se perceber uma adolescente madura e responsável, era capaz de avaliar a importância das conversas proporcionadas pelos seus pais, à mesa, quando almoçavam, nas

quais os assuntos eram tratados de forma clara e aberta. Compreendeu que, naqueles momentos, valores como honestidade, respeito ao outro, segurança, autoconfiança, fraternidade, dentre outros, lhes foram transmitidos de forma natural, sem imposições. Percebia que seus pais vivenciavam o que pregavam.

Sua percepção lhe permitiu acreditar que uma boa convivência familiar calcada no diálogo aberto é capaz de preparar as pessoas para tempos difíceis e de sustentá-las para superar os desafios da vida.

Após o falecimento de seu pai e por influência de uma amiga, passara a assistir reuniões públicas num Centro Espírita próximo à sua casa. Isso lhe deu conforto e a certeza de que seu pai vivia em algum lugar muito bom, em face da pessoa responsável, madura e amorosa que era.

Ela compreendia que naquela família ela tinha um papel e não pretendia deixar de cumpri-lo. Sabia que seu irmão mais novo, que já não contava com o pai, teria de aprender com ela e com a mãe os valores que ela recebera.

Muitas vezes entendia quando sua mãe ficava nervosa e brigava com seu irmão. Geralmente adotava uma postura conciliadora, valorizando a harmonia. Evitava confrontos com a mãe e com o irmão, pois decidira não transferir para ninguém as causas de seus conflitos íntimos, embora os dividisse com os outros.

Fazia tudo para que sua família permanecesse em paz, pois sempre aprendera que onde se vive, se come e se dorme, se constrói um tesouro e se aprende o verdadeiro conceito de felicidade.



A vida em família se caracteriza pelas projeções, transferências e manifestações de sentimentos. Sempre estamos realizando uma dessas condições mesmo que inconscientemente. Quando reencarnamos, não sabemos como vamos encontrar aqueles com os quais contracenaremos na vida material. Criamos

expectativas antes e durante o reencarnar. Quando criança, tender-se-á a adotar-se uma postura mais receptiva, mas não passiva, a qual torna o espírito vulnerável às transferências, pois se atribuição às pessoas poderes e qualidades que nem sempre possuem.

A partir da adolescência, sem que cessem as tendências transferenciais, iniciam-se as projeções que afastarão o espírito por um bom tempo da possibilidade de que se enxergue o si mesmo, vivendo num mundo de *personas*.

Na vida adulta e até que venha a morte do corpo, as emoções e sentimentos adquiridos ao longo das encarnações bem como aqueles resultantes das experiências da vida atual, estarão em ebulição exigindo direcionamento adequado.

Os conhecimentos intelectuais, que tanto capacitam as pessoas a viver no mundo, são vetores importantes para que o espírito lide adequadamente com seus sentimentos. Estes sim, devem merecer atenção dobrada, pois a natureza humana se move sobre seu terreno movediço. Quando ele se alicerça em bases sólidas, o espírito está pronto para o encontro consigo mesmo. Quando os sentimentos são percebidos e tratados com o contributo da dimensão intelectual, se constituem em poderosos recursos estruturantes no psiquismo.

O convívio em família requer a percepção das transferências, a eliminação das projeções e a expressão equilibrada dos sentimentos.



Torna-se muito importante, para qualquer filho, os adjetivos empregados pelos pais na convivência com eles. Quanto mais elogiarmos sinceramente nossos filhos, mais eles tenderão a corresponder ao que ouviram. Filhos que foram estimulados pelos pais tendem a alcançar mais sucesso do que aqueles que não foram impulsionados a um futuro promissor. Uma palavra bem colocada, um adjetivo aplicado no momento adequado, podem ser sempre lembrados para o sucesso de uma encarnação.

As relações humanas, além de serem permeadas de projeções e de transferências, se estruturam em cima de papéis pré-definidos que norteiam a comunicação entre as pessoas. Tendemos a ‘exigir’ que as pessoas assumam modelos de comportamento que criamos e idealizamos. Sempre esperamos que as situações se desenrolem dentro de um esquema tal que não fujam de nossas expectativas. Não gostamos quando as coisas saem de um padrão pré-estabelecido. Nem sempre sabemos lidar com o que nos foge ao controle. Não é difícil observar em família que queremos que cada um siga seu papel e não nos aborreça.

É preciso estar atento para não despejar críticas duras sobre os filhos por eles não estarem fazendo as escolhas que se esperava que fizessem. As escolhas deles podem frustrar as expectativas dos pais, não por rebeldia ou agressão, mas por estarem seguindo o impulso natural, próprio, de crescimento que trazem no íntimo. Educar é flexibilizar ou rever as próprias convicções em favor da singularidade do outro.

Aquele pai funcionou como um pescador de valores nobres para sua filha, pois em tão pouco tempo de convivência nessa encarnação, deixou marcas estruturantes em seu psiquismo



Nem sempre nos damos conta de que as relações familiares são influenciadas por espíritos que delas participam. A qualidade dessas influências varia de acordo com o tipo de vínculo que entre eles existe. Em face de suas vinculações de natureza afetiva que conservam com seus entes queridos, como também devido a ligações *cármicas* negativas que os atraem, a atuação dos espíritos pode ou não contribuir para o equilíbrio familiar.

Pode-se considerar que uma família não se constitui apenas de seus membros encarnados, visto que no entorno deles vivem entidades desencarnadas dos mais variados tipos. Nela encontram-se desencarnados cujos laços se devem à atual

encarnação ou outros que se encontram vinculados pelo convívio em encarnações passadas. Por outro lado, pode-se encontrar eventualmente numa família espíritos que não tenham nenhum vínculo com ela, mas que ali se encontram por intercessão de terceiros, com os mais variados objetivos.

Considerar a existência desse universo espiritual participante da família propicia a percepção das causas não só de conflitos como também das mais inusitadas alegrias. Não basta crer na existência dos espíritos. Importa considerar suas influências conscientizando-se da relevância que elas têm. Dar-se conta da presença dos espíritos e da influência que exercem constantemente pode ser o diferencial entre famílias. Enquanto ela não se dê conta de suas influências, sofre-lhes as conseqüências, ficando seus membros passivos, tal qual autômatos. Caso os considere como participantes da dinâmica familiar, podem lhes aproveitar a presença para o crescimento espiritual do grupo.



As relações humanas são permeadas por mecanismos psíquicos conscientes e inconscientes. Por este último aspecto nem sempre sabemos os motivos que nos levam a essa ou aquela atitude, pois eles podem nascer das camadas mais profundas da mente até alcançar a consciência. O inconsciente contém experiências (e emoções delas resultantes) acumuladas nas várias encarnações do espírito. Por esse motivo, as relações são influenciadas por outras que tivemos com os mesmos espíritos que hoje renascem e convivem no mesmo teto. Poucos espíritos estão juntos pela primeira vez, pois, via de regra, já se relacionaram antes, no desempenho dos mais diversos papéis sociais.

A lei de Deus nos reúne ao necessário aprendizado e para a manifestação do amor pleno. A vida em família é, portanto, o grande laboratório onde os espíritos reciclam-se para a própria felicidade. É ali onde se reúnem antigos amores e velhos desafetos

para que, no desempenho dos papéis familiares, aprendam a se amar verdadeiramente.

Ao reencarnarmos, trazemos gravados os sentimentos que tivemos em relação a cada pessoa que reencontramos. Em nossos arquivos perispirituais constam as mágoas, tanto quanto as gratidões, bem como tudo que foi projetado por nós naquele espírito em vidas passadas. Quando falo em projeção quero dizer aquilo que se configura a imagem da pessoa em nós, carregada das emoções que lhe endereçamos. Se, por exemplo, reencontramos, pela reencarnação, um antigo pai que nos foi muito querido no qual confiávamos e o víamos como uma pessoa provedora, honesta, séria e competente, tenderemos a projetar essa imagem nele caso o reencontremos. Se ele renasce, como irmão consanguíneo, tenderemos a projetar nele a imagem daquele pai, gravada em nós. Em família estamos sempre projetando as emoções gravadas internamente, oriundas do passado, nos espíritos que retornam à nossa convivência. Quando, por algum motivo, aqueles espíritos não retornam à nossa convivência, tenderemos a projetar aquelas imagens em pessoas que ocupem o mesmo papel familiar. No exemplo citado, caso o antigo pai não tenha reencarnado, tender-se-á a exigir do novo pai que ele corresponda à projeção atribuída ao anterior.



Escolhemos entre pessoas que fazem parte de nosso universo consciente, tenhamos ou não relações estreitas com elas, para que ocupem funções de destaque no psiquismo. Queremos que os personagens do universo familiar sejam modelos de perfeição e de caráter. O pai será aquele indivíduo bem sucedido, sábio, experiente, moderno e conselheiro, à semelhança da imagem *arquetípica*⁵ gravada psiquicamente. Da mesma forma o fazemos com a mãe.

⁵ Vide definição de *arquétipo* em nota adiante.

Essas imagens são modelos cunhados pela tendência que todos temos de encontrar um pai ou u' a mãe exemplares e idealizados. Cristalizamos psiquicamente figuras cujas características se aproximam daqueles modelos e as transformamos em imagens recorrentes na mente inconsciente.

Imaginemos alguém que teve um péssimo pai, na atual ou em outra encarnação. Terá que fazer algum esforço para aceitar um novo pai, mesmo que ele seja efetivamente um bom pai. O mesmo ocorrerá em relação aos outros papéis familiares.

O acúmulo dos papéis resultantes das vidas sucessivas formará internamente uma imagem de pai, que tenderá a ser projetada externamente, sendo que o último exercerá maior influência na encarnação posterior.

Devemos entender que todos temos a tendência *arquetípica* de projetar nosso mundo interno no externo. As pessoas com quem convivemos servem também para que, inconscientemente, lancemos nosso próprio caráter nelas. Os aspectos inconscientes da personalidade do ser humano são invariavelmente colocados sobre aqueles com os quais nos relacionamos. Daí a importância de analisar a idéia que se tem dos próprios familiares como parte do seu psiquismo inconsciente. Assim pode-se conhecer um pouco mais sobre si mesmo através da relação com o outro, pois nele projetamos boa parte daquilo que somos.



Fundamental para o equilíbrio e a paz em família é o diálogo afetivo entre seus membros, principalmente nos momentos onde a tensão interna da casa ameace a harmonia doméstica. Cabe sempre aos responsáveis pelo lar a iniciativa, não se esperando que 'quem não tenha razão' peça desculpas ou fale primeiro. Quem compreende mais deve iniciar o processo de harmonização.

Tais diálogos devem também ocorrer fora dos momentos de tensão, quando os ânimos não estejam exaltados. Após as

discussões deve-se refletir sobre qual a melhor forma de retomar o diálogo e de que maneira ele deve ser conduzido para não ferir a suscetibilidade dos outros. Será sempre importante observar o tom da voz e as palavras, que devem ser colocadas de forma a expressarem afetividade e amorosidade. Às vezes não conta o que dizemos, mas com que modulação de voz e emoção o fazemos. Uma mesma crítica poderá ser aceita por alguém que tenha dificuldade de admitir que está equivocado, se o fizermos com amorosidade.

Quando conversarmos com alguém, devemos procurar poupar a pessoa do nosso mau humor e da agressividade que porventura tenhamos, pois, caso contrário, estaremos nas mesmas condições de quem assim age conosco e, sabemos por experiência, o quanto tal tratamento é desagradável. A fala amorosa desperta no outro um sentimento recíproco que permite a comunicação num nível profundo, conectando os corações. Foi dessa forma que o Cristo conseguiu atingir as pessoas e perpetuar suas palavras até hoje.

Quando falamos com o coração, quem nos ouve guarda nossas palavras e permite que elas repercutam por muito tempo em sua mente.



Todos nós somos suscetíveis às influências do meio da mesma forma que interferimos nele. Difícil é determinar o que tem mais importância. Não é diferente na vida em família. Todos interferem no grupo como também sofrem interferência dos demais. Porém, há um fator que influencia o grupo familiar e que, de tão sutil, não é percebido por ninguém. Trata-se do modo de ser de cada um que não aparece explicitamente nos atos nem nas palavras e que não é dito, mas que é captado inconscientemente por todos.

O que não se diz, mas se pensa; o que não se expressa, mas se sente; o que não se faz, mas se deseja; moldam o com-

portamento do outro, exercendo tanta influência quanto o meio e quanto aquilo que é dito e feito pelos demais.

Quando se aconselha que prevaleça o diálogo é também no intuito de diminuir a influência do que não é dito. Quanto mais se exercita o diálogo buscando explicar aquilo que se pretende para com o outro, estreitam-se os laços e se estabelece a confiança mútua.

Tudo que se deseja fazer e que implique em reciprocidade ou atuação por parte de alguém, deve ser explicitado com o máximo de clareza possível. Quanto mais se puder explicar o que se faz, mais se obtém êxito quando o que se quer depende de terceiros.

Quando falta o diálogo na relação com alguém ou quando se economizam as palavras, permite-se que se estabeleça uma certa distância com o outro. Isso contribui para que o outro possa exercer sua imaginação e criatividade para com o desejo de quem lhe aciona. Abre-se um campo imenso de possibilidades para que o outro possa pensar o que lhe aprouver quanto às reais atitudes de quem o busca.

Quando isso se refere aos filhos, cujas personalidades podem ainda estar em vias de consolidação, sobretudo na juventude, torna-se fundamental que a comunicação se estabeleça com muita precisão e clareza.

A vida muito voltada para o trabalho que naturalmente exige atenção, pois sem ele não se sobrevive, limita uma maior aproximação entre as pessoas na família. O diálogo se dá em tempo restrito e as conversas são prejudicadas pelo estresse diário. O cansaço, o sono, dentre outros fatores, interferem na disposição em se conversar com alguém. Muitas vezes, chega-se em casa disposto apenas a ir para a cama. Qualquer outra coisa seria exaustiva demais.

Acresce a essa dificuldade, a natural timidez e dificuldade em falar de si mesmo aos outros. Restringem-se os diálogos às reivindicações, queixas e ao trivial, sem que se tenha o cuidado de abordar questões relevantes da vida de cada um.

As acusações, mesmo que tenham fundamento, que são feitas contra um outro membro da família, tendem a desestabilizar a estrutura familiar e levar dificuldades ao diálogo e ao convívio fraterno. Pode-se abordar alguém que cometeu um equívoco sem acusá-lo ou agredi-lo. Tendo-se o cuidado de colocar a questão com o objetivo de educar e não de punir sumariamente.

As brigas domésticas, as quais ocorrem naturalmente, nunca devem ameaçar o equilíbrio e a harmonia do lar. Quem discute com outra pessoa deve atentar para que, após a discussão, a paz se estabeleça.

Não se pode esquecer que estamos cercados de testemunhas invisíveis, espíritos desencarnados, que participam de nossas vidas, com os mais diversos interesses e que contribuem positiva ou negativamente para o que ocorre em casa.



“Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.”⁶

Interessante a fala de Jesus no que diz respeito a comparar pessoas a peixes. Parece que ele quis mostrar àqueles pescadores que havia algo mais nobre a fazer além de pescar peixes. Pescar é retirar de dentro da água para fora, isto é, colocar no claro algo que está no escuro; é iluminar o que se encontra nas sombras; é permitir que algo saia do inconsciente para a consciência; é elevar o que está em baixo; é exaltar o que se encontra em situação de inferioridade. Poder-se-ia pensar que o Cristo estaria colocando que é necessário estimular aquele cuja auto-estima se encontra baixa. Suas palavras podem servir para os pais que podem se transformar em pescadores de seus filhos a fim de que eles se sintam confiantes em si mesmos. Nenhuma das palavras

⁶ Mateus 4:19.

do Cristo deve ser entendida apenas em seu sentido genérico ou literal, mas considerando-as como dirigidas ao mundo psíquico de cada um. Ele falava para poucos, pois, naquela época, não havia recursos técnicos de propagação da fala. Comparar pessoas a peixes é mais do que uma figura de retórica. É colocar que cada ser humano pode, com suas palavras e atos, contribuir para estimular o outro em seu processo de desenvolvimento da consciência espiritual. Estimular os filhos é dever dos pais e não lhes exige nenhum preparo especial. Basta que se tenha o cuidado de estar atento a essa necessidade para que eles, um dia, se sintam mais do que peixes no fundo das águas, mas criaturas de Deus, nascidas para a iluminação.

O Cristo convidou pescadores para se transformarem em apóstolos, num ministério diferente do que estavam habituados. Enxergou habilidades que eles mesmos desconheciam que poderiam exercer. Agiu como um pai ao descobrir as potencialidades dos filhos estimulando-os a que as utilizem em suas vidas. Ao convocá-los diretamente transmitiu segurança no que fazia não deixando margem de dúvidas quanto ao que queria. Serviu de guia para aquelas pessoas simples.

Essa é a tarefa que nos cabe diante da indecisão dos filhos. Iluminar suas consciências para a escolha do caminho mais seguro em suas vidas. Dar-lhes educação doméstica, a qual não pode ser substituída pela educação formal.

Nesse aspecto é também importante para os pais passar aos filhos a confiança no auxílio espiritual, visto que somos seguidos por eles, os filhos, quando reencarnamos. Eles também nos influenciam nas escolhas profissionais e contribuem para que encontremos o melhor caminho de acordo com os planejamentos reencarnatórios que fizemos. Nenhum ser humano é uma ilha, pois mesmo encarnado não se encontra isolado daqueles que fazem parte de sua família espiritual. Saber que contamos com os Bons Espíritos contribui para nosso sucesso.

Tornar-se *'pescador de homens'* significa ser capaz de entender a natureza humana e encantar-se com ela iluminando os

caminhos dos outros que vêm atrás de nós. Nenhum egoísmo deve fazer parte de nossa vida quando estivermos atuando na educação de nossos filhos. Eles são um dos mais importantes campos de realização nas nossas vidas. Todas as vezes que colocarmos o egoísmo à frente de nossas ações, estaremos longe do verdadeiro encontro conosco mesmos, do encontro com o *Self*.

Cada ser humano pode se tornar o nosso 'peixe', pois poderemos elevá-lo à luz, e assim iluminarmos seu caminho da mesma forma que alcançamos as claridades da superfície.

Evangelho no lar

Amilton é dedicado expositor espírita num Centro em bairro distante de onde mora. Mesmo casado e com três filhos, consegue dedicar-se à tarefa evangélica sem comprometer suas obrigações para com a família. Divide-se entre seu trabalho profissional como empregado de uma empresa bancária de economia mista, o Centro Espírita a que ajudou a fundar e a família, à qual ele dirige seus sentimentos mais nobres, dando a cada dimensão de sua vida o devido tempo.

A esposa, embora não o acompanhe em suas tarefas espíritas, compreende e aceita quando o companheiro sai, pelo menos uma vez por semana, para suas palestras pelos bairros da grande cidade onde moram.

Ele acredita que está desempenhando com sucesso seus compromissos espirituais e acha que sua missão na Terra está indo bem. Porém, é em casa onde ele sente mais dificuldade. Não entende a causa de, às vezes, no lar, não conseguir o que alcança fora dele.

Quando faz suas exposições sobre temas espíritas consegue convencer as pessoas daquilo que diz. Sabe argumentar em favor das teses espíritas. Mas, em casa, quando realiza o encontro semanal para leitura e análise de temas do Evangelho, sente dificuldade em fazer com que seus filhos os aceitem.

Veza por outra, pode-se vê-lo tentando organizar as idéias para que seus filhos adolescentes aceitem as claridades do Evangelho.

Desde que começou a fazer as reuniões contava com a boa vontade de todos para que se iniciasse no horário pré-determinado. Porém, à medida que os filhos foram crescendo, notava a dificuldade em reunir os três e em fazê-los participar da análise das lições.

O desinteresse dos filhos não ocorria por conta das motivações adolescenciais voltadas para o imediato e para o mundo externo. Acontece que nosso Amilton aproveitava as reuniões evangélicas para cobrar dos filhos e para lhes chamar atenção quando cometiam algum deslize. Continha-se para não deixar a raiva vir à tona quando, em meio às reuniões, um dos filhos demonstrava desinteresse ou falta de atenção. Amilton era bom no verbo, mas desatento à psicologia da alma, que exige paciência e amorosidade.



Todos queremos convencer os outros para nossas convicções e com isso formar um mundo tal qual o concebemos. Achamos que, se ele fosse como nós o pensamos, viver-se-ia melhor. Esse é o desejo do *ego* que ainda não se encontra conectado ao *Self*⁷.

Aplicar no lar os princípios contidos no Evangelho não é tarefa fácil como pode parecer. Não se trata de transmitir conhecimentos como se estivesse numa escola comum. Tampouco se pode acreditar que, o simples fato de estarem juntos, sob inspiração dos bons espíritos, interpretando as mensagens nele contidas, é suficiente para a resolução dos problemas da família e para a aceitação rápida pelos filhos dos conteúdos dissertados. Nem sempre o que se escuta, se consegue internalizar imediatamente.

⁷ *Self* é o *arquétipo* central do psiquismo humano, o qual nos leva à busca da *individualização*. É a tendência coletiva à perfeição inerente ao ser humano.

O Evangelho no lar é mais do que uma reunião semanal em torno de uma leitura que, indiscutivelmente, é providência salutar a todos que ali vivem e momento de paz que beneficia a quantos participem. O verdadeiro Evangelho no lar é mais do que um culto semanal, pois se constitui no exemplo daqueles que ali vivem. O exemplo que os pais passam na sua conduta que, ao menos, ali, deveria ser pautada nas mensagens do Cristo, é o que realmente se fixa na mente dos filhos.

O processo evolutivo humano passa pelo desvestimento das máscaras sociais tão comuns na vida em grupo. Com o Evangelho no lar, a *persona* deve dar lugar ao *Self*, pois ninguém conseguirá enganar tanto tempo aqueles com quem convive.

Em casa todos percebem quem somos e o que escondemos. O Evangelho no lar deve contribuir para que a transparência seja a tônica no convívio.



Dedicar uma das noites na semana à leitura do Evangelho com a participação da família é empreendimento oportunamente salutar em qualquer circunstância da vida doméstica. Representa a união da família em torno da conexão com a espiritualidade de cada um.

Nem sempre se inicia em face da união e do encontro entre as pessoas que convivem sob um mesmo teto, mas justamente pelo contrário, por falta de entendimento entre eles, exigindo aquele momento para que busquem aproximar-se uns dos outros.

É um momento de comunhão em torno do amor e da fraternidade entre as criaturas. Nele cessam as desavenças para que o equilíbrio no lar seja possível.

A expressão ‘Evangelho no Lar’ conduz à percepção de que se trata de um momento de encontro espiritual na família. A natureza deste transcende a de outros encontros nos quais não se coloca como algo consciente a presença e intercessão (‘invisí-

vel') de espíritos desencarnados benfeitores. Difere de reuniões familiares para se tratar de questões graves e difíceis de serem conduzidas. É momento de paz, alegria pessoal e de intimidade com Deus.

É um momento especial onde o mais importante é a comunhão que se pretende entre o indivíduo e sua espiritualidade, isto é, entre espíritos de diferentes vibrações, para que se unam em favor do crescimento de todos e para que se desanuviem as consciências de cada um em benefício do entendimento do significado da Vida.

Certamente que será constituído de expectativas e esperanças para que a situação em que se encontra o grupo venha a melhorar. Espera-se uma melhora no relacionamento entre as pessoas e a construção de um ambiente harmônico no lar. Aquela reunião não promoverá mágicas nem mudanças a curto prazo; no entanto se espera que a partir dela cada um faça a sua parte em benefício do bem estar do grupo em que vive, pois é dever de todos colaborar para sua harmonia.

Não deverá se tornar um campo de atuação que substitua o diálogo franco e fraterno que deve existir em outros momentos, sobre temas delicados que digam respeito a questões graves de cada componente da família. Em outras ocasiões deve haver diálogos sobre tais questões, aproveitando-se o entendimento já havido, proporcionado pelas reuniões sob a inspiração do Evangelho do Cristo. O momento da leitura do Evangelho no lar não deve ser utilizado para se tratar de questões que tragam constrangimento ou causem melindres às pessoas.

Não se deve aproveitar aquele momento como espaço para críticas aos outros ou tentar mudar convicções das pessoas ou mesmo para chamar a atenção sobre comportamentos inadequados de presentes ou ausentes. O centro da atenção deve ser a claridade das lições do Evangelho para que todos se enriqueçam com suas orientações positivas.

Não será naquele momento que, por exemplo, o pai ou a mãe deverá repreender filhos, e vice-versa, ou 'estocar' um ao

outro. Por outro lado, os filhos não devem transformá-la em fórum de debates dos seus problemas ou de reivindicação para com os pais ou entre si. Nem tampouco fazer queixas sobre os irmãos perante os pais.

O privilégio deverá ser o de aprender a viver à luz dos ensinamentos do Cristo para que todos cresçam.

O lar é o campo de realização da missão de cada espírito em aprender a se relacionar com seu semelhante. A reunião não deve ser transformada em campo de doutrinação à semelhança de um Centro Espírita, devendo-se respeitar as convicções de cada pessoa. Nenhum dos presentes deverá estar ali a contragosto ou obrigado por quem o dirija, pois educar é libertar. A oportunidade de reunir a família para a oração não será o momento para se doutrinar alguém tentando fazê-lo aceitar o que já consolidamos na consciência. É contraproducente tentar mudar as convicções de alguém quando não há receptividade ou aproveitar momentos de sublimidade para impor idéias.

O lar não deve ser transformado numa escola formal, pois se trata do local onde o amor deve se manifestar em plenitude no coração das pessoas. O Evangelho no Lar pertence à intimidade da família. Nem a reunião nem o lar devem ser transformados em Centro Espírita, pois pode trazer danos à paz e ao desenvolvimento do grupo. A família que deseje viver sob a designação de um lar deve preservar-se, mantendo sua privacidade. Quando outras pessoas, não componentes da família, comecem a participar da reunião, aumentando sobremaneira o número de participantes, é hora de mudá-la de lugar e de objetivos, mantendo-se a leitura do Evangelho em família.

A evocação direta aos desencarnados no momento do encontro no lar torna-se desnecessária tendo em vista suas presenças naturalmente requisitadas, não só pela oração que se faz durante o ato, como também pela elevação dos pensamentos que deve vigorar entre os presentes, antes, durante e depois. A manifestação de espíritos desencarnados no momento da reunião deve

ser encarada como eventualidade, não se constituindo em obrigatoriedade. As comunicações mediúnicas não devem ser proibidas, tampouco estimuladas, mas tratadas com equilíbrio para que elas não transformem a reunião em atendimento espiritual, qualquer que seja sua natureza.

O encontro de corações naquele momento é que proporciona a elevação da vibração espiritual do ambiente e objetiva contribuir para o crescimento pessoal dos componentes da família. Não é uma reunião de culto externo nem deve ser de caráter ritualístico. Deve proporcionar satisfação e paz a quem dela participe. É o momento de se eliminar as diferenças e se escutar no silêncio da oração a alma de cada um.

O evangelho no lar é o momento de leitura e aprendizagem com alegria e satisfação. A reunião não deve substituir outras que devam ocorrer em benefício de todos.

É o encontro com Jesus para que a vida se torne mais agradável e as dores, os sofrimentos e a ignorância possam ser mais bem compreendidos. Ninguém na Terra está suficientemente seguro que não precise de uma luz em seu caminho. O Evangelho, tanto quanto outros códigos de amor que a humanidade possui, permite que enxerguemos a Vida como um presente de Deus.



Nas relações humanas predominam a exteriorização de valores e aspectos da personalidade que são agradáveis ao meio no qual nos encontramos. Mostramos o que condiz com uma imagem externa própria aos interesses pessoais, muitas vezes inconfessáveis, mas que satisfaz ao *ego*. Chama-se essa imagem externa ou sub-personalidade de *persona*. Confundimos a pessoa que somos com a *persona* que mostramos. Esquecemo-nos de que também há uma parte da personalidade que raramente aparece, mas que nem por isso deixa de exercer influência sobre o comportamento humano. Essa parte, que também é uma sub-

personalidade, contém os aspectos negados e desconhecidos do psiquismo humano. Chama-se essa imagem interna de *sombra*⁸. *Sombra* e *persona* são aspectos do psiquismo humano que se contrapõem e que exercem grande influência sobre a vida e a evolução do espírito.

Não devemos esquecer de como funciona a mente humana e como esses dois importantes *arquétipos*⁹ atuam a fim de que possamos aproveitar melhor a encarnação.

Geralmente quando dialogamos com nossos filhos, principalmente quando ainda são crianças, deixamos que a *persona* apareça a fim de que eles conservem uma boa imagem de nós. Escondemos a *sombra* por ela ter aspectos condenáveis externamente e por acreditarmos que daríamos péssimo exemplo a eles se a deixássemos aparecer. Assim vivemos por muito tempo viciando-nos em mostrar a *persona* e esconder a *sombra*.

É importante que, de vez em quando, mostremos aos nossos filhos e com quem convivemos, um pouco de nossa *sombra* e deixemos a *persona* de lado em benefício de uma relação mais transparente e verdadeira.



*“Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: **Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício.** Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores.”*¹⁰

Talvez tenhamos uma dimensão acanhada do significado de pregar o Evangelho ou mesmo os princípios espíritas. Pensamos que o fazemos principalmente para que a humanidade se

⁸ *Sombra* é a parte da personalidade que desconhecemos ou que negamos em nós.

⁹ *Arquétipo* é uma estrutura psíquica que se traduz numa tendência padronizada a pensar ou agir de uma determinada maneira coletiva.

¹⁰ Mateus 9:12 e 13.

torne melhor. Ainda não percebemos que o desejo de pregar vem de uma necessidade interna de crescimento espiritual da pessoa que o faz. A primeira pessoa que deve se beneficiar é o próprio divulgador.

Há quem aproveite inconscientemente as palavras ditas pelo Cristo para dar suporte e credibilidade ao seu senso de justiça e à sua rigidez. Nossos inimigos não estão fora de nós, tampouco são aqueles que se encontram conosco no mesmo teto.

Em família, mais do que em outros ambientes, deve-se utilizar a misericórdia e o amor. Querer doutrinar os membros da família é advogar em causa própria com o risco de não alcançar sucesso.

Nossos familiares não são os pecadores nem devem ser colocados no pelourinho para que neles projetemos nossa sede de justiça que, na maioria dos casos, é de injustiça.

Os doentes a que o Cristo se referia são todos aqueles que pensam que apenas o outro é quem deve mudar.

A crítica ao filho(a) ou ao companheiro(a) deve ser feita em momento adequado e de forma amorosa a fim de que a raiva e o desequilíbrio não tomem conta da reunião evangélica.

Nenhuma verdade, por mais clara que possa ser, deve ser imposta, pois a cada um se ensina segundo sua possibilidade de entendimento. Nossos filhos não são nossos inimigos nem devem ser tomados como infiéis ou pecadores. A tolerância, a compreensão, além da compaixão, são mais convincentes do que toda a lógica que as palavras possam formar. As claridades do Evangelho se assemelham à pequena lâmpada que ilumina apenas o necessário. Os holofotes costumam cegar àqueles que olham em sua direção.

O Evangelho

Luiz Augusto costumava conversar com seus colegas de trabalho a respeito das letras do Evangelho. Às vezes, ficava horas após o expediente na tentativa de demonstrar as verdades que ele enxergava nas Escrituras, sobretudo no Novo Testamento. Sabia de cor algumas frases do Cristo e tinha sempre um exemplo à mão para demonstrar que nada ali estava errado, consciente de que tudo o Evangelho explicava.

Ele não entendia como as pessoas não alcançavam as verdades do Evangelho. Embora fossem tão claras a ele, nem sempre conseguia fazer-se entender quando as explicava.

Em casa, costumava expor aos filhos as interpretações clássicas das parábolas do Cristo a fim de que eles não esquecessem jamais. Era um pregador constante. Assim agia por acreditar firmemente no que dizia. Apesar de, por vezes, radicalizar, era honesto e puro em suas crenças.

Um belo dia, despreocupado das lições que a Vida oferece independentemente das crenças pessoais, Luiz Augusto enfrenta uma pergunta de seu filho mais novo. À noite, enquanto jantavam, o garoto de nove anos pergunta ao pai:

– Meu pai, eu devo sempre praticar as lições que o senhor lê durante o Evangelho no Lar?

– Sim meu filho, por que?

– Eu disse à professora que a vida verdadeira era a espiritual e ela me disse que era preciso eu me concentrar na vida escolar e que essa era a minha verdade a ser seguida.

– Meu filho, sua professora não sabe das verdades eternas. Um dia ela aprenderá. Embora a vida verdadeira seja mesmo a espiritual, você deve se concentrar em seus estudos.

Esse pequeno diálogo, ocorrido em tom amistoso, nos leva a perceber que a interpretação ao pé da letra pode promover equívocos no entendimento, sobretudo em crianças. É preciso sempre contextualizar e exemplificar o que se transmite.



O Evangelho é um manual de sabedoria e contém princípios, os quais, quando seguidos, contribuem sobremaneira para que o processo de evolução espiritual se dê com segurança. Porém, esse valioso instrumento nem sempre é utilizado de forma adequada.

Às vezes, prevalece o desejo do *ego* em se colocar em destaque por ‘possuir’ a mensagem sem que se dê conta de que ela deve ser vivida de forma pessoal e intransferível. Por se tratar do centro da consciência e pelo fato de que se estrutura para congregar seus conteúdos, torna-se sua essência básica o poder. Sua atividade cotidiana é, através do poder, unir os elementos da consciência.

Os conceitos éticos do Evangelho são aplicáveis a todas as pessoas, mas sua vivência prática é individual, isto é, cada indivíduo os aplicará de acordo com sua natureza íntima e com o nível de evolução em que se encontre.

Geralmente prevalece o mundo da *persona* quando se divulga suas claridades, pois que, aquele que o faz não pretende que lhe vejam a *sombra*, a qual ainda não pode ser mostrada.

Em família ele se torna valioso instrumento para se reduzir os poderes do *ego* e as influências das máscaras que a *persona* cristaliza. Sua mensagem deve alcançar primeiramente aquele que

Ihe identificou a luminosidade. Deve ele utilizá-lo em sua vida íntima e não apenas no trato social. Ele não é simples norma de etiqueta, mas um código que interfere nas estruturas psíquicas do ser humano. Fazer dele um instrumento *egóico* é lançar ‘pérolas a porcos’ o que pouca utilidade terá.

Penetrar em seu conteúdo e vivenciar sua mensagem é retirar o véu que impede o *Self* de prevalecer no processo de crescimento psicológico e espiritual.

As psicologias caminham para levar o ser humano ao caminho o qual o Evangelho tem iluminado desde muito tempo. Sua psicologia alcança a natureza essencial do espírito e, quando injetada, leva o indivíduo à iluminação.



O que faz do Evangelho um livro especial não é o fato de se referir a Jesus nem por ser parte constituinte da Bíblia, mas pela sabedoria contida em boa parte de seu conteúdo. O que nele está escrito sobre Jesus e seus feitos reflete ensinamentos profundos e que podem fazer o ser humano compreender melhor a si mesmo e ao Universo em sua volta.

É o código religioso de boa parte da humanidade e tem servido de apoio às atitudes perante a vida. Embora seu alcance seja muito maior do que aquele que tem sido utilizado, a cristalização das interpretações que se lhe dão são perigosas para o crescimento de quem dele se beneficia.

Parece que o que nele está contido veio de quem teve uma maior percepção da Vida ou de quem saiu da humanidade terrestre e alcançou o sentido do existir a partir de uma perspectiva divina. Naturalmente que a linguagem utilizada, adequada à época, está repleta de símbolos e de *arquétipos* que merecem interpretação coerente e contextualizada.

Utilizar o conteúdo do Evangelho para radicalizar interpretações parece ser um contra-senso à sua mensagem libertadora

que exige sempre uma conexão com a amorosidade do coração. Qualquer posição que implique em exclusão de pessoas pela discriminação, que leve à afirmação da violência, que afirme a superioridade de uns sobre outros ou que negue o amor e suas manifestações, se afasta do sentido essencial da mensagem do Cristo. Nada pode justificar atitudes que levem à ausência da paz.

Mesmo tendo sido escrito por pessoas, o Evangelho traz em suas entrelinhas o amor e a mensagem de esperança e de imortalidade necessárias ao ser humano em sua busca por Deus.



Enquanto estivermos precisando estabelecer um código no qual apoiemos nossas idéias e nele afirmemos nossos princípios, estaremos ainda no aprendizado e no exercício da fixação desses princípios, sem que ocorra sua internalização definitiva. Após essa fase, estaremos com aqueles mesmos princípios internalizados em nós, de tal forma, que os códigos externos já estarão necessitando de atualização.

A evolução do espírito imortal exige contextualização de idéias e de princípios. Sempre que novos paradigmas forem aparecendo, o ser humano necessitará de crescimento intelectual e emocional para prosseguir sua evolução.

Todo conhecimento, seja escrito, falado, ou gravado em algum sistema, necessita de contextualização na medida em que a sociedade evolui. Os sinais utilizados para comunicar aquele conhecimento necessitam de interpretação adequada para que não promovam a estagnação do ser humano e não consolidem dogmas rígidos e ultrapassados.

O saber espiritual, seja vindo pelo Espiritismo ou por qualquer outro veículo de esclarecimento ao ser humano, pode ser encontrado nos sinais dos diversos princípios religiosos. É preciso abrir a mente para o entendimento de que a exclusividade de interpretação e a adoção de um único veículo como verdadeiro tem separado as pessoas entre si.

Nenhum livro, nenhuma obra, ou nenhum veículo de divulgação deve ser canonizado ou sacralizado sob pretexto de conter a ‘verdade’. Embora possa ser de inspiração divina, é sempre construído por pessoas, para elas e para outras pessoas.

Deve-se sim, preservar a originalidade do meio e do autor pelo qual aqueles princípios foram revelados. Porém, não se deve cristalizar o conteúdo na forma em que surgiu. Devemos lembrar sempre que *‘a letra mata e o espírito vivifica’*.

Em família, não devemos radicalizar princípios ou fazer as pessoas aceitarem normas por estarem escritas em algum livro, por mais respeitáveis que sejam. As normas que se pretendam passar aos filhos ou a alguém devem ser lógicas e bem explicadas a fim de que possam ser compreendidas e seguidas.

Todas as vezes que adotamos um referencial externo para apoio incondicional de nossas idéias, demonstramos que nos encontramos inseguros em relação ao que ela significa.

Do ponto de vista psicológico, quando assim procedemos, queremos esconder nossa ignorância ou o receio de que a *sombra* seja mostrada em relação àquele princípio que está sendo reafirmado com base em algo sacralizado. Insistimos, com essa atitude, em impedir que a manifestação autônoma da *sombra* venha a ferir os princípios conscientes, aos quais nos aferramos veementemente, numa tentativa de evitar o contato com aquelas partes repulsivas em nós mesmos, através do dogmatismo de alguma crença religiosa.

É necessário que nos libertemos dos dogmas, sejam escritos ou presentes na consciência. Todo saber evolui com o próprio ser humano.

Uma pessoa psicologicamente madura afirma seus princípios éticos de vida com base no bom senso, na lógica e na experiência emocional que extrai deles. Um princípio, para ser válido, deve estar sempre, quando vivido, levando o ser humano à felicidade em si e com os outros com quem convive.

Nenhuma verdade aprisiona ou separa uma pessoa de outra. As interpretações do que se escreveu ou se firmou como prin-

cípio básico para a humanidade não devem separar as pessoas ou levá-las à violência. Devem, acima de tudo, conduzi-las à felicidade.



“Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.”¹¹

Embora possa parecer à primeira vista insensibilidade de Jesus ao colocar isso para um discípulo que lhe falara que primeiro iria enterrar seu pai, veremos que se trata de um ensinamento importante.

Existem pessoas que costumam protelar seu processo de transformação interior em face dos convites que a vida cotidiana lhe exige escolher. Vivem sempre encontrando desculpas para adiar as mudanças necessárias ao seu processo evolutivo. Queixam-se das exigências sociais, dos compromissos materiais e da falta de motivação. Preferem manter-se na postura rígida que aprenderam desde a infância.

Foi-lhes ensinado que a fé resolve ou que acreditar em alguns princípios evangélicos lhes traria a tranquilidade para seu futuro. O que implica na falta de esforço pessoal para a necessária transformação. São mortos para a Vida. São pessoas cristalizadas em princípios que se tornaram estéreis pela falta de atualização vivencial. Estabeleceram dogmas sob a capa de que pertencem ao livro tal ou qual. Não se atualizam nem permitem outra visão a respeito daqueles temas. São mortos por carregarem conhecimentos mortos.

As leis de Deus são passadas ao ser humano através de sinais e símbolos dinâmicos, que se encontram nas mais diversas áreas e dimensões da Vida. Qualquer tentativa de se instituir veí-

¹¹ Mateus 8:22.

culos exclusivos de geração e de divulgação levará o ser humano à estagnação. O Cristo nada escreveu para registro de seus feitos. Preferiu a convivência simples com pessoas também simples, visto que o ser humano, na sua prática de vida, é o maior veículo de divulgação de suas próprias idéias.

O lar

Luciana tem trinta e oito anos, mora com o marido Jorge, de quarenta, e dois filhos. Ambos trabalham e os filhos estudam. A mais nova tem oito anos e o mais velho tem dez. Com eles convive também uma empregada que não dorme em casa, mas que é considerada uma amiga por eles e pelos filhos.

Jorge e Luciana se conheceram numa festa de formatura de um amigo comum. Após apresentações e conversas em torno de trabalho, passaram a sair e veio o namoro. Namoraram por três anos e se casaram com promessas de amor eterno.

Ambos não se lembravam, mas já se conheciam de outras encarnações, embora nunca tenham chegado a um relacionamento marital. Seria a primeira vez que o fariam. Havia grande probabilidade de dar certo, pois não havia nenhum *carma* negativo unindo-os.

Antes de se casarem, tiveram uma longa conversa na qual cada um expôs o que mais preocupava no outro. Jorge colocou que o incomodava a independência dela que, por vezes, se revelava com uma necessidade de mandar e dominar as pessoas. Ela lhe disse que se preocupava com sua tendência a iniciar projetos e não terminá-los.

Viram que essas duas preocupações poderiam ser sanadas desde que se esforçassem. Prometeram envidar esforços para

evitar que desistissem dos propósitos de mudança e de estarem atentos um em auxiliar ao outro.

Inevitavelmente as duas preocupações se materializaram logo no oitavo ano de casamento. Ela queria controlar tudo e todos e ele mudava de trabalho quase que todo ano.

A maneira de ser dela provocava irritação nele e conseqüentes brigas por motivos fúteis. A alternância de trabalhos dele fazia oscilar o orçamento doméstico provocando cobranças da parte dela.

Numa das brigas entre eles, por intercessão da filha mais nova que pediu que não brigassem, resolveram por fim àquela situação fazendo novos votos de ficarem juntos e de se melhorarem.

Ela buscou ser mais paciente e menos controladora à proporção que reconhecia sua dificuldade em ser menos ansiosa e temerosa quanto ao futuro. Pediu a ele que, sempre que ela se excedesse, chamasse a atenção de forma carinhosa.

Ele decidiu tomar um curso de capacitação e especialização em sua área profissional e pediu a ela que lhe desse pelo menos mais um ano para que se estabelecesse definitivamente numa empresa de grande porte. Embora argumentasse para ela que o mercado de trabalho era instável, reconhecia que não se esforçara muito para adquirir excelência profissional no que fazia.

E assim ambos caminhavam com suas dificuldades pessoais, mas fazendo planos para continuarem juntos. Ele dizia a ela que seu objetivo de vida era ser feliz e chegar à velhice com netos e a seu lado. Ela lhe dizia que tinha os mesmos objetivos acrescentando o querer fazer uma obra de caridade junto a crianças carentes.

Os filhos foram crescendo e os votos eram sempre renovados, sobretudo nas ocasiões especiais de aniversário de cada um e, principalmente, nos de casamento.

Ao chegarem aos vinte anos de casados notaram que alguns projetos novos foram incorporados aos objetivos iniciais. Por força da filha mais nova, que pedia ao pai um curso de especialização no exterior, eles tiveram de adiar o sonho de ter um apartamento próprio.

Para que o mais velho se casasse, eles tiveram que vender um dos dois carros que possuíam.

Embora ocorressem mudanças, o casal seguiu feliz seu plano existencial. Levaram a cabo seus projetos de vida e souberam construir um lar.



A vida a dois, por mais amor que exista, é sempre o desafio no qual a união harmônica deveria prevalecer no final. O encontro inicial se dá por vários fatores que fazem com que uma pessoa se relacione com outra. Para a manutenção da relação devem concorrer os seguintes requisitos: identidade de propósitos, amizade e atração sexual. Sem eles a relação corre o risco de se tornar instável. Quando um deles falta, o casal deve tomar consciência disso e buscar juntos alternativas de solução.

Psicologicamente uma relação é a busca por um complemento que se realiza de forma *arquetípica*. São opostos que tentam se conciliar no encontro amoroso, e assim o fazem para que a necessária *coniunctionis* ocorra, isto é, para que cada um integre em si o que projeta no outro e o que com ele aprende.

Cada um busca seu complemento, por esse motivo não deve esperar que pensem da mesma maneira ou que gostem das mesmas coisas. Querer a igualdade entre os dois é anular um deles. Não se deve pensar que, por serem diferentes, não possa a relação dar certo ou ser bem conduzida.

Um outro na vida de alguém deve levá-lo ao encontro consigo mesmo e à transformação de que necessita na vida. A união a dois deve levar ambos ao autoconhecimento, à descoberta de si mesmo, à transformação na vida social e à iluminação do Espírito.



Podemos sonhar com um lar no qual gostaríamos de viver, com características ideais e que nos permitisse viver em paz e feliz. Porém, esse lar é sempre fruto da construção pessoal de

cada um. Não é algo que recebemos gratuitamente, mas que construímos ao longo das vidas sucessivas do espírito que somos.

Pode-se pensar num lar onde haja discussões e preocupações, visto que são contingências naturais da vida em grupo. A vida, mesmo num ambiente em harmonia, exige que não percamos de vista o nível de evolução de cada pessoa e suas dificuldades íntimas.

Construamos um lar como um ambiente de paz e de harmonia, mas constituído por pessoas que possam, momentaneamente, apresentar algum tipo de insatisfação ou angústia. Afinal de contas a Vida oferece desafios constantes, os quais nos cabe vencer e com eles aprender.

Aqueles espíritos que não têm um lar devem considerar que estão em regime de experimentação para aprender a construí-lo ou então estão sob expiação para se habilitarem a merecê-lo.

Nascer sob a proteção da família é uma benção que nem todos merecem, pois ainda há criaturas na Terra que, ou se tornam ou nascem órfãs, em função de processos educativos necessários. Pelo mesmo motivo, outros lutam para construí-la e não conseguem. Se ter uma família não é privilégio de todos, raros conseguem ter direito a um lar. Aqueles que conseguem sabem o quanto custa de sacrifício e renúncia formá-lo.

Do ponto de vista psicológico é muito importante ao espírito nascer abrigado sob a proteção da família e sob a orientação de um lar.

Em ambos, o espírito se sente mais seguro e protegido pela existência de um referencial, principalmente no lar. A mente se estrutura para vencer os desafios externos sem que se ocupe demasiadamente com as preocupações inerentes àqueles que ainda precisam construí-lo. Protegido numa família, e mais ainda num lar, o espírito consegue disponibilizar sua energia psíquica para os desafios externos que deve enfrentar. A família e o lar lhe dão o suporte estrutural para suas realizações reencarnatórias.



O lar é o campo de realização do espírito no qual seu passado se mistura ao presente em vistas ao futuro. É nele que o espírito revela sua natureza essencial, pois contracenava com antigos afetos e desafetos que lhe despertam suas mais recônditas emoções.

A impossibilidade, por qualquer motivo, de merecer um ao nascer ou de gerá-lo, representa prova em curso, a qual deve o espírito suplantar buscando meios de construí-lo.

Os espíritos que juntos renascem num mesmo ambiente doméstico detêm a oportunidade de refazer suas vidas apagando as manchas que porventura tragam. Aqueles que reencarnam sem *carma* negativo para com seus pares, conseguem não só harmonizar o ambiente como também dar seu testemunho de renúncia, desapego e amor ao próximo.

É no ambiente doméstico que o espírito se revela, se desnuda de suas máscaras sociais, mostrando sua face perante os que lhe acompanham a jornada evolutiva.

Sob o escafandro do corpo ele ganha nova oportunidade de atuar, muitas vezes com os mesmos personagens do passado, a fim de prosseguir sua evolução sem marcas dolorosas.

É no corpo que se torna possível o reencontro de antigos desafetos para o trabalho de reconciliação no convívio. Ali, ódios podem ser aplacados, *complexos* dissolvidos e amores fortalecidos. Cabe ao espírito iniciar, de forma determinada, seu processo de autotransformação.

Um lar em harmonia se transforma em centro de irradiação de luz e amor em sua volta. Isso se torna possível quando aqueles que o constroem se tornam antenas de ligação com Deus, vivenciando a lei de amor.

De tempos em tempos companheiros de outras vidas bem como outros que ali viveram retornam em visitas afetivas para reduzir a saudade e estimular os que ainda se encontram no corpo.

Proporcionado pela reencarnação, outros retornam para o cumprimento de tarefas próprias e a continuidade de seus processos educativos. Trazem, às vezes, suas energias perturbadoras, outras vezes, harmonizadoras do lar.

Não são poucas vezes que espíritos mais adiantados, responsáveis pela orientação reencarnatória, alcançam os lares de seus tutelados, a fim de manter o equilíbrio e evitar tragédias que teriam graves conseqüências para eles.

Os motivos que levam os espíritos a se unir são tão diversos que encontramos desde interesses puramente materiais e fúteis até as ligações sublimes de almas afins.

Muitas vezes as pessoas querem se unir para cumprir apenas um ritual social de acasalamento ou o fazem por que querem uma companhia, filhos, uma casa, etc. Nem sempre há consciência para a formação de um lar.

O lar é o campo no qual cada indivíduo desempenha sua função de manutenção do mesmo. Cada um deve ser educado para regular seu equilíbrio. O lar é um campo vibracional mantido pelas mentes e corações que o constroem. A casa é o ambiente físico que abriga a família, o lar é a sintonia psíquica e espiritual entre os membros que o instituem. O lar, se não mantido adequadamente, desaparece e se esvai tão sutilmente quanto se instalou em face da ausência dos elementos mantenedores.

A falta de defesas psíquicas oriundas das vibrações emitidas, nascidas dos sentimentos negativos dos indivíduos, constitui-se em brecha mental para a invasão de agressores encarnados ou desencarnados. Quando encontram possibilidades de ataques psíquicos, se tornam predadores do equilíbrio e da harmonia doméstica.

A oração, o estudo edificante, o desejo sincero de progredir, as idéias e ideais nobres e os sentimentos positivos são fontes emissoras de vibrações amorosas e saudáveis para a manutenção do lar.

Muitas vezes, uma só pessoa, quando assim procede, consegue neutralizar os ataques psíquicos indesejáveis e preservar a harmonia do lar.



A vida a dois é um desafio para todo casal. É na convivência marital que cada um descobre, nas projeções que faz sobre o outro, quem verdadeiramente é. É sempre uma construção difícil uma vida marital equilibrada. Ainda não temos a devida maturidade para que o encontro com o outro se torne uma realização feliz e plena.

A união dos opostos sempre vai exigir renúncia, abnegação e paciência. Quem pensa que o casamento é sempre um encontro feliz e harmonioso vai perceber que ele está muito longe disso. Por mais que se ame alguém haverá sempre arestas a serem aparadas.

Um casamento ou união marital deveria começar com o firmamento de propósitos que cada um tem para o futuro da relação. Deveriam colocar um para o outro como querem que estejam dentro de cinco, dez e vinte anos, no que diz respeito a: vida intelectual (escolaridade), número e situação de filhos, patrimônio, vida profissional, opções de lazer, aspectos afetivos da relação, etc. Tais preocupações não significam um engessamento do casamento, mas apenas um prognóstico possível, que evidentemente deverá ser renovado continuamente.

As expectativas veladas de uma relação, quando não verbalizadas e não atendidas, costumam por minar os sentimentos que se nutre para com o outro. É importante que cada um dos cônjuges se coloque de tal forma que o outro sempre possa saber como está, a fim de se evitarem surpresas desagradáveis.

O desenvolvimento efetivo de uma relação é alimentado pelos diálogos entre o casal. Quando eles escasseiam não há crescimento da ligação entre eles, tendendo a que se afastem um do outro. A vibração que une um casal é alimentada pelos diálogos afetivos que devem ocorrer.

Esses diálogos, quando maduros, tendem a atrair os bons espíritos que acompanham o desenvolvimento da relação a fim de que o planejamento reencarnatório havido tenha mais possibilidades de sucesso.



“Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruína e nenhuma cidade ou casa dividida contra si mesma poderá subsistir.”¹²

Um lar é um reino no qual deve prevalecer a paz, a harmonia e o amor; onde idéias são fomentadas para o crescimento espiritual dos que dele fazem parte; todos que o constituem devem contribuir para sua manutenção buscando em todos os momentos fazer prevalecer os ideais nobres que ali estão sendo edificados.

O Cristo propõe que a consciência da unidade de propósitos esteja sempre presente a fim de que se alcance a felicidade. Sua palavra esclarecedora deve calar em cada consciência, principalmente nos momentos de crise em família, para que não se perca de vista o propósito maior de edificar um lar.

Dissensões são cabíveis em qualquer grupamento humano, porém devem sempre levar não só à compreensão do que se discute, como também ao encontro dos corações que se encontram momentaneamente desalinhados.

Uma casa dividida é uma família perdida sem que seus membros saibam da necessidade de construir um lar; onde ninguém está preocupado com ideais superiores para a felicidade de todos.

O reino do lar é abrigo ao espírito cansado de tantos fracassos e desditas, no qual encontrará entes queridos que lhe proporcionarão o amor de que tanto precisa.

¹² Mateus 12:25.

A paz no lar

Isaura é casada, tem quarenta e três anos e um filho. O pai dela era alcoolista. Ela não esquece quantas vezes se viu entre ele e a mãe a fim de evitar que ele a agredisse. De tanto lutar contra a agressividade do pai, tornou-se uma pessoa pacífica, de fala mansa e sempre preocupada em conter ânimos mais exaltados. Tornou-se naturalmente conciliadora. Porém ela não esperava que seu filho único se tornasse agressivo. Desde que entrou na adolescência passou a brigar com o pai com quem disputava a atenção dela. Aprendera desde a infância a conciliar os pais e agora tinha de exercer sua habilidade com os dois homens de sua vida.

Amava o filho como também ao marido o qual, muitas vezes, se calava para não afrontar o filho inconstante. Ele já tinha vinte anos e acabara de entrar na universidade. Namorava uma colega que lhe fora amiga no grêmio estudantil no terceiro ano colegial. Sua mãe tentava de tudo para que ele fizesse as pazes com o pai, mas ele sempre encontrava um motivo para culpá-lo por alguma coisa.

A esperança dela é que seu filho, com a universidade, a namorada e a vida adulta, entendesse melhor a vida e se tornasse amigo do pai.

Um dia, ela chega mais cedo do trabalho e encontra os dois conversando na sala da casa. Educadamente evita participar

da conversa. Vai ao quarto, mas fica curiosa em saber o que se passa. Mais tarde, seu marido lhe conta. Seu filho o procurou para conversar. Ele foi receptivo e ouviu do filho suas dificuldades em relação à vida profissional. Fora convidado para trabalhar, mas teria de trancar a faculdade. O pai o aconselhou e aproveitou para falar sobre sua relação com ele e o quanto gostaria que entendesse que têm personalidades diferentes e que devem aprender a conviver como adultos. A conversa foi franca e amistosa. Ninguém culpou ninguém nem tinham a pretensão de tudo resolver numa simples conversa.

Ela sentiu que aquele era um dia especial. Eles haviam conversado. Sabia que era apenas o começo e que muitos outros diálogos viriam pela frente para que realmente a paz vigorasse entre eles.



A paz é um estado interior de conexão com o *Self*. Nela a consciência se tranqüiliza pela aceitação de suas limitações, de sua *sombra* e pelo respeito às possibilidades alheias. O *ego* compreende que, conectado ao *Self*, não deve extrapolar seu desejo de poder a ponto de inferiorizar o outro. Quando o *ego* está conectado ao *Self* ele dirige suas ações para a realização da totalidade do ser, evitando que venham à consciência o orgulho e o egoísmo.

Não é possível alcançar a paz sem que estejam satisfeitas algumas condições íntimas que dizem respeito à integridade do *ego*. O *ego* insatisfeito consigo mesmo e com seus desejos não conseguirá estar em estado de paz. Por esse motivo, deverão ser-lhe garantidas algumas condições para que tal ocorra. Condições de sobrevivência, de segurança, de ser estimado, de pertencer ao grupo, de ter um futuro possível, etc.

A paz no lar só é possível quando há diálogo para que aquelas condições possam ser resolvidas. A exteriorização e integração da *sombra* individual e coletiva são condições essenciais

para que a paz possa se instalar no lar. Essa exteriorização ocorre na medida que as pessoas colocam, através do diálogo franco e maduro, aquilo que as incomoda sem ferir os outros. A integração se dá quando cada um assume seus equívocos e os vê como decorrentes de aspectos negados ou desconhecidos de sua própria personalidade, antes não percebidos.

Ela não vem por decreto nem se faz com palavras nem imposições, pois a *psiquê* necessita de mínimas condições de estabilidade para que ela ocorra. As tensões geradas pelas relações entre os indivíduos de um grupo deverão ser dissolvidas para que ela seja possível. Não há paz interior sem que a mente esteja em harmonia psíquica.

A paz deve ser entendida como possível através de cada pessoa, a qual se harmoniza consigo mesma, assim que não mais projete sua *sombra* nos outros e nem lhes atribua responsabilidades pelos seus insucessos e conflitos.



A paz no lar surge nas manifestações de alegria, nos momentos de dor, nos quais a solidariedade e a ajuda mútua são exigidas, e naquelas oportunidades nas quais o trabalho conjunto é necessário. O entendimento entre os membros de uma família é uma das mais fortes demonstrações da existência da paz no lar. Da mesma forma, a segurança e o equilíbrio dos responsáveis pela manutenção do lar também são sinais de sua consolidação.

Mesmo que surjam momentos de instabilidade no lar, naturais na convivência humana, nos quais parece que a paz não existe ou seja impossível, é preciso ter em mente que ela é um processo de médio e longo prazo na vida em família. Momentos de desentendimento são re-acomodações de interesses e se mostram como sinal da necessidade de alívio de tensões acumuladas inconscientemente no convívio.

Alguém que ameace a paz no lar não deve ser tomado como inimigo ou agente de discórdia. Independente da obsessão epi-

ritual, a qual contribui para aquela ocorrência, devemos prestar atenção à possibilidade de se tratar de justa reivindicação de atenção e carinho.

A paz é uma construção e não surge apenas porque alguém a determinou e nem naturalmente, pois somos espíritos que trazemos íntimos conflitos que explodem em diferentes momentos da vida. Estar em família é também ter consciência de que é ela o campo propício à solução deles. O retorno, pela reencarnação, ao convívio em grupo, promove as condições psicológicas para que surjam as dificuldades do indivíduo consigo e com os outros, como também para que nele se alcance a felicidade. A paz é componente essencial da felicidade.

Todos são responsáveis pela instalação da paz. A cada um compete uma responsabilidade em particular. Ninguém pode dela se eximir nem pensar em viver sem sua presença. Somos originariamente seres espirituais que aprendemos com os instintos animais para alcançarmos o nível humano. Eles estão em nós e fazem parte da natureza animal que ainda perdura nos nossos atos. O estado de paz é uma conquista possível a partir do nível humano e não é possível sem ultrapassarmos o predomínio dos instintos. Temos que aprender a educá-los sem reprimi-los.



*O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.*¹³

O Cristo sabia de sua responsabilidade entre os seus. Veio para cumprir uma missão que sabia ser difícil. Não titubeou, pois

¹³ Lucas 4:18.

sabia de suas possibilidades de êxito. Como ele, os pais devem ter consciência de que, além da evolução pessoal têm um dever importante a cumprir. Cabe aos pais ou responsáveis pela família a condução dos destinos do grupo.

Gerar confiança a partir da autoconfiança é fundamental para que todos se sintam capazes de manter a paz no lar. Essa é uma responsabilidade inerente àqueles que se propõem a construí-lo. A autoconfiança do Cristo o permitia atuar direta e indiretamente sobre as pessoas fazendo com que elas a alcançassem consigo mesmas.

Aquela consciência do Cristo deve servir de modelo aos pais. A eles, dentre outras responsabilidades, compete estimular os filhos para que vençam a si mesmos e ao mundo. Devem se preocupar também com aqueles mais frágeis para que superem suas dificuldades a fim de não sucumbirem diante de desafios outros de que o mundo exige superação. O filho ou a filha rebelde exige apenas atenção e compreensão, pois, muitas vezes, são espíritos que trazem seus tormentos de outras vidas e que precisam apenas de carinho e amor que não souberam dar, ou não receberam, no passado reencarnatório.

Os pais devem colocar sobre si '*o Espírito do Senhor*' a fim de assumirem suas responsabilidades e de se investirem do amor que Ele dispensa a nós.

A família

Cláudia, depois que seu marido teve dificuldades financeiras e perdeu o emprego de doze anos, passou a morar com os pais. A princípio foi difícil, pois o apartamento era pequeno. Eles se acomodaram no quarto que foi de seu irmão, o qual se casara recentemente. Sua mãe estava aposentada e seu pai saía para trabalhar muito cedo. Viviam relativamente bem se não fosse pelo pequeno espaço em que moravam e pelo desejo de sua mãe, que sempre quis ter uma casa maior, de que seu filho não tivesse se casado com uma namorada de apenas quatro meses. O retorno de Cláudia para casa com o marido e os dois filhos pequenos vinha ainda mais aumentar a falta de espaço. Talvez uma das coisas que facilitou foi a admiração que o pai dela tinha pelo genro – filho de um grande amigo dele. Isso contribuiu para a relação deles, além do que, seu pai percebia que seu marido era muito cuidadoso com ela e com os filhos.

A família assim viveu por dois anos entre pequenos atritos e grandes alegrias. A dificuldade maior foi sair de casa, pois sua mãe se afeiçoara ao seu filho mais velho, então com cinco anos, a quem ela chamava de ‘meu príncipe’. Seu marido, por fim, se estabilizara num emprego e já podiam alugar um apartamento próximo a sua mãe. Ela continuaria dando suas aulas numa escolinha perto e não deixaria de levar seus filhos para que a avó não se

sentisse só sem seu pequeno príncipe, em substituição ao outro que acabara de casar. Assim é a família. Vive de pequenos e grandes desafios. Todos devem ser superados em benefício do conjunto. Família é ter problemas, mas é também receber a oportunidade de exercitar o amor.



A família fornece ao ser humano uma base na qual ele se referencia para as realizações humanas reencarnatórias. O ser humano psicologicamente necessita de um referencial no qual possa se inserir quanto a uma origem e quanto a um grupo afetivo ao qual se sinta ligado.

A *psiquê* humana se estrutura num grupo de origem, numa ligação umbilical e numa conexão afetiva. A realização pessoal passa por um sentido de grupo afetivo, pois o *Self* tende a um grupo típico e harmônico. A tendência *arquetípica* do *Self* se fortalece na medida em que o indivíduo se encontra conectado a um grupo, no qual perceba que suas aspirações superiores se realizam e que nele encontre os mesmos valores que possui e que busca.

As tendências *arquetípicas* humanas levam à inserção em um grupo no qual o indivíduo se realize. Sozinho não é possível, pois essa condição não encontra referencial psíquico real. A solidão é uma incompletude e falta de referencial.

A família é a principal forma projetiva na qual a *psiquê* realiza seu campo de possibilidades experimentais e de aprendizagem. As experiências sociais não são suficientes para estabilizar psiquicamente o indivíduo se ele não encontra uma família para completar suas necessidades projetivas.

O campo psíquico precisa da família para espelhar suas necessidades de realização. Nela, a *ânima*¹⁴ e o *ânimus* se en-

¹⁴ A *ânima* é o *arquetipo* da contraparte feminina do homem. Ela resume o ideal de mulher presente no inconsciente masculino. O *ânimus*, da mesma forma, é o *arquetipo* da contraparte masculina da mulher e resume seu ideal de homem.

contram para que surja a manifestação criativa de Deus na maternidade. Nela a vida se mostra em plenitude na co-criação, quando surge um novo ser para que as esperanças se plasmem.

A vida em família proporciona psicologicamente ao ser em evolução o campo de materialização de suas faces. Nela a energia psíquica se dissolve em múltiplas possibilidades à disposição do espírito imortal.



A possibilidade de um clone humano e a inseminação artificial casadas com a união civil de pessoas do mesmo sexo certamente será um grande desafio para a família até o final deste século.

Todos os conceitos de família deverão ser modificados em face das novas modalidades de organização que se avizinha neste milênio.

Qualquer prognóstico de desfecho será no mínimo palpite com forte probabilidade de erro. Críticas deverão surgir, pois há uma tendência natural no ser humano em resistir a mudanças. Enquanto se iniciam fortes oposições conservadoras e contrárias a essas inevitáveis mudanças, uma nova família se desenha e surge sem sofrer qualquer abalo por esse motivo. A realidade não pergunta à crítica como deve ser. Simplesmente ocorre inexoravelmente.

Os setores de onde vêm mais críticas costumam ser das religiões que, preocupadas na obtenção imediata de leituras morais da realidade e na demonstração do quanto dominam o futuro do ser humano, estabelecem as mais inacreditáveis e antigas punições para aqueles que lhes desobedecerem.

A família é uma organização de espíritos encarnados ou desencarnados que necessitam, através da convivência, executar projetos comuns. Quando o fazem sob o predomínio da harmonia e em nome do amor, conseguem construir um lar.

Nem sempre a família se organizou como hoje. Houve época onde havia apenas interesses de manutenção do grupo em torno

da subsistência e segurança de todos. Noutras épocas os interesses estavam voltados para a manutenção do patrimônio e da honra familiar. Porém, hoje, podemos encontrar famílias que se organizam com o objetivo principal de permitir que seus componentes cresçam espiritualmente e em benefício do progresso social.

Os espíritos, de acordo com seu nível de evolução e objetivos reencarnatórios, se organizam formando famílias dos variados tipos. Encontramos a família *cármica*, a família originária, a família gerada, a família inconscientemente desejada, a família espiritual e a família universal. São modos de percepção da forma como os espíritos se agrupam em família.

A família *cármica* é aquela na qual os espíritos se encontram obrigatoriamente juntos para que naquele grupo possam aprender algo que não sabiam e cuja ignorância os levou a desequilíbrios.

A família originária é aquela constituída por aqueles espíritos que nos conduziram a um novo corpo na qual permanecemos até que a independência nos leve a construir nova família.

A família gerada é aquela que formamos após nos desligarmos da família originária a qual mantemos em conjunto com alguém.

A família inconscientemente desejada é aquela que criamos em nossa mente por força das sucessivas famílias que tivemos em vidas passadas, acrescidas daquelas com as quais nos relacionamos na atual existência. É a família das nossas expectativas ideais.

A família espiritual é aquela formada por espíritos afins com os quais estabelecemos laços de amor e sintonia e que se unem a partir de ideais comuns.

A família universal é aquela constituída por espíritos dos mais variados níveis, mas que se percebem filhos de Deus.

A família *cármica* tende a desaparecer na medida que os espíritos não mais se unam para se agredir uns aos outros.



*Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.*¹⁵

O início da pregação do Cristo se deu por volta de seus trinta anos, idade considerada jovem naqueles tempos. Ele entendeu que era chegada sua hora de assumir a família que havia elegido para si, isto é, aquela que o Pai confiou-lhe. Entendeu que sua família era a universal e a ela se dedicou com determinação e confiança em Deus. Seu Evangelho se inicia com a necessidade de que todos despertem suas consciências para a mudança de atitudes. Arreponder-se significa mudar, transformar-se, sair do hábito passado e adotar uma nova maneira de ser. Ele nos convida a essa mudança, pois *'está próximo o reino dos céus'* significa dizer que já saímos do reino animal e já estamos em condições de nos aproximarmos de Deus como Pai.

É preciso, porém, coragem para mudar, para desligar-se de idéias e atitudes escravizantes do passado. Deixar de lado o orgulho e o egoísmo para aprender a conectar-se a Deus. Em família é que deveremos praticar a humildade e o desprendimento, contrários ao orgulho e ao egoísmo que existem dentro de nós.

O compromisso do Cristo é com a família universal tal sua evolução espiritual. O nosso compromisso primeiro é com a família carnal, depois com a universal. Quem não se resolve em casa dificilmente se encontra feliz fora dela. Temos o dever de nos voltar para a família como núcleo básico e referencial de nossa existência no corpo. Ela é o nosso porto seguro às intempéries da vida. Quanto mais lhe estruturamos, mais seremos por ela protegidos.

Há quem pense que a própria família é a pior que existe. Isso se deve ao desconhecimento do que se passa no mundo íntimo de uma casa. Todas as famílias têm problemas e cada uma delas dá a dimensão própria a eles. O mais adequado, ao invés de desvalorizar a própria família, é considerar que ela é o que de melhor você pôde construir. Valorize-a e a transforme em um lar.

¹⁵ Mateus 4:17.

A família universal

Maria do Carmo é uma senhora de sessenta e oito anos bem vividos. Casara-se antes de completar vinte anos. Seu marido fora uma ‘promessa’ de seu pai a um amigo. Na verdade ela é que fora o objeto da promessa. Mas, felizmente casou-se com um bom homem. Não gostava dele, principalmente porque lhe fora imposto o casamento. Com o tempo, em menos de dois anos de convivência, percebeu de quem se tratava. Apaixonou-se por ele. Foi uma bela união, desfeita com a morte dele aos noventa anos. Não tiveram filhos, o que não prejudicou a felicidade que queriam para si e para os outros. Após dez anos de casados resolveram adotar uma criança. Deram-se tão bem com o filho que, no espaço de seis anos, adotaram mais cinco. Foram seis filhos adotivos.

A vocação para ser mãe lhe era tão forte e equilibrada que ela conseguiu dar de mamar a três dos seis filhos, pois a maioria lhe foi dada com dias de nascimento. Tanto ela como o marido os tinham como filhos legítimos, nascidos da alma.

Um deles, o mais moço, foi o único a dar trabalho. Ele tinha um problema na vista esquerda. Não enxergava bem e isso atrapalhou seus estudos e a aceitação de si mesmo. Por esse motivo não se adaptou bem à escola e o jeito foi colocá-lo numa classe especial. Sentia-se discriminado. Porém, foi detectado que

ele não tinha só um problema de visão, mas também um déficit intelectual. Nem mesmo conseguia aprender a ler direito. A mãe e o pai tentavam ajudá-lo no seu processo de auto-aceitação. Por causa das dificuldades desse filho, eles resolveram aprender mais sobre crianças excepcionais.

Como tinham condições financeiras equilibradas resolveram abrir uma escola para crianças diferentes. Ele era comerciante, ela lhe ajudava na administração das lojas, e decidiram por abrir mais um ‘negócio’, desta vez sem a preocupação de lucro, porém que fosse auto-sustentável. Descobriram um mundo novo no qual a solidariedade era a moeda de maior valor e o amor era o sentimento que mais se percebia.

Os filhos de Maria do Carmo, à exceção do mais novo, que lhe fez companhia até sua morte acidental quando contava vinte anos, se casaram e tiveram muitos filhos.

Ela se dedicava à sua Escola Vida, que para ela era sua própria razão de ser. Sua família não lhe nascera do ventre, mas do seu desejo de amar todos que não tivessem um amor.

A família universal é aquela constituída por espíritos dos mais variados níveis e que se percebem filhos de Deus.



Assim como temos aspectos pessoais que definem nossa personalidade e nos distinguem dos outros, temos características coletivas que nos irmanam naturalmente. Temos uma *psiquê* individual e uma coletiva.

A individual é formada pela soma das experiências reencarnatórias e pelos traços adquiridos pela hereditariedade. Graças a *psiquê* individual temos uma natureza essencial que, por sua vez, é fruto da singularidade de que fomos constituídos por Deus. O Espírito é único em si e com Ele. É independente de outros, mas com eles segue rumo à perfeição.

A *psiquê* coletiva é aquela que existe no mais profundo do ser e que é responsável pelas tendências comuns que todos possuem. Tendências que nos nivelam em possibilidades básicas de crescimento.

A família universal só é possível pela existência da *psiquê* coletiva. É exatamente por existirem elementos estruturais na *psiquê*, os quais são iguais em todos os indivíduos, que, pela evolução natural do espírito, ele vai entender que faz parte de uma família universal.

De nada adianta querer fazer valer o nome de família, o patrimônio, a cultura, as tradições familiares, as fronteiras nacionais, para justificar diferenças raciais, se em cada ser humano há algo que o iguala aos outros.



Somos todos partes de uma grande família, unida pelo amor de Deus e pela determinação inconsciente de alcançar a felicidade. Viajamos no Universo infinito qual *psiconautas*, de encarnação em encarnação, de orbe em orbe, aprendendo e ensinando para a glória de Deus.

Vimos dos primórdios do Sistema Solar, conduzidos desde as primeiras horas pelo amoroso verbo do Cristo. Seguimos de luta em luta até alcançarmos a maturidade de conduzirmos nosso próprio destino, ainda sob sua augusta orientação.

A grande família espiritual não se encontra apenas na Terra, mas espalhada pelo infinito Universo criado por Deus. Não há fronteiras nem barreiras na imensidão do infinito onde vivem os Espíritos criados por Ele.

O Princípio Inteligente, alçado à condição de Espírito, se espalha em todo o Universo, usando os mais diversos invólucros, buscando-se mutuamente para que o encontro espiritual consigo mesmo, e com Deus, se concretize. O Espírito busca o Espírito e a Deus, como a se preparar ao verdadeiro encontro com Ele.

Por mais que se digladiem e se repilam, os Espíritos querem o contato uns com os outros. É naquele encontro que eles conseguem se perceber como iguais por mais que só vejam diferenças.

Nem credos, nem raças, nem etnias, nem idéias, nem sexos, nem sentimentos. Nada, nada, mesmo, consegue separar uma alma de outra. Estamos conectados pelos fios invisíveis do amor de Deus. Unidos na família universal para aprender a amar e continuar infinitamente a busca por Ele.



*Com efeito, se amais aos que vos amam, que recom-
pensas tendes?*¹⁶

O Cristo nos convida ao amor sem limites que começa no amor a alguém. Ainda estamos na condição de quem só vê o que está à frente e não consegue enxergar a luz que brilha no alto. Pensamos que o amor é um sentimento que deve ser praticado apenas com aqueles que nos retribuem. Nem sempre percebemos que na família está a oportunidade de amar aqueles que convivem conosco como um preparo para o grande amor que nos preencherá o espírito. Porém, os limites do amor se estendem além das fronteiras da família para alcançar aqueles que se encontram em nossa caminhada fora dos laços consangüíneos.

O Cristo nos propõe um amor ainda não experimentado e que deve ser nossa meta maior. Chegar até ele é possível desde que aprendamos a amar os mais próximos de nós. Caso ainda tenhamos no coração a mancha do ódio e o desejo de poder na consciência, estaremos ainda distantes de seu sublime convite.

Para o encontro efetivo com Deus precisamos do coração limpo, da mente estruturada e da experiência adquirida com o conhecimento de Suas leis.

¹⁶Mateus 5:46.

A família originária

Clésia nasceu no interior de Minas onde viveu até os dezenove anos, quando a família migrou para o norte de São Paulo por causa da seca que dizimou o pequeno rebanho que seu pai tinha. Na nova localidade, seu pai conseguiu um pequeno pedaço de terra onde plantava para subsistência e para a venda na feira de todo sábado em uma cidade vizinha. Seus pais eram agricultores e tiveram dezessete filhos, sendo ela a terceira.

Sempre se lembrava das vezes que sua mãe tinha apenas um pequeno pedaço de carne com osso para fazer a única refeição para todos. Via seus irmãos reclamarem e brigarem devido a pobreza. Embora seus pais fossem honestos e decentes, via alguns de seus irmãos mancharem o nome da família com atitudes inconstantes. Tinha um modo de ser diferente de seus irmãos, pois demonstrava no jeito e na etiqueta, que trazia com ela desde o nascimento, um gosto refinado. Dizia para si mesma que, quando tivesse sua família, esta seria diferente como ela mesma se sentia.

Desde menina sentia que não nascera na família certa. Achava-se fora de sua época. Via-se diferente de seus irmãos que se acostumaram à vida simples da cidade do interior. A maioria deles não sabia ler nem escrever e não tinha grandes ambições. Queriam ser como os pais, pois eram tão simples quanto eles e viviam do que produziam. Eram honestos, trabalhadores e dedicados à família.

Clésia queria mais. Queria ir para a cidade grande, estudar, ser conhecida e ter uma família menor. Bem menor que a dos pais. Ansiava por adquirir a maioridade para sair de casa. Queria conquistar o mundo que sabia existir. Na década de oitenta, finalmente, fez dezoito anos, mas só no ano seguinte conseguiu com uma tia ir morar na cidade grande. Completou seus estudos, casou e teve três filhos, embora quisesse ter tido apenas dois.

Mesmo depois de constituir sua família, não deixava de sentir saudades daquela que seus pais construíram. De tempos em tempos visitava-os levando presentes para todos. Conseguira o que queria sem precisar romper nem brigar com seus irmãos e pais. Teve de afastar-se do conformismo que vigorava entre os membros da família de seus pais.



O sentimento de pertencimento a uma família na qual se foi gerado é inato ao ser humano. Todos querem saber suas origens biológicas por uma questão *arquetípica*. Está na *psiquê* a necessidade da ligação com alguém do qual se teve origem física. Mas, a necessidade não é simplesmente carnal, mas sobretudo, amorosa. O amor de mãe é único e dele, todo ser sente falta. Quando não se sabe quem ela é vai-se em busca instintivamente, para que o amor não falte.

A maioria dos seres humanos tende a copiar o modelo de família do qual fez parte. Quando não o copia deseja dele se afastar, tornando-o, da mesma forma, seu referencial.

A *psiquê* individual se contamina pelo modelo materno/paterno, visto que não há outro referencial mais próximo no qual se possa espelhar.

Fazer a dissociação do modelo originário só é possível quando o indivíduo se desliga psicologicamente das expectativas e dos moldes mentais daqueles com quem conviveu. Nem sempre isso é possível dada a culpa que, muitas vezes, surge na consci-

ência. É preciso preparar-se mentalmente para o desligamento do passado sem se deixar contaminar pela revolta ou pela passividade de lhe atribuir a responsabilidade pela sua maneira de pensar e de sentir a vida.

O espírito nasce numa família com uma personalidade que se assemelha muito a de seus pais e, estabelecer a necessária diferença, lhe custa muito esforço, pois tende, quando o faz, a se sentir culpado e sem referenciais. É preciso se desligar psicologicamente da família originária sem deixar de amar aqueles que foram responsáveis pela encarnação atual. Esse desligamento significa permitir-se seguir os próprios valores e viver de acordo com as próprias diretrizes com consciência.



A família originária é constituída por aqueles espíritos que nos conduziram a um novo corpo na qual permanecemos até que a independência nos leve a construir nova família. Ela pertence a nossos pais e se formou a partir do desejo deles, possuindo as características do consciente e do inconsciente de quem dela participa.

Motivados por forças psíquicas conscientes e inconscientes, pelo amor ou pelos desejos inconfessos, nossos pais geraram um núcleo onde ocorreriam importantes experiências para todos. Mesmo que a infância do espírito reencarnado tenha se dado num lar ou numa instituição, na ausência ou presença de seus pais biológicos, ele cresceu ao lado de pessoas que passaram a se constituir sua família originária. Temos a família que merecemos e recebemos como companheiros iniciais de jornada na Terra aqueles espíritos que se encontram em idênticas condições à nossa.

A família originária é aquela na qual merecemos ou precisamos nascer e crescer. Por mais que a reneguemos ou que mudemos de lar, aquela primeira é um símbolo da nossa entrada na encarnação. Quando ela é problemática, carente, inconseqüente, numerosa ou pequena, representa o somatório do que construímos em vidas passadas.

O que nela passamos, balizará o que queiramos fazer na que iremos gerar. Devemos entender que ela pode ter sido oriunda da que um dia geramos em outra encarnação, pois podemos ser nós mesmos ancestrais nossos.

Podemos afirmar que nossa família contém nossos pais e avós como também tios e tias dentre outros parentes. Porém os valores podem não ser os mesmos que norteiam os diferentes núcleos de parentesco. Por esse motivo chamo de família originária aquela da qual somos frutos diretos e na qual fomos educados. Isso não exclui a denominação de membro da família para todos aqueles que a ela se consideram pertencer.



*Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte.*¹⁷

O Cristo nos convida a fazer com que a luz do amor de Deus existente em nós brilhe. Coloca-nos na posição de quem tem o direito legítimo de posicionar-se em lugar de destaque para que a luz interior brilhe o máximo possível. Esse lugar de destaque é dado pela diferença que possui em relação àquele que quer o brilho efêmero da posição e do cargo que ofusca a luz natural de cada um. Aquela diferença consiste na humildade e na caridade que praticadas.

Quando se pretende brilhar deve-se buscar o mérito próprio sem se basear na luz alheia. Há pessoas que se aproveitam da luz deixada pelos pais para se projetarem no mundo. Escudam-se no nome da família originária para se fazer prevalecer no mundo. Ainda não foram capazes de construir sua própria história. Penduram-se na história daqueles que lhes deram uma família. Vivem à sombra da família de seus pais. Ostentam um nome e

¹⁷ Mateus 5:14.

sobrenome respeitável, mas não conseguem mostrar quem são. Valem-se da tradição de seus antepassados que nem sempre ajudaram a construir. Constelam a vaidade do sobrenome e das posses que seus pais ou antepassados edificaram.

Precisam se individuar, realizando o seu melhor possível, mesmo sob condições adversas, para que sua luz própria brilhe e a todos ilumine.

O Cristo convida a que brilhe a luz própria de cada um. Assim será com a família que gerarmos, pois nossos filhos deverão aprender a fazer brilhar suas próprias luzes.

A família gerada

Pedro se casou desejando uma família com filhos e que eles lhe dessem, futuramente, netos. Veio de uma família de classe média alta. Seu pai e seu avô eram proprietários de grandes áreas de terras cultiváveis que geraram uma indústria de óleo vegetal. Sempre teve tudo que quis e foi educado nos melhores colégios, formando-se numa Universidade no sul do Brasil.

Casou-se com uma bela jovem que também provinha de família abastada com excelentes qualidades morais. Após o terceiro ano de casamento veio a vontade de gerar filhos, mas, infelizmente, não conseguiram. Tratamentos diversos, de parte a parte, foram feitos durante vários anos sem sucesso. Pedro não poderia ter filhos por ser portador de uma anomalia rara na formação dos espermatozoides. Do outro lado sua esposa também não poderia tê-los, pois também era infértil.

Os planos de Pedro em ter filhos e netos foram por água abaixo. Entristeceu-se e, quando soube definitivamente que não seria pai, passou a ficar mais sério que o habitual. Não era possível esconder a decepção consigo mesmo. Não teria a família que desejava e sonhava ter. Nele brotou um sentimento de inferioridade, pois achava que não era suficiente homem para fazer um filho. Superou seu *complexo* após alguns tratamentos psicoterápicos.

A família gerada seria constituída apenas dele e da esposa, pois não pensava em adotar filhos. Achava que não conseguiria amar alguém que não fosse nascido de sua carne e que por conseguinte não tivesse sua linha genética.

Antes de completar quarenta anos Pedro não suportou a solidão da vida literalmente a dois e decidiu por ajudar a educar um dos filhos de sua empregada doméstica, ampliando sua família gerada.



Dentre as pessoas que fazem parte da família que formamos é que se encontram aqueles que servirão de catalisadores dos processos evolutivos pelos quais precisaremos passar. No psiquismo de cada ser humano se encontram núcleos de *complexos* que necessitam ser dissolvidos e é na relação com os espíritos que inserimos como nossa família que isso se torna possível.

Nossos filhos e como aqueles que incluímos como componentes da nossa família são âncoras psíquicas para que a vida se torne possível em nós. Eles passam a ter lugar dentro de nós independente da vontade ou do sentimento que tenhamos para com eles.

Gerar uma família é permitir-se construir o campo de realizações no qual o passado retornará para que gere um novo futuro. Construí-la é buscar um referencial que contenha nossa marca pessoal, pois nela se projetarão nossos valores. Quando alcançarmos a maturidade e olharmos para a família estruturada, certamente poderemos ver o que existe dentro de nós, pois ela refletirá nosso mundo íntimo.

A direção que lhe dermos será aquela a que a nossa vida nos levou, a partir do livre-arbítrio. O cuidado com ela é o cuidado com nosso mundo interior. Quanto mais a ela dermos atenção, mais se torna possível colocar nosso mundo íntimo em segurança.



A família gerada é aquela que formamos após nos desligarmos da família originária e que mantemos em conjunto com alguém.

Alguns de nós formamos uma família, seja pela geração de filhos, adoção deles ou pela união com outras pessoas com as quais nos afinamos. Formamos uma família pelos laços do coração ou pelas necessidades comuns.

A família gerada é aquela que formamos independente da que nos originou. Basta que adotemos o convívio com pessoas com as quais tenhamos laços afetivos e que mutuamente busquemos meios para subsistência desse grupo, para que estejamos em contato com a família que geramos. Gerar uma família não se dá apenas tendo filhos. Uma pessoa que, por exemplo, se case com alguém que já tenha filhos de uma outra relação e que venha a morar com eles, também estará diante de sua família gerada.

Algumas famílias são geradas por necessidades *cármicas* de aprendizagem de seus componentes e nem sempre suas origens se devem ao desejo exclusivo de quem a forma. Há imposições das leis de Deus que aproximam pessoas numa mesma família e que permitem sua evolução de forma coercitiva em face de suas escolhas em vidas passadas. As escolhas são geralmente dirigidas, isto é, espíritos que estão ligados pelo passado comum são atraídos ao reencontro numa mesma encarnação e ficam juntos. Parecem que estão se escolhendo, porém, foram induzidos pelo passado a se escolherem.

A família gerada, na maioria dos casos, sofre esse processo de escolha dirigida. Isso não impede que seus membros alcancem a felicidade e se amem verdadeiramente.



*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*¹⁸

O Cristo faz a pergunta a fim de que pensemos sobre os vínculos que nos ligam às pessoas. Nem todos temos consciência de qual família fazemos parte. Alguns pensam que sua família é a dos pais, outros a que gerou, outros ainda incluem pessoas que não têm laços consangüíneos consigo. Porém, eles ainda não perceberam que a verdadeira família é aquela constituída de pessoas que estão ligadas pelo coração.

Sua fala não visa excluir os parentes consangüíneos, mas acima de tudo incluir a todos. Fazemos parte, querendo ou não, acreditando ou não, da família universal dos filhos de Deus e o Cristo tinha consciência perfeita disso.

Quanto mais tivermos consciência da igualdade de todos, mais ainda viveremos em paz na família. Ao nos percebermos irmãos, filhos do mesmo Pai, incluiremos mais pessoas no rol de nossas emoções superiores. Aprenderemos a amar as pessoas na medida que as considerarmos irmãs.

Devemos ampliar nossas relações para incluir todos aqueles que conosco venham a interagir. Há pessoas que a Vida coloca em nosso destino com o objetivo de nos ensinar alguma coisa. Considerá-las componentes de nossa família é ampliar os laços que nos unem, fortalecendo nosso sentimento de pertencimento à humanidade.

A família é um conceito que comporta o maior número de membros. Cada um de nós inclui quantas pessoas quisermos e lhes destinamos os mais diversos sentimentos. Quanto mais pessoas caibam no nosso conceito e quanto mais amor a elas tivermos, mais nos aproximaremos da família universal.

¹⁸ Mateus 12:48.

A família cármica

Júlia não sabia que passaria boa parte de sua vida vivendo uma expiação tão grande. Desde criança ela desenvolveu o hábito de roer as próprias unhas. Isso lhe custou uma atrofia em seus dedos que ficaram cabeçudos e feios. Na adolescência seus pais a levaram a um médico, o qual se interessou por resolver o seu problema.

O médico, recém formado, ultrapassou os limites e a ética médica e examinou a menina, então com quatorze anos, além do necessário, tocando-lhe em partes íntimas. Ela, com receio de sofrer reprimendas da mãe e sem saber direito se o que o médico fez era ou não necessário, nada disse. Esse médico demonstrou interesse pela menina, o que agradou à mãe. Vieram a se encontrar noutra oportunidade e um namoro se iniciou.

Do namoro ao noivado, e deste ao casamento. Tudo se processou em dois anos. Com o consentimento dos pais ela veio a se casar com este homem, pelo qual não sabia direito o que sentia. Casara-se com uma pessoa doente sem que ela o soubesse e sem que ele tivesse consciência disso.

Logo nos primeiros anos de casamento ele revelou sua vocação doentia. Tinha o hábito de molestar crianças. A primeira denúncia surgiu ao mesmo tempo em que nascera seu filho. A segunda denúncia o fez mudar de cidade para fugir das acusações que jurava serem infundadas.

Júlia desconfiava de que era verdade, pois se lembrava do que ocorrera consigo. Não sabia o que fazer, pois tinha um filho e não saberia viver sem o marido. Teve o segundo filho com ele, mas sabia que ele tinha aquele problema. Por amor aos filhos e por incapacidade de ajudar o marido continuou seu casamento. Com o tempo descobriu que não o amava, mas foi incapaz de se separar.

Como a dela, muitas famílias se formam por impositivos *cármicos* sem que seus membros consigam evitar o reencontro e com problemas de difícil solução.



A *sombra cármica* aparecerá na família que assim se configura. Reencarna-se, na maioria dos casos, sabendo-se com quem se vai encontrar e que tipo de provas, em geral, se vai enfrentar. Essa informação, latente no inconsciente, promoverá atitudes de acordo com o tipo de sentimento que se tenha para com cada membro da família. Aqueles que se sintam lesados no passado tenderão a assumir uma postura psicológica de desprezo ou de cobrança em relação àquele que desperte em si a resposta emocional indicativa de ter sido seu devedor. Por outro lado, aquele que lesou ou agrediu no passado tenderá, em defesa de si mesmo, a adotar uma postura de vítima ou de quem tem direitos por se considerar o certo.

Esses sentimentos do passado estarão permeando as relações entre as pessoas, provocando ações e reações no presente.

A *psiquê* tende a atuar por compensação e na preservação de sua integridade. O desejo e a vontade de cada pessoa atuarão no sentido de manter o equilíbrio entre a consciência e o inconsciente. Por esse motivo, algumas atitudes comportamentais poderão parecer contraditórias e incompreensíveis no convívio em família.

Como as ligações nestas famílias em geral são *cármicas*, não se pode esperar que se entendam, à primeira vista, os comportamentos e as personalidades dos envolvidos. Deve-se sempre ter em mente que o espírito se encontra naquela família para aprender. Seu processo de evolução espiritual poderá ser mais

lento por conta de sua dificuldade em aceitar as contingências *cármicas* que lhe são impostas devido à força de seu livre arbítrio no passado.

Ideal é que vejamos a personalidade atual do reencarnante como um conjunto de outras personalidades vividas em encarnações anteriores as quais podem nos parecer contraditórias. Nesse sentido ninguém tem dupla personalidade, mas carrega em si as expressões das múltiplas personalidades vividas no passado.



A família *cármica* é aquela na qual os espíritos se encontram obrigatoriamente juntos para que possam aprender algo que não sabiam e cuja ignorância os levou a desequilíbrios. A maioria deles, quando percebe que não é o amor que os une, deseja reconstruí-la, ou que se acabe. Nem sempre têm condições de fazer a primeira opção e abandonam logo nos primeiros desafios.

A família *cármica* é aquela cujos membros ali se encontram por necessidade educativa a fim de sanarem equívocos do passado e se harmonizarem através da lei de amor. Enquanto a harmonia não envolver seus membros, renascerão sob idênticas condições, às vezes em famílias diferentes, para aprenderem as leis de Deus. Nem sempre é possível ao espírito, pela sua vontade, separar-se dos outros membros. Quando o processo o exige, ele permanece vinculado àquelas pessoas de tal forma que a separação, naquela fase, é quase impossível.

Observa-se nesse tipo de família uma necessidade muito grande de afastamento entre seus membros desde muito cedo, em função da rejeição que vigora entre eles. Rejeitam-se por falta de amor.

Os espíritos que compõem tal família ou são estranhos entre si, isto é, estão reencarnando juntos pela primeira vez, ou se reencontraram para que arestas sejam aparadas em suas relações.

O encontro de espíritos para que formem a família se deve a um prévio planejamento, objetivando a que juntos consigam construir um lar. Felizmente entre eles, por vezes, reencarnam

espíritos sem comprometimento *cármico* com os demais para equilibrar e compensar o grupo, visando a harmonia de todos.

A família *cármica* tende a desaparecer na medida que os espíritos não mais se unirem para se agredir uns aos outros.

Nem sempre deve o espírito ausentar-se de sua família *cármica*, pois nasceu nela ou a construiu para algum aprendizado necessário. Quanto mais tempo puder conviver com os membros que dela fazem parte, mais aprenderá.



*Eis minha mãe e meus irmãos.*¹⁹

O Cristo aponta para seus discípulos quando faz a afirmação acima. Queria dizer que o laço de parentesco que deve vigorar entre as pessoas é construído com base na relação de amor. Sua conexão com aquelas pessoas se dava pelo pensamento e pelo coração. Pretendia mostrar que é dessa forma que devem se ligar os espíritos.

Transformar a família *cármica* num lar é o desafio de todos os que dela fazem parte. Tarefa não muito fácil se todos não colaborarem e não tiverem em mente esse objetivo.

Considerar aqueles espíritos que compõem a família *cármica* como irmãos é a chave para a transformação do grupo. Ideal é que os membros do grupo busquem a consciência de que estão juntos para se amar e se redimir entre si. Devem aprender juntos a se tolerar e a construir a paz onde estejam. Renasceram juntos para refazer suas vidas e reconstruir suas histórias com base no amor.

Jesus nos convida a merecer o título de irmão das pessoas quando assim sintonizarmos com o princípio da fraternidade universal.

¹⁹ Mateus 12:49.

A família inconscientemente desejada (expectativa)

Henrique esperava o melhor para si. Sempre foi otimista e crente em sua capacidade de realização pessoal. Tornou-se uma pessoa bem sucedida profissionalmente e muito querida em família. Casou, teve uma filha e vivia feliz com a mulher até que algo veio modificar radicalmente sua vida.

Um belo dia, sua esposa contou-lhe que estava gostando de outra pessoa e queria se separar. Seu mundo ruiu. Ele era apaixonado por ela e pela filha e não entendia como isso poderia estar acontecendo.

Seus pais e irmãos formavam uma tradicional e harmônica família. Ele jamais pensou que se separaria. Não só por gostar da mulher e da família que com ela construiu como também porque seria o único na família a fazê-lo. Não gostaria de desapontar os pais.

A princípio ficou chateado com ela por ter sido traído, porém, compreendeu que também poderia ter acontecido a mesma coisa com ele. Tentou através do diálogo convencer a mulher do equívoco que ela estaria cometendo. Mas ela estava irredutível. Não era mais possível viver com alguém de quem não mais gostava, além de estar apaixonada por outro homem.

Por muito tempo Henrique chorou e lamentou o ocorrido. Separou-se da mulher, que foi morar em outro imóvel, e passou a visitar a filha quase que diariamente. Lamentou bastante a vida, pois seus sonhos tinham se tornado um pesadelo do qual gostaria de sair logo.

Depois do que houve com ele, cinco anos se passaram, e não consegui se relacionar de forma duradoura com mais ninguém. Henrique tornou-se prisioneiro de seus ideais de família. Não tinha mágoa da mulher, pois a amava. Era infeliz por não saber livrar-se da fantasia que criou para si mesmo. Esqueceu-se de que a realidade da vida pode ser bem diferente do que dela esperamos.



Há uma família que se forma em nosso mundo subjetivo e que domina nossa imaginação. Criamos psiquicamente pais ideais, irmãos perfeitos ou filhos exemplares. Eles têm vida dentro de nós e nos fazem tomar atitudes, às vezes, inconseqüentes. Comparamos essas figuras imaginárias, conscientes ou não, com os reais personagens que fazem parte das nossas relações familiares. Quando a correspondência não se dá costumamos criar pontos de atrito, de discórdia que geram tensões nas relações.

Essa família imaginária se forma no decorrer de nossas encarnações, nas relações que tivemos com outros espíritos que desempenharam papéis ao nosso lado. Consolidamos na *psiquê* aqueles personagens em função das emoções por eles despertadas.

Inconscientemente, exigimos da Vida um paraíso no qual as pessoas tenham comportamentos ideais e não nos satisfazemos com o que temos. Os modelos psíquicos que criamos são poderosos direcionadores que atuam em busca de seres perfeitos ao nosso lado.

Conicionados pelos *arquétipos*, projetamos nos membros da família aqueles personagens ideais e rejeitamos, pelo

mesmo mecanismo, outros nos quais ‘enxergamos’ figuras aversivas do passado.

Nem sempre a antipatia decorre do reencontro de inimigos do passado. Às vezes, ocorre o mecanismo inconsciente da *transferência*, através do qual projetamos qualidades pertencentes a uma pessoa em alguém que a ela se assemelha.



A *psiquê* humana desempenha um papel fundamental para o Espírito. Recebe seus impulsos, executa-os e devolve o que foi apreendido no contato com a matéria. Ela é um centro processador do que vem do mundo para o Espírito e vice-versa.

No convívio em família ela estará sempre processando tudo que percebe pelos sentidos e diretamente através do perispírito. Os estados psíquicos são configurações que enviesam o que é apreendido dificultando, às vezes, a evolução do espírito. Mantê-la flexível, sem a rigidez medrosa, é fundamental para que haja aprendizado ao Espírito.

As expectativas que se criam psicologicamente para o comportamento dos outros são vieses que interferem naquilo que se apreende e dificulta o processo evolutivo do ser humano.

Abdicar das expectativas é permitir que o outro exerça seu livre-arbítrio e realize sua própria natureza, isto é, siga o curso de sua própria vida. Apegar-se a expectativas é, paradoxalmente, não dar livre curso à criatividade humana.

Do ser humano deve-se esperar qualquer atitude, pois ele é capaz de fazer as coisas mais incríveis. Quando nada se espera, não se geram mágoas, frustrações ou ingratidões. Essas expectativas impedem uma melhor percepção de como é efetivamente o outro com quem nos relacionamos. Quando ocorrem expectativas a relação se dá *persona a persona*. Não haverá o encontro de *Self a Self*. O que se aprende nas relações *persona a persona*

é muito superficial, tendo em vista o distanciamento do eixo central da vida que é o *Self*.

A mãe ou o pai que cria expectativas para seus filhos e as tornam uma verdade inamovível e inquestionável, tenderá a estabelecer uma relação pobre com eles. É assim com todas as relações nas quais as expectativas vêm primeiro.



*“...porque onde está o teu tesouro, ai estará também o teu coração.”*²⁰

O Cristo, em sua sabedoria, conhecia a alma humana como ninguém. Entendia como funcionava o psiquismo das pessoas. Sabia que a fixação mental de alguém o conectaria emocionalmente ao objeto de desejo, tanto quanto, naquilo em que se colocam os sentimentos, liga-se o pensamento. A atenção voltada para um objeto de desejo proporciona o surgimento de emoções que a ele se conectam. Emoções que se fixam em algo promove o deslocamento do foco para o que a ele se associa.

A felicidade do ser humano é uma conquista e não algo que lhe é dado *a priori*. Todos temos de alcançá-la com sacrifício, longo aprendizado e educação dos sentimentos. O mundo que fantasiamos é aquele que se constitui a realidade, pois vivemos em função do que idealizamos.

O lugar que destinamos àquilo que ocupa nossa imaginação torna-se balizador para o futuro que atravessaremos. Quanto mais nos ocuparmos em entender os mecanismo da fantasia e da imaginação no psiquismo humano, mais poderemos prever o que se sucederá com a nossa vida. O mundo real é aquele que se processa dentro de nós. O que ocorre fora é sua contra-parte, isto é, a materialização das qualidades essenciais que caracterizam o mundo de fantasia interior.

²⁰ Mateus 6:21.

A afirmação do Cristo deve nos levar à consciência do que idealizamos e do valor da vida emocional sobre o destino humano. Os sentimentos humanos são fundamentais para um melhor aprendizado na Vida.

A família-lar

Todo ano, no mês de setembro, a família de Cássio se reúne na casa de um deles para comemorar a chegada da primavera. A tradição vem de seu avô português que cultivava uvas na região ao sul de Setúbal e aquele mês era marcado por farta colheita.

A reunião dura um domingo inteiro e todos se vestem à moda de seus antepassados camponeses portugueses. É uma festa de alegria e reencontro de velhos parentes que sempre têm algo a falar um ao outro. Ao meio-dia, antes de iniciarem o almoço, se dão as mãos e rezam um pai-nosso para agradecer a Deus pelo pão e pela paz.

Vivem em função do bem que fazem a si mesmos e à sociedade. Não mais vivem das uvas nem do vinho. Cada ramo da família seguiu seu rumo. Nem todos têm a mesma religião. Há espíritas, católicos, mulçumanos, budistas, protestantes, bem como alguns que não professam qualquer religião formal. Porém, sabem que fazem parte de uma única família.

Alguém bate à porta a fim de participar do encontro. É um dos vizinhos que há cinco anos se incorporou à família naqueles momentos de alegria. Todos são bem vindos. As crianças brincam no jardim da imensa casa de um deles. Os jovens tocam e cantam na varanda. O mais velhos se encontram numa das salas em conversas intermináveis relembrando antigos feitos. Ali impe-

ra a confraternização entre pessoas cujas vidas estão preenchidas de trabalho, alegrias e paz.

Cássio é apenas um dos membros do imenso grupo que consegue viver em paz respeitando a privacidade dos demais. A alegria em seu rosto revela o quanto aqueles momentos são importantes para ele, pois sempre gostou de casa cheia e de ver todos alegres.

Quando todos saem, ao final do dia, os anfitriões rezam agradecendo a Deus por cada presença na casa solicitando que continuem em paz para que estejam juntos no ano seguinte.



O amor é um sentimento *sélfico*. Sua vivência atende aos objetivos do *Self*, pois visa a felicidade e o bem estar de quem o sente. Para que ele possa ser sentido, é necessário que o *ego* esteja direcionado para o *Self*.

Um *ego* inflado ou fragilizado não conseguirá amar verdadeiramente por estar numa situação de instabilidade, não conseguindo sentir sua emoção característica. A inflação do *ego* promove sua auto-suficiência e desconexão com o centro ordenador da vida psíquica, o *Self*. Sua fragilidade promove a relação de dependência, submissão e anulação que o faz atrair para si atenção e cuidados.

A *psiqué* de quem ama deve se encontrar em perfeita satisfação e equilíbrio, pois só assim o sentimento pode atravessar os mecanismos de defesa que costumam existir na relação do indivíduo consigo mesmo e com os demais e que impedem a vivência verdadeira do ser. Quando o amor que se diz sentir promove perturbações, perseguições, cobranças, inseguranças ou sofrimentos de qualquer natureza, ele não se configura como manifestação de um sentimento livre, o qual unifica, integra, ou seja, que tenha se originado do *Self*.

Numa família-lar, aqueles que ali vivem estão em sintonia psíquica uns com os outros para que o amor possa fluir naturalmente. Sem cobranças, sem ciúmes e sem neuroses. Tudo estará de acordo com os objetivos divinos de aperfeiçoamento dos seres humanos.

Manter a mente no estado de paz que facilite a manifestação do amor só é possível quando a convivência já dissolveu as barreiras psíquicas que afastam as pessoas, por mais próximas que se encontrem. Geralmente, tais barreiras se originam pela falta de diálogo, pelo não dito entre os membros da família, provocando um distanciamento subjetivo, o qual promove o surgimento de contaminações nocivas à convivência. No lugar que o diálogo deveria ocupar na convivência, surgem ressentimentos, desconfianças, disputas, mágoas, etc. Não basta estar junto fisicamente para que não existam barreiras separadoras. O que une os seres humanos são os sentimentos nobres que se cultivam uns para com os outros. O inverso os afasta. A unidade de uma família estará na sintonia psíquica entre seus membros.

Quanto mais se disponibiliza a mente para a compreensão do outro, mais o amor acontece.



A família-lar é um grupo de espíritos afins que se conectam pelos fios invisíveis do amor e se orientam na direção de objetivos nobres.

Nela existe um sentimento de unidade entre seus membros que os vinculam uns aos outros, permitindo que a compreensão dos atos anteceda o confronto.

São espíritos que se conhecem de outras existências e que estão resolvidos, sem que haja cobranças mútuas. Entre eles nada precisa ser equacionado. Ninguém se considera devedor ou credor do outro.

Seus membros se protegem das invasões psíquicas que, muitas vezes, desestruturam o equilíbrio do conjunto.

Quando novos membros se agregam àquela família, todos os outros procuram envolvê-los na vibração do conjunto para que possam sintonizar nos mesmos objetivos.

Quando esses espíritos se unem numa nova encarnação, formam uma corrente de vibrações que se estende àqueles com quem convivem mais estreitamente. Uma onda renovadora se propaga em torno deles atraindo quantos sintonizem com o amor, com a paz e com a harmonia.

A família-lar é uma construção persistente do ser humano que já enxergou a grandeza da Vida e de Deus. Não ocorre apenas por desejo idealizado. Quando ela não é uma realidade, exigirá muito trabalho para ser construída. Sacrifícios e muito diálogo terão que fazer parte da rotina familiar. Renúncias, compreensões e muita paciência serão o ‘prato do dia’ daqueles que pretendem transformar a família *cármica* em família-lar.

A grande maioria das famílias ainda não se transformou na família-lar porque ainda não resolveu simples questões de relacionamento interpessoal. Ainda se digladiam internamente, disputando a primazia de suas opiniões. Não resolveram suas emoções uns com os outros. Ainda se encontram disputando coisas ou posições. Reencarnam juntos por atração do *carma* negativo a fim de aprenderem a amar através da convivência.

Na família-lar cada um de seus membros compreende sua responsabilidade na manutenção do equilíbrio do conjunto. Dá sua parcela de contribuição para o bem estar de todos. Esse bem estar compreende o equilíbrio emocional, financeiro e espiritual do grupo.

A família-lar permite que se ultrapassem as barreiras do sangue para que se incluam nela todos aqueles que sintonizem com seus objetivos superiores.

Nela cabem os membros da família originária como também da gerada, quando os *carmas* negativos estiverem dissolvidos. Sua energia contagiante provoca naqueles que a ela se ligam o desejo de se tornar seu integrante.

A família-lar é o protótipo da família Universal. É o sistema no qual Deus manifesta, no exemplo de convivência, a harmonia, a paz e o amor.

Para que o amor seja uma constante na família e para que ele se mantenha como o sentimento máximo deve-se:

- evitar eleger culpados pelos fracassos do grupo. A busca de soluções é mais importante do que se criticar alguém;
- retirar as mágoas que se acumulam nas relações entre os membros da família;
- estimular o sentimento de utilidade de cada pessoa no grupo familiar;
- reconhecer o valor pessoal de cada membro do grupo;
- procurar deixar que nas relações com as pessoas o coração fale mais alto, colocando-se no lugar do outro, antes de tomar qualquer atitude ou de tecer qualquer acusação.



“...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”²¹

A confiança em Deus era a tônica da fala do Cristo. Ele sempre conclamou as pessoas para que confiassem no Pai. Pregava a vida eterna e um mundo no qual a paz vigorasse entre as criaturas. Em sua época, o ser humano vivia basicamente para a vida material, muito embora cultuasse sua religião com bastante fé.

A vida material contém exigências que não permitem ao ser humano dedicar-se com mais tempo e intensidade à vida espiritual. Ela exige trabalho, relacionamentos, prática da cidadania e outras obrigações pertinentes à vida no corpo. Há coisas que

²¹ Mateus 6:33.

não são alcançadas apesar de todo esforço material que se faça. Elas são proporcionadas por Deus, independente da vontade humana e conforme se evolui espiritualmente. Quanto mais agirmos com equilíbrio e justiça, a Vida nos dará harmonia e paz. A busca pelo bem estar de si mesmo e do outro fará com que o Universo conspire em favor de quem o faz. Qualquer tipo de evento aversivo ao ser humano deverá ser entendido como um recado de Deus para que ele encontre o equilíbrio e a paz em sua vida.

A paz em família não é utopia nem algo que não se possa realizar. Quando alguém está imbuído do firme propósito de construir um lar com outra pessoa e nela houver ressonância, as leis de Deus favorecem a que alcancem os objetivos.

É preciso identificar qual o sentido maior que une aquelas pessoas numa família e, a partir daí, trabalhar para que todos consigam sintonizar com a Espiritualidade Maior e tentar seguir o planejamento superior, para o qual foram destinados.

A família espiritual

Rosa e Josué deram suas vidas em favor da disseminação do Evangelho entre os seus. Conheceram-se no interior do estado e migraram para a capital quando os dois filhos já estavam em idade escolar. Ela sempre se dedicou à casa e ele era militar. De dois em dois anos ele era obrigado a mudar de cidade o que, de um lado lhe causava transtornos com mudanças de casa, mas por outro o ajudava a cumprir uma missão que fazia de bom grado. Em cada cidade que passava, ou fundava um Centro Espírita ou impulsionava o que existia. A vida deles era dedicada ao ministério da família e da missão de fundar instituições espíritas.

Enquanto se dedicavam a essa nobre tarefa, costumavam acolher sobrinhos e parentes mais distantes em casa a fim de encaminhá-los na vida escolar. Não raro parentes dele e dela encaminhavam seus filhos a passar alguns meses com eles a fim de receberem educação doméstica e conselhos úteis para a vida. Eles eram educadores natos. Educavam para o exercício da cidadania e para a consciência da existência da vida espiritual.

Para eles não havia uma divisão nítida entre o mundo material e o espiritual. Através da mediunidade explícita dela, conversavam naturalmente com os desencarnados para ouvir-lhes as necessidades e os conselhos. Quando quiseram ter filhos, conversaram com estes antes de reencarnarem para que a existência

no corpo fosse melhor conduzida. Costumavam realizar reuniões em casa para as quais convidavam amigos e vizinhos, contagiando todos em torno das claridades do Evangelho.

Suas vidas eram voltadas para o bem, o amor, a fraternidade e a paz. Ela também costumava costurar pequenas roupas e organizar bazares para necessitados, carentes de recursos materiais. Gostava de falar do valor da caridade como forma de fazer evoluir a alma humana.

Para eles havia uma só família: a espiritual. Todos fazemos parte dessa única sociedade chamada Espiritualidade.



A existência dos espíritos é um assunto que incomoda a *psiquê* humana. Sob a denominação de imortalidade da alma estão conectadas uma série de experiências reencarnatórias, e algumas delas trazem sentimentos aversivos sob vários aspectos, ao indivíduo. Medo, pânico, sentimento de desintegração, pavor, ansiedade, alegria, alívio, felicidade, etc., são alguns deles, pois nas vidas sucessivas se experimentaram várias emoções diante da morte e do morrer. Uns negativos, outros positivos.

A percepção da existência da família espiritual pode se tornar mais difícil na proporção que a mente humana estiver suscetível àquelas conexões aversivas. Daí ser importante, para que se viva consciente de que se faz parte de uma família espiritual, a exclusão do medo da morte como um fim à individualidade.

Só a visão de espiritualidade poderá levar o ser humano a sentir-se participante da grande família espiritual que há no Universo.

As defesas *egóicas* atrapalham essa percepção ao se criarem barreiras para a compreensão da natureza humana como singular e coletiva ao mesmo tempo. A idéia de um *ego* separado e individualizado é necessária para a realização da individuação de cada pessoa, porém, as defesas utilizadas por ele para se auto-

afirmar no mundo, dificultam essa percepção de universalidade e independência, criando barreiras para a compreensão da natureza humana como singular e coletiva ao mesmo tempo.

Quem se esconde por detrás de suas defesas limita-se ao seu próprio mundo, ampliando seus medos e inseguranças. Abrir-se para o espiritual é conectar-se ao Universo e a Deus.

Quando desencarnamos, aos poucos deixamos para trás uma personalidade, cujo *ego* não poderá mais ser o mesmo, visto que, a morte nos faz mudar de vibração e de domicílio, ampliando nossas relações. Nunca se é o mesmo após a morte. *A psiquê* se ajustará à nova realidade. A família espiritual torna-se mais perceptível quando o espírito se encontra desencarnado.



A família espiritual é aquela na qual inserimos pessoas que consideramos componentes afins e que conviveram e conviverão conosco no mundo espiritual.

Grupo de espíritos que se unem por laços de amor tecidos através das experiências ditosas em várias encarnações nas quais se encontraram. São espíritos afins que se entendem pelos fios invisíveis do amor com que se nutrem.

São pessoas que têm perfeita noção da Vida e de seus processos, o que proporciona uma forma de viver invejável e desejável por todos.

Não se apresentam com nenhum estereótipo definido, isto é, não desempenham papel específico na sociedade. Não estão necessariamente numa determinada missão religiosa. São pessoas comuns que vivem com alegria e disponíveis para Deus.

Conseguem se unir com o firme propósito de proporcionar o desenvolvimento da sociedade na qual estão inseridos com seus valores nobres e com suas propostas humanitárias de vida.

Não se deixam contaminar pelos efêmeros prazeres da vida muito embora desfrutem deles com equilíbrio e satisfação. Usam, mas não são usados pelas coisas materiais, as quais consideram

instrumentos úteis dados por Deus para que o ser humano evolua. Em geral gozam de prestígio social, mas não se detêm nas futilidades e no excesso de exposição para se vangloriarem do que fazem. São discretos e objetivos nas ações em favor do próximo, de si mesmos e da sociedade.



“... e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou.”²²

A vida espiritual é a pérola maravilhosa que foi encontrada e pela qual tudo se deu. O Cristo nos chama atenção para o valor das questões espirituais. Diz que por elas tudo deve ser sacrificado, pois adquirir tais valores significa fundamentar a vida no que é verdadeiramente precioso.

Nem sempre percebemos o quanto vale dedicar-se às causas do espírito e viver consciente da existência da sociedade dos desencarnados. Quanto mais inserimos a presença dos espíritos em nossas vidas, mais ampliaremos a felicidade que desejamos, pois esta é profundamente influenciada pela visão de mundo que temos.

A pérola é um patrimônio pessoal. Não é adquirida nas joalherias, mas construída a partir de sólidas convicções a respeito da imortalidade da alma e da evolução do espírito pela reencarnação.

A vida conduzida apenas na direção das exigências materiais é limitada, tornando-se grandiosamente bela quando acrescentamos o olhar espiritual. Ao adicionarmos a vida espiritual à nossa consciência, ampliamos os horizontes de compreensão e renovamos nossas esperanças. A vida se torna mais agradável de ser vivida passando a ter um brilho semelhante ao da pérola mais reluzente.

²² Mateus 13:46.

O segundo enlace

Lúcia é uma jovem advogada que se casou com um homem que lhe dava toda segurança possível, carinho e com quem teve um filho no segundo ano de casamento. Ele era atencioso, bom provedor, educado e seu companheiro de todos os momentos.

Anos depois, ela conheceu Carlos num congresso de atualização profissional. Ele, também advogado, apaixonou-se por ela desde o primeiro momento em que a viu. Ela, a princípio, não quis qualquer envolvimento, pois, além de ser casada, não se sentiu atraída por ele, muito embora, algo naquele homem lhe chamasse atenção. No último dia do congresso ele lhe entregou uma carta pedindo que só fosse aberta depois que ela tomasse o avião de volta a sua cidade. Assim ela fez.

Era uma carta apaixonada e respeitosa. Dizia ele num dos trechos que o que sentia por ela vinha de dentro de sua alma e que aceitava a distância que ela lhe impôs, mas que, se um dia ela ficasse só, ligasse para ele. Completava dizendo que seria uma pessoa muito feliz ao seu lado e que tinha certeza de que também a faria feliz.

No quarto ano de casada Lúcia sentiu que sua relação com o marido estava diferente. Ela não gostava mais dele nem via nele nenhum cuidado a mais com ela. Parecia uma rotina interminável. Notara que estava dando desculpas para evitar ter relações sexuais com ele.

Tentou revitalizar a relação, mas seu esforço, embora com a colaboração dele, não teve êxito. Iniciaram diálogos e longas conversas sobre o casamento que culminaram, por fim, após cinco anos juntos, com a separação. Foi uma separação amigável. Poucos bens para dividir, sem mágoas e um filho para amar e educar.

Após alguns meses da separação, ela ligou para Carlos e se encontraram dois meses depois na cidade onde ele morava. Iniciaram um namoro que resultou em casamento oito meses depois. Ele se transferiu para a cidade dela e passaram a morar juntos.

Carlos também vinha de dois casamentos desfeitos dos quais lhe resultaram dois filhos. Era dez anos mais velho que a primeira mulher e se sentia culpado pela separação, pois havia se envolvido com outra pessoa durante o casamento. Separou-se para viver com a segunda mulher e não deu certo. Quis voltar para a primeira, mas ela, além de já estar com outra pessoa, não sentia mais nada por ele.

Carlos levou para o casamento com Lúcia os conflitos que tivera nos relacionamentos anteriores. Tinha ciúmes dela, pois achava que poderia traí-lo, muito embora acreditasse em sua honestidade. Não percebia que suas desconfianças se davam por causa das próprias atitudes do passado.

Se não fossem as habilidades e o caráter de Lúcia, a relação com Carlos duraria pouco em face de seus conflitos. Ele era imaturo e ela só percebeu tal aspecto na convivência diária. Optou por não se separar pela segunda vez e decidiu investir em seu casamento. O casal mantém-se unido até hoje.



Preparar-se para uma nova relação não é tarefa fácil. Haverá uma nova entrada no domínio da *persona*, que é a dimensão onde começam todas as relações, podendo mascarar as reais personalidades envolvidas e promovendo reincidência de equívocos. Toda relação se inicia na *persona*, como defesa e como

ponto de partida para um novo ciclo na vida. Isso decorrente dela ser o mais externo e superficial envoltório da individualidade. Ela é a imagem que apresentamos ao mundo e o modo como os outros nos vêem. No início de uma relação apresentamos nossos aspectos mais bem estruturados que causarão uma impressão positiva nos outros.

Em geral procura-se não cometer os mesmos equívocos da relação anterior, apenas com uma mudança externa de hábitos, sem se atentar para a necessária transformação interna. A pessoa muda de parceiro ou de residência, mas leva consigo seu próprio mundo interior.

Por ter se demorado em mostrar sua *sombra*, ou até por não conhecê-la, o indivíduo poderá fazê-lo num momento inapropriado e da forma indevida promovendo, no outro, desequilíbrios e falta de compreensão sobre o que estaria acontecendo. Perceber e estar atento à própria *sombra* é condição primordial para proteger a relação das projeções sobre o outro daqueles conteúdos desagradáveis e ocultos no próprio inconsciente. Pretende-se sempre que cada relação seja única, mas costuma-se esquecer de que se leva consigo os próprios conflitos.

Para a nova relação não se deve levar as conseqüências dos ciclos não fechados da anterior. Quem quer sair de uma relação deve aprender a fechar ciclos a fim de que eles não interfiram adiante.

A *psiquê* deverá estar disponível para que a transparência ocorra e não haja o predomínio do *ego*. A busca pelo segundo relacionamento marital deverá estar a serviço de um propósito maior, o do *Self*. Quando se dá por causas financeiras, filiais, dependentes, tendem novamente ao tédio.

O segundo relacionamento marital deveria ser rico e psicologicamente mais maduro que o primeiro. Neste prevaleceram as neuroses de cada um, no seguinte devem-se priorizar os cuidados com o outro. Quando reconhecemos, na convivência consciente com o outro, um parceiro para o próprio despertar interior,

poderemos descobrir as próprias potencialidades latentes de desenvolvimento.



Muitos casais se separam por motivos diversos e saem marcados da relação. Saem machucados, feridos e, não raro, com mágoas, decepcionados e desiludidos. Uma segunda união terá sempre mais obstáculos a serem superados do que a primeira. As exigências serão maiores no que diz respeito às concessões e entregas.

Os cônjuges projetam suas expectativas na segunda pessoa com quem se relacionam, submetendo-a, muitas vezes, a comparações com a primeira.

A maioria leva para a segunda relação a culpa consciente ou inconsciente de não ter obtido o sucesso. Sentem-se em parte responsáveis pelo insucesso, principalmente quando da união resultaram filhos ainda crianças.

Ao final de uma relação é preciso estar atento para que as carências não determinem a ansiosa procura por outros envolvimento. É importante viver o luto pelo término de uma relação, avaliando-se sobre todos os aspectos e buscando identificar em si o que contribuiu para aquele desfecho. A imediata ligação com outra pessoa, sem um período de solidão reflexiva, poderá favorecer a repetição automática dos motivos inconscientes que não foram identificados nem solucionados e que poderão favorecer um novo fracasso.

Quando o segundo enlace começa a dar sinais de insucesso, as preocupações aumentam e a decepção consigo mesmo se instala na consciência, prejudicando a possibilidade de mantê-lo.

Nem sempre o espírito vem com o propósito de se consorciar com uma determinada pessoa. Múltiplas possibilidades estarão à sua disposição. A maioria vem com um planejamento prévio no qual foi previsto o reencontro com determinada pes-

soa, mas há aqueles que retornam ao corpo sem esse compromisso definido.

Mesmo aquele que retorna para reencontrar outro espírito com quem manterá uma relação marital poderá mudar sua escolha, pois seu livre arbítrio poderá alterar os planos. Vale acrescentar que há também aqueles que optam previamente, isto é, ainda desencarnados, por não se consorciarem com ninguém.

O segundo enlace é fruto do desejo de ser feliz de uma forma que não foi possível na primeira vez. É uma tentativa de encontrar alguém com quem se possa dividir a vida e alcançar o bem estar tão sonhado.

Ninguém se casa desejando a separação. Espera-se que a relação perdure por muito tempo, se possível até a desencarnação. Se a pessoa se casa pela segunda vez essa afirmação tem mais sentido ainda.

É um equívoco pensar que a felicidade está apenas numa relação marital ou que esta se dá por amor. Muitos enlaces se dão pela necessidade dos cônjuges em amparar os filhos e pela carência afetiva que têm. A felicidade pode ser alcançada sem que se esteja casado com alguém. O casamento deve ser uma busca para a felicidade pessoal e, principalmente, para a de outrem. Querer ser feliz sem se preocupar em fazer a felicidade do outro é egoísmo, o que atrasa a evolução espiritual de quem o abriga em si.



“Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.”²³

O Cristo nos chama atenção para a preocupação necessária, mesmo que tardia, para os cuidados com a segurança

²³ Mateus 24:43.

patrimonial. Assim também é com o casamento. Nem sempre nos preocupamos com ele nas suas particularidades. Desleixamos do diálogo constante, do romance vitalizador, do companheirismo, da crítica construtiva, da amizade sincera e do compartilhamento de conflitos. Quando nos damos conta, já estamos em litígio com o outro. A maioria das separações ocorre após algum tempo em que o desencontro entre os cônjuges já havia se iniciado. Só se percebe depois de algum tempo, quando, muitas vezes, já é tarde demais.

Num casamento ocorrem muitas invasões que acabam por minar-lhe a coesão, qual arrombadores oportunistas. Elas conseguem penetrar sornateiramente no ambiente doméstico sem que percebamos. Dentre eles se encontram: a intriga, o ciúme, a falta de religiosidade, as influências espirituais nocivas, a competição, o desejo de domínio, a falta de admiração, as fofocas familiares e de vizinhos, a inércia profissional, o sexo sem amor, a falta de cuidado e de respeito para com o outro, etc.

O Cristo sugere o remédio oportuno: a vigilância. É preciso que estejamos sempre atentos às influências que penetram em nossas relações a fim de não colocarmos em risco nosso projeto de vida

Filhos do outro

Mônica é uma jovem advogada bem sucedida, proprietária de uma empresa de assessoria jurídica especializada em tributos. Separada desde que sua única filha nasceu, viveu por dez anos entre um namoro e outro sem encontrar um companheiro com quem dividir sua vida.

Conheceu Mauro, também separado, três filhos, sendo que o mais novo tem quatro anos e é o preferido do pai. Conheceram-se quando ela viajava de férias e ele a atendeu na agência de turismo da qual é proprietário. Foi amor instantâneo, pois seu coração disparou quando o viu. Percebeu que algo a ligava a ele. No momento, pensou que talvez a hipótese de reencontro de pessoas que se conheceram em vidas passadas fosse possível.

Ele, por sua vez, sentiu algo diferente, pois sempre fora reservado em suas expressões emocionais. Mas algo inusitado estava acontecendo com ele. Perguntava-se porque aquela jovem o atraía. Afinal de contas ele já tinha quarenta e cinco anos e ela talvez estivesse com pouco mais de trinta. Sentia-se muito mais velho, embora não o fosse. Perguntou-lhe o que ela ia fazer naquela viagem. Conversaram bastante, o que fez surgir uma amizade que em poucos meses se transformou em namoro.

Ele, pelos motivos de sua separação, desconfiava das mulheres. Sempre achava que poderia ser traído ou rejeitado. Ela

queria um relacionamento para uma possível união conjugal. Não queria mais aventuras ou encontros ocasionais. Ao se encontrarem essas exigências se tornaram importantes pilares norteadores da relação.

A filha dela tinha dez anos e os filhos dele tinham oito, seis e quatro anos. Os quatro se deram bem, porém ele evitava o encontro deles. Por ter se separado litigiosamente, sua relação com a ex-mulher era de guerra constante. Não queria que seus filhos se aproximassem da atual esposa para não desagradar e ampliar a briga com a mãe deles.

Quando conseguia reunir seus três filhos com a dela ele demonstrava nítida preferência pelos seus, principalmente pelo mais novo e isso a chateava.

Enquanto ele não resolver sua separação, pois quem ainda vive em guerra com o ex-cônjuge na realidade ainda não se separou, não saberá equilibrar sua relação com as crianças mantendo a preferência por seus filhos em detrimento da filha dela.



Muitas vezes os filhos de relacionamentos anteriores que estão em convivência diária com o atual casal evocam na mente de quem não lhe é parente o motivo da traição ou de que o outro ‘pertenceu’ a alguém. A competição psicológica e o ciúme que se travam são muito intensos. É comum observar-se a disputa entre o cônjuge e os enteados quanto ao tempo do outro, o dinheiro que é destinado a cada um, a defesa nas discussões familiares, as demonstrações de amor, os cuidados com aparência, etc.

O *ego* tenderá a querer manifestar seu domínio sobre o outro concorrendo para a disputa. Os *arquétipos*, direcionadores da energia psíquica, tenderão a levar o indivíduo ao confronto e a querer fazer prevalecer seus ‘direitos’. O domínio territorial inconsciente será o motivador de diálogos e das observações que se façam em torno dos filhos do outro.

Em cada um dos pais a convivência com os filhos do outro será um campo de críticas e de observações sobre o comporta-

mento alheio, muitas vezes no intuito de mostrar que o pai ou a mãe que com ele não convive foi o responsável pela atitude considerada negativa. Os filhos do outro deveriam ser tratados como elementos da família que se optou por gerar.

Quando ocorrem situações nas quais se deva tomar algum partido, este deve ser em favor do filho do outro para que se possa mais facilmente lhe educar quanto ao que é inadequado em sua personalidade.

A separação de gastos entre os que são filhos da relação e os de relacionamentos anteriores para que cada um assuma suas responsabilidades, às vezes, se torna motivo de desavença entre casais. O mais adequado é pensar que o filho do outro não tem culpa se porventura seu responsável não lhe banca as despesas. Ele não deve ser utilizado como objeto nas brigas do casal. Deverá ser colocado como elemento neutro.

Uma pessoa psicologicamente madura tentará fazer com que os filhos do outro se tornem seus amigos.

A aceitação dos filhos alheios é um desafio ao *ego*, pois, envolve a ampliação do conceito de amor, de posse e do desejo de auto-afirmação. Quanto mais alarguemos a capacidade de amar àqueles que não são parentes consangüíneos, aprendemos que só alcançaremos a felicidade se o outro também o conseguir.



Não é fácil para quem deseje se unir a outra pessoa saber lidar com seus filhos de relações anteriores. A afirmação sempre vem à mente: eu não sou pai (mãe) deles e por isso não devo agir dessa maneira. Os cuidados são muitos e os receios maiores ainda.

Tanto por parte dos filhos quanto de quem lhes será madrasta ou padrasto haverá preocupações e fantasmas a serem eliminados. Os receios quanto às atitudes do pai ou da mãe deles será sempre um fantasma na relação que terá de existir.

Há aqueles (mais comum por parte dos homens) que evitam o contato entre sua nova companheira e seus filhos por falta de transparência ou de maturidade psicológica. Têm medo, às

vezes, dos filhos lhe recriminarem pela nova escolha. Não sabem como eles vão reagir. Atribuem-lhes um poder de julgar seus atos e por isso querem sua aprovação.

No fundo se sentem culpados por tê-los ‘abandonado’ e acham que não têm direito a formar outra família. A culpa deles interfere no novo enlace e na relação entre seus filhos com a companheira e com os filhos dela.

Às vezes os filhos participam dificultando a boa relação com a nova companheira de seu pai por lhe atribuírem a responsabilidade pela separação.

As comparações entre novos companheiros e antigos são inevitáveis e dificultam uma boa convivência.

A superação desses conflitos está em partilhar a situação com todos. Sem essa transparência não será possível uma boa convivência do grupo. Tanto o homem quanto a mulher têm direito a ir em busca de uma nova relação e seus filhos deverão ser educados para compreender isso.

É fundamental também que nem o homem nem a mulher queiram ou aceitem substituir o lugar do pai ou da mãe e isso deve ficar claro na medida em que a criança tenha discernimento para conversar sobre o assunto. Devem buscar o lugar do marido da mãe deles ou da mulher do pai e ambos ensinarem seus filhos a entender a nova configuração familiar.



“Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.”²⁴

Quantos de nós queremos seguir nosso caminho sem resolver velhos problemas que, de tempos em tempos, nos ator-

²⁴Mateus 5:25.

mentam. Mudamos de bairro, de cidade e às vezes transformamos radicalmente a vida, mas não nos esquecemos de velhos inimigos que moram dentro de nós.

O Cristo nos convida à reconciliação necessária com o inimigo externo e principalmente com o interno. Aquele que elegemos fora é apenas uma representação do que mora dentro de nós. Dentro de nós está o inimigo oculto que é representante de nossa ignorância e desconhecimento sobre nós mesmos.

Separar-se sem litígio é uma arte que nem todos sabem exercer. É preciso muito equilíbrio e segurança para tal. Seria bom que as separações levassem os ex-cônjuges à amizade ou pelo menos ao respeito mútuo. Reconciliar-se não significa voltar a ter um romance, mas tratar o outro com respeito e com dignidade. É voltar ou conseguir ver o outro como uma pessoa.

Enquanto a reconciliação não vier estaremos na prisão a que se referiu o Cristo. Seremos prisioneiros em pensamento pela onda mental de ódio ou ressentimento contra o outro com quem sintonizamos pela incapacidade de resolver o término de uma relação.

Pais estimuladores. Filhos que usam drogas

Tom é um rapaz de classe média que, aos quinze anos, por influência de ‘amigos’ experimentou maconha pela primeira vez. Ele gosta de música e tem o hábito de ficar sozinho em seu quarto tocando canções que ele mesmo compõe. Seus pais são separados e ele mora com dois irmãos, uma tia e a mãe em um pequeno apartamento na região norte da cidade. Dependente do uso da droga, ele se limita a praguejar contra a vida acreditando que um dia encontrará alguém que possa entender suas idéias.

Seu pai pouco participa de seu mundo, limitando-se a ligar para ele quando faz aniversário, a dizer-lhe que a vida é dura e que ele tem de aprender sozinho. Tom é tímido e tem dificuldades em estabelecer contatos afetivos. Poucos amigos e nenhuma disposição para encontrá-los. Já com vinte anos completos não quer mais estudar. Deixou a faculdade no primeiro ano após uma aula da qual nada entendia. Sem trabalho e sem perspectiva, seu destino é incerto e seu futuro é nebuloso. Nada quer e nada faz por si mesmo, embora conte com o interesse da mãe em ajudá-lo.

Não namora, pois se acha inferior e incapaz de ser aceito por alguém. As poucas vezes que namorou não conseguiu manter o relacionamento por muito tempo. Ou foi rejeitado pela falta de iniciativa ou desinteressou-se rapidamente pela pessoa.

Sua mãe se esforça, após chegar do trabalho, em estimulá-lo a sair dessa situação e a tentar arranjar algum emprego, mas ele não lhe dá atenção. Seus dois irmãos o evitam, pois o acham esquisito e pouco sociável e, às vezes, bruto. Ele é o mais velho e se sente diferente dos outros. Sua tia sempre está ao seu lado, mas pouco consegue fazer para estimulá-lo na vida.

A situação tende a se perpetuar se algo não ocorrer na vida de Tom. Como muitos, ele sofre da falta de motivação e de interesse pela vida, muito embora a sua esteja apenas começando.

Ele se lembra que, quando criança, aos seis anos, assistia às brigas constantes de seus pais. Via seu pai depreciar sua mãe e a reação dela mostrando os erros dele. Não sabia por que seus pais brigavam tanto, mas entendia que aquilo o afetaria de modo negativo. Algo lhe dizia que sairia perdendo após o desfecho daquela situação.

Seu pai saíra de casa sem ao menos lhe explicar o motivo. Viu seu mundo desmoronar sem que pudesse fazer nada. Perdeu as esperanças de ter tudo que seus amigos tinham, isto é, pais juntos e o padrão alto de conforto. Noite após noite via sua mãe chorando e cuidando de seus dois irmãos menores. Sua irmã, ainda bebê, adoecera durante a separação, obrigando a mãe a se dedicar mais à menina que a ele e ao irmão. Foi o fim de tudo para ele. A partir dali seu mundo era triste e sombrio.

Esse quadro desencadeou nele uma série de reações que eclodiram na adolescência com seu mutismo, isolamento e fuga pela droga.

Ele é mais um representante daqueles que sofrem pela ausência paterna e pela falta de perspectiva para a vida.



O psiquismo humano estrutura-se de forma a que todas as experiências vividas pelo espírito possam estar acessíveis simultaneamente. Ele se situa no perispírito e se projeta no corpo atra-

vés do cérebro. Vamos encontrar no perispírito duas zonas cuja linha divisória é muito tênue. Na zona consciente estão armazenadas as experiências adquiridas na vida atual, bem como aquelas de vidas passadas cuja energia emocional, por tão intensa, irrompem sem muito esforço. Na zona inconsciente se encontram aquelas acumuladas ao longo da evolução espiritual do indivíduo.

O espírito reencarna com todas aquelas informações acessíveis, porém elas se encontram codificadas de tal maneira, que o *ego* projetado no corpo só acesse diretamente a zona consciente. Mas as experiências que se encontram na zona inconsciente lhe são acessíveis indiretamente pelos sonhos, pelas fantasias, nas regressões, pelas terapias, nas meditações, nos estados alterados de consciência, e diretamente quando algum evento externo a elas se conecta.

O ser encarnado é então singular e múltiplo ao mesmo tempo. Busca expandir-se em face da tensão provocada pela imensidão de experiências inconscientes. É com esse ser que nos relacionamos e, nesse sentido, lhe somos iguais.

Quando estimulamos um filho ou alguém próximo, estamos atingindo alguma experiência que poderá catalisar as mais diversas reações em face das conexões que forem feitas. Estimular positivamente uma criança é favorecer seu desenvolvimento na direção do *Self*.

Quando deixamos de fazer isso permitimos que ela fique à mercê de todo tipo de estímulos e conexões possíveis. Fortalecer o *ego* que renasce a cada existência através de estímulos positivos é fundamental para que o espírito se prepare para conectar-se adequadamente ao inconsciente.

As conexões feitas pelo sentimento de amor promovem mais rapidamente o encontro do *ego* com o *Self*, fundamental para que o espírito alcance sua iluminação. O estímulo do amor é mais poderoso do que qualquer argumento verbal, por mais lógico que seja.



É evidente que o problema de Tom não se deve apenas à separação e ausência paterna. Há também fatores internos nele e outros de origem *cármica*. Podemos entender que ele é vítima de si mesmo e de sua fragilidade diante de problemas que lhe parecem maior do que realmente são.

Geralmente quando um adolescente, ou um adulto jovem, tem dificuldade de enfrentar o mundo e seus desafios, preferindo fugir por uma via que lhe parece mais fácil, é provável que seu *arquétipo* paterno esteja sendo representado por algum símbolo enfraquecido. Nesse caso será necessário um estímulo pessoal direto para lhe proporcionar a descoberta de um mais forte. É preciso que ele encontre um modelo forte no qual possa transferir suas aspirações.

Para que se evite isto desde a infância, é necessário descobrir logo cedo algum potencial positivo em cada filho e estimulá-lo no desenvolvimento deste. Mesmo que os pais não identifiquem os potenciais de seus filhos, é preciso que aprendam a lhes dirigir palavras de estímulo, pois elas serão profundamente importantes em sua vida adulta. Um filho nunca esquece aquilo que seus pais lhe falaram no sentido de enaltecê-los.

Aos que se viciaram em maconha ou em outras drogas, lícitas ou não, é conveniente que eles saibam que seu problema principal não é o vício, mas aquilo que o levou a ele. Qualquer crítica poderá ser fatal para que a pessoa que a dirige seja colocada, pelo viciado, no rol das que não o entendem.

É preciso paciência, tolerância e respeito ao viciado para auxiliá-lo efetivamente. Eles são espíritos como nós que retornam trazendo, cada um, as personalidades cristalizadas ao longo de suas sucessivas reencarnações, as quais ainda não foram suficientes para a solução de suas frustrações.

Por mais que condenemos o traficante, cuja infeliz ação contribui para o desequilíbrio do viciado, é preciso ter em mente que aquele só existe por que há uma demanda e essa é que deve, principalmente, ser resolvida. Combate-se o tráfico, mas não se

busca educar a sociedade que demanda a droga. A sociedade materialista e consumista, a qual não oferece um sentido maior à vida das pessoas é que é a principal responsável pelo vício.

É preciso compreender que a personalidade do ser humano contém suas experiências reencarnatórias cuja complexidade está longe de nossa capacidade de entendimento. O espírito deseja ser compreendido sempre. Com o viciado não é diferente. Além da compreensão ele deseja amor e respeito.



O usuário de drogas é sempre alguém em fuga de si mesmo e carente de afetividade. Mal resolvido em suas questões íntimas busca a solidão do consumo da droga para ausentar-se do sofrimento, muito embora o provoque depois que seus efeitos cessam.

São medrosos, mas não têm coragem de admiti-lo. Preferem esconder-se por detrás da máscara que ostentam de dominadores do mundo. Falta-lhes um sentido para a vida e, por fragilidade, agregam-se a outros cujo princípio existencial se assemelha, tornando-se rebeldes cuja causa desconhecem.

Por vezes, são arrogantes e tripudiam sobre pessoas que os amam e, que por esse motivo, demonstram desejo de ajudá-los, mesmo que isso signifique sofrer agressões diversas.

Pelo efeito prolongado do uso de drogas, sofrem por não alcançarem a concentração devida e têm sua capacidade intelectual reduzida. Adquirem, quando já não ocorre antes do uso, um *complexo* de inferioridade muito grande que os impede do convívio com pessoas que consideram superiores intelectual e moralmente. Compensam seu *complexo* com atitudes extremas de imposição de sua vontade com aqueles com quem convivem. Tornam-se infantis e não admitem sua condição de doentes.

Geralmente vítimas da ausência paterna, não souberam construir em si mesmos os meios para que o *arquétipo* paterno encontrasse campo de manifestação estruturante na vida adulta.



O problema das drogas é sistêmico por envolver aspectos sociais, econômicos, orgânicos, psicológicos e espirituais.

É social por que afeta o conjunto da sociedade e a família, desestruturando uma e outra nos seus alicerces básicos que é a união de forças em favor do progresso. É econômico porque se associa à busca de valores não alcançáveis pela força do trabalho e esforço pessoal, gerando uma economia informal danosa. É orgânico porque afeta a dinâmica biológica contribuindo para o surgimento de outros distúrbios principalmente neurológicos. É psicológico porque os fatores predisponentes ao uso se enraízam nos obscuros escaninhos da mente, no inconsciente. É espiritual por causa das influências intrapsíquicas reencarnatórias e extrapsíquicas de desencarnados pela obsessão.

Sua erradicação passa não só pela criação de instituições voltadas para o tratamento clínico, pela repressão ao tráfico, pela ampliação dos espaços de lazer, como também pelo aumento do número de escolas e pela introdução de uma educação voltada para os valores espirituais.

Em família é fundamental o diálogo e o amor.



*“Vós sois o sal da terra;...”*²⁵

O Cristo aponta para o interior do ser humano ao compará-lo com o sal. É ele quem dá sabor à comida da mesma forma que o ser humano é quem preenche de sentido a Natureza. Embora por um lado possamos nos considerar um grão de areia no Universo, por outro, poderemos nos perceber como senhores dele, na medida que o transformemos, com o nosso livre arbítrio, num grande reino divino.

Cada ser humano deve ser visto como um maravilhoso diamante que necessita ser lapidado para brilhar na vida. Latente

²⁵ Mateus 5:13.

em cada um de nós está a centelha divina que não deve ser obscurecida pela imensa *sombra* que carregamos.

A afirmativa do Cristo nos leva à compreensão da grandeza de Deus a partir do valor da criatura humana. Podemos mais do que pensamos e precisamos aprender a usar o poder criativo que Deus nos concedeu.

O viciado deseja um imenso poder que ainda não sabe usar. Ele quer ter uma experiência transcendente a fim de sair da situação em que se encontra. Precisamos lhe dizer que ele é o ‘sal da terra’ e que precisa fazer valer sua capacidade de dar sabor à vida. Ele precisa de um sentido e um significado para ela. Ele poderá encontrar aquele sentido na medida em que contar com um ombro amigo que lhe mostre seu valor pessoal.

Carecem de amor e de estímulos para sair do abismo em que se encontra pendurado, oscilando entre o encontro consigo mesmo e com Deus e o poço profundo da obsessão. É vítima de si mesmo, necessitando de ombro forte, de colo amigo e de apoio fundamentado na compreensão e na disponibilidade de ajuda irrestrita.

O Cristo nos mostra em suas palavras a grandeza do ser humano na natureza. Faz questão de assinalar a importância do indivíduo e sua singularidade no mundo. Exalta o valor pessoal de cada criatura e o que ela pode se tornar na Vida. Embora falasse para a coletividade, colocava as palavras para que alcançassem cada pessoa. Pode-se perceber que ele via em cada ser humano a Divindade ali representada. Quando comparava seus discípulos ao sal, talvez quisesse que entendessem que, com o conhecimento espiritual que estavam adquirindo, poderiam muitas coisas realizar. Estavam sendo portadores de uma mensagem bela e próxima das leis de Deus que se tinha conhecimento entre eles. Deveriam se sentir como o sal, que revela o sabor do alimento.

Assim devemos encarar cada ser humano. Como um ser especial. Um filho que se mostra diferente, por exemplo, pela escolha sexual que fez ou pela atitude diferente que tomou na

própria vida, deve ser visto de forma semelhante. A opção sexual não define a personalidade de alguém. O ser humano é mais do que sua prática sexual. Deve-se amar a pessoa em sua totalidade e não apenas por essa ou aquela prática.

A proposta do Cristo, ao nos comparar ao sal, é de que erradiquemos a tristeza e o sentimento de abandono, pois somos portadores da energia divina e da capacidade de superar qualquer adversidade.

Separação amigável e litigiosa

Fernanda é uma jovem médica de vinte e oito anos que percebeu, após o quarto aniversário de seu filho, que seu marido não mais lhe dava a atenção devida. Reclamava-lhe da falta de carinho e de cuidados consigo e recebia como justificativa a falta de tempo e o estresse pelo trabalho. Porém, ele nada fazia para resolver essa situação. Cada vez mais ela constatava que alguma coisa estava acontecendo com a relação, pois se cansava de ficar só e, mais ainda, depois de chegar do trabalho, por ter de fazer todas as tarefas domésticas. Com o passar dos anos o amor foi diminuindo até desaparecer.

Deixou de sentir prazer com ele. Não conseguia sentir-se bem sexualmente. Na maioria das vezes que ele lhe procurava ela evitava, justificando cansaço, dor de cabeça ou fingia que estava dormindo.

Após muitas tentativas infrutíferas de diálogo, ela decidiu separar-se. Sua preocupação principal era a educação de seu filho e a capacidade do marido em entender suas razões. Ela não era feliz e queria encontrar sua felicidade.

Não queria simplesmente culpá-lo pelo fim da relação. Queria que ele entendesse que ela não gostava mais dele e que todos estavam infelizes. De fato ele tinha suas responsabilidades, mas o principal para ela era a situação desconfortável e de insatisfação que sua vida se encontrava.

Acreditava que poderia conduzir a separação de tal forma que aprendesse com o processo, que não fizesse seu filho sofrer, que não transformasse o pai de seu filho em inimigo e que não se sentisse culpada pelo fracasso do casamento.

Iniciou uma série de conversas com o marido, fazendo-o entender que ela não conseguia mais manter a relação, pois não mais gostava dele como antes e sim como amigo. Pedia-lhe que entendesse seu momento e que ele poderia recompor sua vida, pois ele tinha apenas 32 anos e estava bem profissionalmente como analista de sistemas de uma empresa de informática.

Ele tentou argumentar que a vida era assim mesmo e que iria se esforçar para mudar a situação. Chegaria em casa mais cedo, daria mais atenção a ela e ao filho. Ela decidiu esperar, mas a mudança dele não durou dois meses. Tiveram nova conversa definitiva. Separaram-se amigavelmente.

Hoje são bons amigos e ambos estão, após algum tempo, numa nova relação conjugal.



Difícil é, numa relação a dois, conseguir transparência nos diálogos, principalmente quando a relação se encontra no estágio de predomínio da *persona*. Não é fácil dizer que não se gosta mais de alguém. Tem-se receio de machucar o outro ou de levá-lo a um estado depressivo e/ou agressivo. O processo de mudança da relação de *persona* para a de mínima manifestação da *sombra* é lento e deve ser feito de forma gradativa. A transição de um para o outro deve ser feita a dois e se necessário com ajuda terapêutica.

Nem sempre os casais se preocupam, antes de se unirem e no início da união, com a relação que se processa psicologicamente e inconscientemente entre os dois. Há uma relação inconsciente que se sobrepõe à consciente, a qual permite que muita coisa fique velada e não dita. Muitas suposições e expectativas

ficam latentes no psiquismo de cada um, pressionando atitudes e comportamentos de lado a lado.

Numa relação, assuntos controvertidos, cujas opiniões são discrepantes, devem ficar esclarecidos para que surjam o mínimo de tensões latentes e o casal tenha consciência dos papéis de cada um.

Cada um estrutura sua *persona* para que a relação atinja um nível que considere ideal e lhe traga felicidade. Aquela estruturação reprime aspectos importantes da personalidade que irão interferir intensamente na relação, sem que o indivíduo se dê conta. Haverá um casal consciente, formado pelas *personas*, e um outro, inconsciente, formado pelos elementos reprimidos.

O casal inconsciente, muitas vezes, predomina sobre aquele que se diz consciente. Isso ocorre principalmente pelo desconhecimento da existência e da força do inconsciente sobre o ser humano e suas relações.



Numa relação, separar é mais difícil que unir. Nosso psiquismo não foi habituado ao processo de abandonar, perder, desligar-se ou desistir, que provoca e exige reformulações psíquicas importantes. O *arquétipo* que possui essa função é pouco utilizado. Geralmente ele é escolhido por força de imposições aversivas da Vida. Nossa singularidade, geradora da solidão inata, nos faz utilizar muito mais o *arquétipo* da união, da busca, da ligação do que o seu contrário.

Não é fácil conseguir separar-se amigavelmente. É necessário que não haja mágoas acumuladas nem projeções na relação. O mais importante antes de tomar a decisão é constatar se não existe mais amor, o qual deve ser o pilar central de uma relação com alguém. Sem ele, força-se uma situação que pode levar ambos ao sofrimento e ao desgaste.

É conveniente, antes de separar-se, tentar transformar os sentimentos rancorosos que se tenha, em respeito e compreensão pela personalidade do outro. A separação quando litigiosa não é real. Vínculos invisíveis ligam os litigantes entre si de tal forma que se escravizam mutuamente em pensamento. Nesses casos, quanto mais se deseja desvincular da pessoa, mais a ela se mantém ligado. Não são os filhos que porventura ficaram da relação que promovem a continuação do vínculo, mas os sentimentos que se mantém com a pessoa, sejam de amor ou ódio.

Nem sempre é possível conseguir a separação amigável. Muitas vezes um dos cônjuges não quer ou não consegue. Nesse caso, quando ocorre inevitavelmente o litígio, eles deveriam ter em mente a necessidade futura de conciliação amistosa.

Essa conciliação permitirá que ambos possam no futuro estabelecer relações conjugais com qualquer pessoa sem que novos litígios ocorram. Será uma espécie de conhecimento adquirido para novos compromissos. Terão aprendido a lição quando se separarem amigavelmente.



“Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.”²⁶

Embutido nas palavras do Cristo sempre há um ensinamento profundo. É preciso que saibamos enxergá-lo com os olhos da alma. Quando nos detemos na letra interpretada literalmente, perdemos o contato com as claridades reluzentes da sabedoria existente. A colocação de pagamento levou equivocadamente a se entender que estamos na vida para resolver um problema contábil. A vida é muito mais do que uma questão de dívida e pagamento. Estamos nela para aprender a amar.

²⁶ Mateus 5:26.

A colocação do Cristo pode nos levar à compreensão de que não devemos deixar as coisas por fazer nem pensar que tudo pode ser resolvido quando relevamos as dificuldades ao rol do esquecimento. As questões não resolvidas e temporariamente esquecidas ficam no inconsciente à espera de solução.

O espírito só se livra de uma questão quando as emoções a ela vinculadas se estabilizam. Enquanto ficarem vinculadas a uma experiência emoções desarmonizadas, haverá necessidade de aprendizado e, na maioria dos casos, de reviver-se o fato gerador.

A harmonia e o equilíbrio das emoções é a tônica das leis de Deus. Em tudo que se faz deve-se buscar a harmonia a fim de que o passo seguinte seja o surgimento do amor. Quanto mais em paz e harmonia, mais será possível ao coração amar.

Inimizade entre irmãos. Ódios em família

Júlio e Márcio têm um ano de diferença na idade. Parecem-se fisicamente muito embora o primeiro se assemelhe às feições maternas e o segundo, às paternas. Em temperamento ocorre o inverso, Júlio ‘puxou’ ao pai, impulsivo e dado a afetividade exagerada. O segundo, à mãe, mais calmo e comedido nas manifestações afetivas.

Desde quando eram crianças, notava-se a dificuldade entre eles de se relacionar. Havia uma certa inveja ou desejo de um mostrar ao outro os erros alheios. Vez por outra se via um corrigindo o comportamento do outro frente a terceiros. Muitas vezes chegavam às vias de fato, se engalfinhando por tolices. Já adultos não se tocavam e embora não se falassem, não mais havia um clima para agressão física.

Tudo começou quando o mais novo passou a se incomodar com os privilégios que o mais velho tinha. No aniversário de cinco anos do irmão, ele fez de tudo para bagunçar a festa a ponto de ser retirado para não tocar fogo nos enfeites cuidadosamente feitos pela mãe. Todos notavam a inveja dele pelo irmão. Mas, por sua vez, o mais velho também fez o mesmo na festa do ano seguinte quando o irmão fez cinco anos. Conseguiu derrubar

algumas bandejas de doces e desagradar a todos que também notaram o ciúme dele por não ser o centro das atenções.

Na adolescência passaram vários meses sem se falar e quando o faziam, brigavam. Disputavam a atenção dos demais familiares. Queriam mostrar que um era melhor que o outro. Quando brigavam, queriam a razão de seu lado.

Buscaram profissões diferentes. Um se tornou dentista e o outro administrador e funcionário público. Continuaram sem se falar para desgosto dos pais. Casaram e um não compareceu à cerimônia do outro. Serão inimigos enquanto o orgulho falar mais alto. São iguais.



É típico no ser humano os mecanismos de defesa usados inconscientemente pelo *ego* para que sua *sombra* não apareça. Na maioria dos casos o indivíduo não o faz por dolo, pois encontra motivos lógicos para enxergar no outro aquilo que não está ainda completamente resolvido em si. Vê razões de sobra para o que projeta, pois o outro lhe apresenta motivos reais e que são percebidos pelas pessoas com quem convive.

A projeção ocorre graças à não percepção da própria *sombra* e à existência, nos casos mais intensos e complexos, de anti-gos ódios não resolvidos entre as pessoas envolvidas.

O orgulho, irmão do desejo de poder do *ego*, responde pela ausência da renúncia e da humildade, tão necessárias nas relações humanas.

Sentimentos aversivos de uma pessoa a outra podem ser efetivamente trabalhados e direcionados para o desejo do encontro com o outro, quando se abre a mente e o coração ao amor.

A intensa emoção do ódio, latente no inconsciente e agora presente na consciência, consegue contaminá-la dominando-lhe o foco de atenção, a ponto de direcionar as ações do *ego*, colocando-o a serviço da vingança. O ódio, como a maioria dos

sentimentos intensos, consegue contaminar a consciência, a qual é movida pela atenção promovida pelo *ego*. O perdão atuará sobre a consciência para que a contaminação se desfaça devolvendo o equilíbrio necessário.

Com o perdão na consciência haverá, por inverso, o atingimento do núcleo do passado no qual se encontram as experiências que lhe deram origem.



As brigas entre irmãos são naturais. Afinal, luta-se por espaço, pelo domínio do ambiente e do controle das situações, resquícios da experiência animal presente no ser humano.

Há limites para os pais permitirem que a situação perdure. O trabalho de conciliação deve ser constante, principalmente durante a infância e a adolescência. Na maioria dos casos são inimigos de tempos remotos que reencarnam como irmãos consangüíneos a fim de que juntos aprendam a lei de Amor.

Em geral o orgulho e a rigidez mental impedem que se reconciliem. Só a educação e o contato familiar poderão alterar a situação. Os pais devem estar atentos para promover o necessário respeito de um pelo outro para que a contenda não perdure por mais outra encarnação.

Deve-se evitar deixar de dar razão a qualquer um deles quando a situação assim se justificar, pois, sob pretexto de ficar neutro pode-se ser injusto. Mesmo sendo dada a razão a quem a tenha, deve-se, posteriormente, conversar com quem ocupou aquele lugar sobre a necessidade de evitar a contenda, tendo em vista que o outro irá nutrir o natural sentimento de vingança. Àquele que não tinha razão, deve-se expor o motivo pelo qual ele se equivocou e como poderá proceder quando algo semelhante ocorrer. É imprescindível que sempre haja o diálogo de mediação para que os direitos sejam respeitados.

É também importante lembrar que, quando a causa geradora da inimizade vem de vidas passadas, no inconsciente de cada um deles estará a contenda anterior, a qual, naquele que se sentiu injustiçado, gerará a postura de quem deseja alguma desforra ou compensação. Isso poderá ser observado quando a razão costuma estar, muitas vezes, do lado de um deles, o qual, via de regra, não foi o injustiçado do passado.



A preferência inconsciente dos pais por este ou aquele filho decorre dos laços que unem os espíritos entre si alicerçados pelas afinidades estabelecidas em vidas passadas. Essa preferência se mostra quando inconscientemente um dos filhos é escolhido para as manifestações de alegria, para as conversas mais prolongadas, para o olhar nos olhos, para os elogios, para os presentes mais significativos, para a ausência de críticas, a citação de exemplos, etc.

Mesmo que a escolha por um dos filhos não seja explícita não é possível esconder sentimentos. Aquele que for preterido sentirá através das vibrações emitidas por quem o discrimine.

Essa discriminação, explícita ou não, poderá, e geralmente o faz, levar aquele que foi inferiorizado a manifestações de hostilidade ao que foi escolhido. Entre eles haverá essa diferença, que poderá promover animosidades. A inveja e a competição se instalarão.

É comum que se diga e pense que os pais vêem os filhos de idêntica maneira e que gostem deles igualmente. O amor ou o ódio, como qualquer outro sentimento, que se sente por alguém, não se modifica apenas por uma ordem racional. Sentimentos são construídos com base em experiências relacionais e nem sempre obedecem a razão, salvo quando esta se submete a transformações profundas.

Espíritos renascem como irmãos para solidificarem o sentimento de fraternidade e ampliarem seus esforços comuns em favor do grupo do qual fazem parte. Também para aprenderem a dividir, a cooperar e a reconhecer a igualdade de direitos e deveres.

Os pais devem entender que os filhos, ao apresentarem diferenças intelectuais, devem merecer idêntica atenção e carinho. Aquele que apresente condições intelectuais inferiores deve ter outras habilidades igualmente importantes que devem ser valorizadas.

As preferências são conseqüências das relações anteriores entre os espíritos, porém deve-se prevenir para que elas não se repitam de forma estereotipada e inadequada à evolução do ser humano.



Não é raro encontrar em família pessoas que não se tole-ram e cultivam ódios duradouros. A maioria não consegue viver no mesmo teto distanciando-se sempre que possível a fim de evitar o contato.

Em alguns casos o grau de parentesco com a pessoa não é consanguíneo, isto é, muitos decorrem de um consórcio que vincula uma a outra, o que dificulta a proximidade para que a harmonia se estabeleça. É comum encontrar inimizades entre cunhados ou entre enteados e madrastas ou padrastos, o que torna a situação ainda mais complexa.

Na maioria dos casos se observa que o orgulho está presente, visto que nenhuma das partes toma a iniciativa para reatar a relação. Cada um tem suas razões ou motivos para acreditar que cabe ao outro o dever de pedir desculpas e re-equilibrar a situação. Os envolvidos procuram justificar-se perante os outros atraindo para si uma parte da família, enquanto a outra toma partido oposto. A divisão se instala sem que as pessoas envolvidas percebam.

Às vezes, o fato gerador do sentimento aversivo por outra pessoa se situa na atual encarnação, tornando a situação mais simples de ser resolvida, visto que se consegue identificar as responsabilidades dos envolvidos. Quando o sentimento vem de outras vidas, isto é, o fato gerador não ocorre na atual ou, se ocorre, é insignificante, a probabilidade de resolver a situação é menor.

Briga-se por causa de objetos insignificantes, por sentimentos não resolvidos, por palavras mal colocadas, por agressões voluntárias ou não, pela disputa de poder, dentre outros. Em todos os casos alguém não tem razão ou ambos. Quando um dos dois tem razão, o outro, se quiser, pode mudar a situação renunciando ao seu direito de conquistar seu opositor. Nem sempre a renúncia é possível, visto que, às vezes, os bens e valores envolvidos são muito caros a ambos. Quando a renúncia está presente, ambos ganham.



Os ódios em família decorrem também da própria natureza humana na qual se insere o desejo de superação da inferioridade através do predomínio sobre o outro. Porém, esse ódio é fomentado pelas ocorrências aversivas do espírito em vidas passadas. O desejo de vingança, a necessidade de fazer justiça por conta própria, a raiva acumulada, dentre outros, são fatores que fomentam as aversões em família.

É importante que os pais fiquem atentos a fim de passar aos filhos a existência de uma justiça maior que a todos vê e age com amorosidade no momento adequado. Devem os pais ensinar a lisura nas relações e a honestidade em tudo que se faça, pois a ausência delas costuma provocar o ressurgimento de velhas desavenças que já poderiam ter sido eliminadas.



“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.”²⁷

A paz é o bem mais precioso do ser humano. Quando estamos em paz o mundo nos parece mais harmônico. Uma pessoa em paz tem o dom de promovê-la e de tornar-se excelente mediador de conflitos.

A afirmação do Cristo deve nos levar a entender que os que se colocam no lugar de promover a paz receberão a honra de serem chamados de filhos de Deus, isto é, procedem como ele. Quando alguém é chamado de ‘filho de’ é porque tem as características daquela pessoa, ou seja, é da mesma família.

A paz interior é fundamental para sermos pacificadores e para evitarmos as contendas que porventura venhamos a ter com alguém. Nenhum de nós sabe exatamente sobre o seu passado para afirmar categoricamente que não tenha tido inimigos. Eles costumam aparecer na encarnação quando menos esperamos, portanto devemos estar preparados com a paz a fim de quebrarmos o padrão repetitivo de litígio.

É típico das inimizades entre irmãos a disputa de poder pela atenção das pessoas, pelos sentimentos de alguém ou pelos bens materiais. Em qualquer dos casos é imprescindível educar o espírito para a renúncia e o desapego. Isso se consegue toda vez que se doa amor àquele que reivindica o que não lhe é devido.

²⁷ Mateus 5:9.

Filhos problemas

Desde criança, Júnior demonstrava uma certa inquietação. Não gostava de sentar à mesa para comer, tinha dificuldades em se concentrar numa coisa, não conseguia ficar muito tempo num brinquedo. Seus pais lhe impunham obrigações e, às vezes, castigos a fim de conseguir que ele seguisse as regras normais de qualquer criança. Com o tempo e muito sacrifício ele chegou à escola. Para se alfabetizar também foi com muita dificuldade. Não fosse a paciência da professora e o método utilizado, ele não passaria ao primeiro ano.

Assim foi toda a infância de Júnior. Arrastada e com dificuldades de aprendizagem. Por vezes seus pais ouviam queixas de vizinhos e do síndico do prédio quanto a traquinagens de Júnior. Uma vez, aos doze anos, ele desligou a luz do prédio em plena festa de aniversário de uma vizinha no salão de festas. Fez apenas para ver a confusão que ficaria.

Na adolescência perdeu de ano por duas vezes, pois não conseguia estudar e acompanhar os assuntos. Suas dificuldades eram as disciplinas exatas: matemática e física.

Com quatorze anos passou a chegar mais tarde em casa e não aceitava reclamações, reagindo às reprimendas dos pais. Gritava e era agressivo quando lhe criticavam o comportamento. Valia-se do desenvolvimento corporal para impor medo aos pais e irmãos.

Seus pais, muito tolerantes, não se cansavam em lhe aconselhar a moderar as atitudes e respeitar o ambiente, quando ele se irritava e xingava a todos. Sua mãe, mais paciente, procurava ser carinhosa com o filho a fim de lhe obter a tranqüilidade e a paz. Ele, muitas vezes, aquiescia ao apelo materno.

Com dezessete anos ele começou a namorar. A princípio escondeu, mas a menina fez questão de ser reconhecida como tal e isso provocou mudanças no comportamento de Júnior. Passou a ser mais calmo, mais organizado, silencioso e a permanecer mais tempo em casa.

Essa fase durou por três meses, exatamente o tempo em que perdurou o namoro. Após o término da relação ele voltou às mesmas dificuldades de antes.

O problema de Júnior persiste até hoje. Ele tem vinte e dois anos. Não conseguiu entrar na universidade, não trabalha e pouco permanece em casa.



A psicologia do adolescente é diferente da de um adulto como também a da criança ou a do idoso. São fases distintas do desenvolvimento do ser humano no corpo. Nela o espírito está consolidando sua nova personalidade na atual encarnação e tentando entender o mundo, o qual lhe parece sempre novo.

Sua *psiquê* se prepara para o enfrentamento das provas e prováveis expiações que ‘sabe’ pertencente ao seu processo reencarnatório. Nesta fase precisará de âncoras nas quais se fixe para não perder novas oportunidades de sair dos conflitos que enfrentará.

Necessita mais de apoio do que de recriminações. Seu *ego* não está suficientemente forte para que possa fazer escolhas sozinho. Precisa de apoio dos pais ou responsáveis para se sentir seguro e referenciado.

Não consegue ainda enxergar sua verdadeira *sombra*, mas apenas ver-lhe a face mais consciente, cuja exposição a própria sociedade lhe recrimina.

Sua imaturidade poderá ser desabrochada com a ajuda daqueles que lhe estão mais próximos, como também sua maturidade. O *arquétipo* do pai interno necessita ser despertado para a maturidade e isso se dá quando conseguir conscientizar-se da necessidade de ser determinado, seguro e persistente em seus objetivos.

É fundamental fortalecer o *ego* do adolescente e lhe despertar o pai interno maduro para que siga sua encarnação disposto a vencê-la.



Nossos filhos, quando se tornam problemáticos, são desafios que a vida nos coloca para o crescimento espiritual mútuo. Nos trazem alegrias e, às vezes, dissabores de difícil compreensão. Requerem constante atenção e desgaste de energia psíquica para atender às suas necessidades, muitas vezes surpreendentes.

Querem liberdade, mas não sabem exercê-la. Reclamam por direitos, mas nem sempre cumprem seus deveres. Gritam por benesses, mas não colaboram para suas possibilidades de geração. Tornam-se, muitas vezes, dominadores da vontade alheia, mas se revelam dependentes de quem a ele se submete.

Os pais ficam num dilema: têm a missão de educar e de colocar limites para que não resvalam para a irresponsabilidade, mas precisam levá-los ao mundo a fim de que aprendam a se defender. O que fazer quando, desde criança, observa-se a irreverência deles? Por mais que os pais se informem sobre as causas dos problemas dos filhos, se sentem impotentes em resolver.

A questão passa pela personalidade do espírito que hoje está encarnado. Nem sempre vamos encontrar justificativas atuais para aqueles comportamentos. Há quem pense que isso se deve às circunstâncias perinatais ou a traumas vividos pela mãe

durante a gestação. Outros pensam encontrar tais causas no *complexo edipiano* não resolvido.

O espírito já vem com sua insatisfação interna revelada desde a primeira infância, portanto trata-se de algo mais profundo do que se possa imaginar. Parece faltar a eles algo que lhe foi negado ou do qual se afastaram por muito tempo.

No caso acima, nota-se a carência do jovem suprida pela presença afetiva da namorada em sua vida. É essa a raiz do conflito: a carência afetiva, isto é, a falta de um amor específico, não suprido pelos pais.

Devem eles destinar a esse filho: a orientação quanto à vida, a paciência nos momentos de agitação, a noção de limites sem agressividade, a tolerância aos equívocos, a reprimenda no momento oportuno, o amor sempre, e, sobretudo, o respeito à sua individualidade.

Quando recebemos filhos nessas circunstâncias, muito provavelmente, fomos nós quem lhes retiramos o que tinham direito. Eles retornam reivindicando, embora de forma inadequada, aquilo que consideram lhes ser legítimo. O que querem? Amor, apenas amor.

O cenário passado não é o mesmo, mas a maioria dos personagens está de volta. A lei de Deus nos aproxima para aprendermos juntos e não para nos punir.

Quando detectarem diferenças no caráter de seus filhos que contrariam o que lhes foi ensinado, devem agir com parcimônia para não exporem demasiadamente a pessoa. Muitas vezes não se trata de um defeito de caráter, mas apenas um sintoma que simboliza um pedido de ajuda. Por exemplo, quando encontramos crianças e até mesmo adolescentes, sem necessidade alguma, que pegam dinheiro escondido ou objetos pertencentes a outras pessoas, devemos entender como um sintoma de algo mais complexo, do que simplesmente um defeito de caráter.

Os pais não devem pensar que, ao proporcionar a educação escolar e o provimento das necessidades materiais de seus

filhos, estarão fazendo sua parte. Essa parte que fazem é comum a todos que desejam a formação de uma família. O algo mais, e que é imprescindível, não se transfere com moedas. É pelo coração que se ama.



*“Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;”*²⁸

O Cristo oferece a face da paz à da violência. Recomendamos o equilíbrio diante da perversidade de alguém, pois, em princípio, denota doença e imaturidade. Oferecer a face direita é permitir ao outro que reflita sobre sua atitude inconsequente.

Não resistir ao perverso significa não só não sintonizar com sua vibração inamistosa, como também não adotar uma atitude passiva diante dele. Contestar e reivindicar sua dignidade diante da perversidade é dever de qualquer um. Independente da resposta do outro que agride, deve-se lhe mostrar a paz que se exala do próprio coração.

A agressividade exige que alguém, principalmente contra quem ela é dirigida, devolva-lhe uma resposta pacífica para que as circunstâncias não se tornem piores. O agressor é sempre alguém inconsequente. Quem responde à agressividade com a mesma moeda, perde o eixo de si mesmo.

A agressividade no lar é sinal de que alguém pretende reivindicar direitos que pensa ter, mas que não sabe como conquistá-los. Exige sempre que os pais ajam com sabedoria para não agravar um delicado quadro de alguém que mal está começando a viver. Vale também salientar que o ser humano tem naturalmente sua raiva animal e que, muitas vezes, não sabe como direcioná-la a serviço de seu próprio crescimento espiritual.

A paz é o melhor instrumento para se vencer a violência.

²⁸ Mateus 5:39.

Condições financeiras da família

Genildo foi contador de uma grande empresa durante muitos anos. Com seu salário conseguiu colocar três de seus seis filhos na universidade. Os filhos menores ainda estavam cursando o ensino secundário, mas chegariam à universidade, pois esse era o desejo de seus pais e eles estavam se esforçando para tal. Por força de mudanças nas leis de aposentadoria, não restou a Genildo senão solicitar a sua, pois se não o fizesse ainda passaria mais dez anos na empresa e, por causa de sua saúde, achava que não suportaria. Ao aposentar-se teve redução em sua renda. Sua esposa, então professora, também se aposentou para usufruir com ele a merecida passagem para uma nova fase a desfrutar, após tantos anos de trabalho.

Porém, eles não contavam com o aumento de suas despesas e com os custos com a educação dos filhos. Além disso, um de seus filhos engravidou a namorada e ele se viu na obrigação e dever de responsabilizar-se. Genildo teve que gastar dinheiro para com o futuro neto, cujos avós maternos não tinham a menor condição de ajudar.

Três anos após a aposentadoria, Genildo teve que vender seu apartamento e mudar-se para um mais modesto que compra-

ra a fim de reduzir o valor que pagava de condomínio e usar o dinheiro da diferença para o pagamento de dívidas que já se acumulavam perigosamente.

Seus filhos passaram a economizar por conta da mudança do padrão social e tiveram que vender um dos carros da família. Tinham duas empregadas em casa e passaram a ter uma, com a redistribuição de algumas tarefas domésticas.

Todos tiveram de colaborar para que a família conseguisse se adaptar à nova situação. Não houve perda do equilíbrio familiar, pois todos se conscientizaram da situação financeira da família e, graças às conversas dos pais em reuniões familiares, foi possível se fazer a transição.



A vida financeira de uma pessoa resume grande parte de seus propósitos e de suas fantasias, pois o dinheiro, seu ícone, simboliza conquistas e realizações de quem vive em sociedade. Apesar de não ser o que há de mais importante, ela se torna um campo de projeções do espírito que ali coloca suas ambições e possibilidades de realização.

Amores e ódios, alegrias e tristezas, sonhos e fantasias, são experiências nas quais a vida financeira tem um papel relativo, importante ou não, variando para cada espírito.

Quando ele coloca na sua vida financeira o motivo de sua existência, consegue estabelecer como prioridade a ambição e o desejo de poder. O *ego* infla-se no desejo desenfreado de atender seus objetivos superlativos, impedindo que a vida se estenda a outros campos de realização.

O dinheiro pode ser simbolicamente comparado à energia psíquica. Ele movimenta a vida concreta e, quando bem empregado, traz progresso e bem estar. A mesma dificuldade que se tem em colocar a energia psíquica à serviço da criatividade e do novo, observa-se em fazer o dinheiro fluir e gerar trabalho a bem

do indivíduo. Ele é fruto da forma como a energia psíquica é empregada.

Muito embora seja de capital importância que se busque a estabilidade financeira, e que se aprenda a lidar com o dinheiro, não se deve colocá-la como principal motivo de viver. Quando essa prioridade é colocada acima da própria vida, a *psiquê* se encontra em processo de contaminação perigosa e de retorno difícil, tendo em vista a importância concreta da vida financeira para o ser humano. Desviar o foco de atenção para a vida espiritual poderá impedir que o ser humano encontre uma saída psicológica para si mesmo. A atenção deve se voltar para seu grau de satisfação na vida. Poderá estar havendo uma frustração não resolvida que deve ser ressignificada pela pessoa.

A *psiquê* deve centrar-se principalmente na busca por um sentido para a vida e necessita, para isso, estar em paz. Qualquer outro objeto que a desvie desse foco prejudicará sua estabilidade.



O equilíbrio financeiro desejável numa família ou numa pessoa não é apenas equiparar receita com despesa ou fazer com que o saldo resultante seja positivo. É a capacidade de administrar, ganhos, gastos e dívidas. Endividar-se financeiramente é condição para quem deseje investir, desde que a dívida seja compatível com a capacidade de pagamento a médio e longo prazo.

É desejável que numa família todos possam contribuir financeiramente para a manutenção do grupo. Todos deveriam colocar sua vida financeira a serviço dos demais para que juntos pudessem fazer face aos desafios que a sociedade exige.

É comum encontrar indivíduos que não gostam de mostrar aos parentes com quem vivem o quanto ganham ou gastam. Parece haver um certo egoísmo ou medo de perder o pouco que têm. Noutros casos se observa uma dificuldade em justificar em que é gasto o que ganham. O fato é que geralmente falta uma certa transparência na economia da família.

Muitas vezes os pais não permitem que seus filhos fiquem a par da real situação financeira familiar. Alguns acham que eles não estão preparados para lidar com o dinheiro. Outros não querem expor sua fragilidade financeira aos filhos por orgulho.

Não é raro encontrar famílias que tinham um bom padrão de vida e que, de repente, por uma *débâcle* financeira com o pai ou a mãe, a família se vê obrigada a se estabelecer num meio sócio-econômico inferior ao em que viviam. A transparência nos negócios e a participação familiar nas decisões econômicas da família poderiam evitar algumas situações difíceis.

A economia doméstica é um assunto que deve interessar a todos que vivem sob um mesmo teto a fim de que aprendam a lidar com o pouco, com a falta ou com o muito.

Muitas vezes uma família alcança um patamar financeiro e, por motivos diversos, ocorre uma derrocada e o padrão de vida e conforto cai vertiginosamente, provocando uma alteração significativa nos hábitos e expectativas de seus membros.

O que antes parecia resolvido passa a ser aberto e motivo de preocupações e crises para aqueles que eram os responsáveis mantenedores do núcleo familiar. Nem sempre eles têm coragem de admitir que está havendo ou que houve um grande prejuízo financeiro. Não querem expor seus fracassos, permitindo que o grupo acredite que tudo vai bem.

Os pais não querem admitir para seus filhos que não mais poderão comprar aquilo que antes entrava fácil em casa. As contas se avolumam e a família é obrigada a se mudar para um local mais modesto.

A franqueza e o diálogo sobre as reais condições financeiras da família para que, juntos, possam superar e adaptar-se da melhor maneira à realidade é a alternativa mais honrosa.

Mesmo que a família esteja em dificuldades que pareçam insuperáveis, sempre haverá alternativas, principalmente quando a humildade de seus responsáveis estiver presente. Por mais que se tenha perdido bens imprescindíveis à sobrevivência da família, não se deve perder a confiança em Deus, que tudo percebe.

Quantas vezes uma situação parecia irremediavelmente perdida e surgiram soluções inesperadas? Muitas vezes isso se deveu à ajuda espiritual invisível ao incrédulo e materialista.

Nos momentos de crise, financeira ou não, deve-se ter confiança em Deus e conservar-se em paz a fim de melhor captar as influências espirituais positivas. A alegria íntima e a paz interior são antídotos para o estresse e estimuladoras da criatividade nas crises.



“Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.”²⁹

Para muitos as palavras do Cristo podem parecer incoerentes. Mas, quando lhes analisamos do ponto de vista psicológico e evolutivo, trazem uma luz muito clara para a compreensão das leis de Deus.

O trecho da explicação da parábola do semeador acima nos leva a compreensão da necessidade de se aprender a gastar e de se dispor dos bens que se tenha. Nem sempre sabemos gastar o pouco ou muito que ganhamos. Muitas vezes o fazemos sem a necessária previdência visando o futuro. Mesmo quando só se tem para subsistência, deve-se buscar uma forma simples de se gastar para que se continue obtendo o que se ganhou e algo mais. Deve-se gastar de tal forma que se retorne no futuro com o objeto gasto. O valor gasto deve ser com algo que garanta no mínimo a continuidade do ganho. Aquele que gasta de forma inconseqüente, certamente ficará sem condições de ganhar de novo. É nesse sentido que lhe será tirado, isto é, ele dificilmente terá condições de voltar a ganhar se foi imprevidente em seu gasto.

Não é difícil saber ganhar, pois a maioria dos seres humanos vive pensando nisso. Ninguém gosta de perder, só de ganhar

²⁹ Mateus 13:12.

e, quando o faz, deseja a realização de suas fantasias, muitas vezes, sem o cuidado de prevenir-se quanto ao futuro.

Em família não é diferente se não houver a preocupação quanto à melhor maneira de gastar-se a renda familiar.

O espírito providente recebe do Universo o necessário para sobreviver e para ampliar suas possibilidades de realização como administrador dos bens que a Deus pertencem.

A mulher que supera o marido financeiramente

Patrícia é uma jovem empresária do ramo da indústria de tecelagem e está no seu terceiro casamento, ocorrência cada vez mais comum na sociedade ocidental moderna e que vem, muitas vezes, resolver (des)uniões nas quais as projeções dominaram as relações conjugais. Seus três filhos, um de cada união, junto com o pequeno cachorro ‘poodle’ compõem com o marido o universo doméstico.

No quinto ano do atual casamento, ascendeu financeiramente a ponto de passar o companheiro nos ganhos mensais em quase o dobro. Esse desnível tenderia a se acentuar tendo em vista as encomendas que acabara de receber para entrega anual a uma grande empresa na capital paulista. Seu marido não participava da empresa, bem adquirido logo após a primeira separação. Ela e a irmã eram sócias na pequena fábrica que agora estava com instalações e produção triplicadas.

Ele sempre ganhara um pouco mais que ela e não percebeu que, agora, inconscientemente, alimentava um sentimento de inferioridade, perante a esposa, que era camuflado pelo seu *complexo* de superioridade consciente.

Ela, por sua vez, por falta de habilidade ou de experiência, não atenta para o que ocorria no mundo interior dele, permitiu-

se, de vez em quando, apresentá-lo. Passou também a dar mais atenção e a favorecer com almoços e pequenas lembranças aos sobrinhos e à sogra. Fez reformas na casa e no guarda-roupa do casal. Não percebia que o fazia para compensar a desigualdade financeira instalada.

Ele, sem conseguir colocar a questão que o incomodava, passou a criticá-la em suas atitudes e nos mínimos gestos, os quais antes ou não eram percebidos ou eram tolerados.

É possível imaginar o desfecho típico para essa relação. Caso não ocorra, de parte a parte, o diálogo aberto e franco sobre o problema que incomoda a ambos, a relação chegará ao limite e terminará por acabar ou por se neurotizar.



A tendência natural do ser humano de querer ser melhor que seu semelhante decorre de uma tentativa de compensação psicológica. Não conseguindo ser igual ao Criador, tenta infantilmente superar seu semelhante para não ficar em desigualdade. A *persona* se sobrepõe ao *ego*, desvinculada dos propósitos elevados que passam pelo *Self*, oriundos do Espírito.

Os antigos padrões de relacionamento, nos quais o homem tinha o predomínio sobre a mulher, não permitem que facilmente se aceite algum tipo de mudança, no sentido inverso, que a modernidade tem provocado.

Numa relação há sempre um ou mais déficits entre seus componentes. Em algum ponto um está à frente do outro. Há, porém, um em especial, o qual poderá ser motivo inconsciente de discussões e separações, e que, pela sua natureza, é de difícil solução. Quando um dos componentes se dá conta da existência do déficit emocional entre eles, provavelmente, isso ameaçará a sobrevivência da relação. Muitas vezes, aquele que o percebe prefere escamotear a situação.

Estou querendo me referir aos sentimentos do casal, no qual um de seus membros gosta mais do outro, isto é, um ama mais seu parceiro que o amor que este lhe dedica.

Esse déficit de amor poderá ser motivo de cobranças de parte a parte. Quando, por exemplo, ela ama mais a ele do que o inverso, poderá transformar a relação em um vínculo de dependência dela para com ele. Essa dependência a levará a cobrar dele a mesma entrega que faz. Não tolerará traições, nem esquecimentos de datas comemorativas, tampouco que ele não lhe diga que a ama. Quando não satisfeita e depois de muito tempo de convivência realçará os defeitos dele. Quando é ele quem ama mais a ela do que o inverso, tenderá a lhe cobrar carinho e se tornará muito ciumento. Por vezes, assume uma postura de vigia da vida dela, temendo ser traído.

Em ambos os casos se ligarão mais a um dos filhos para compensar a falta de amor de seu parceiro. Esquecem-se de que ninguém ama ninguém na mesma proporção e que devem buscar compensar esse déficit pela natural valorização de si mesmos.



As relações entre um homem e uma mulher sempre foram difíceis. A competição, a comparação e a necessidade de enquadramento do outro sempre estiveram presentes ao lado da vontade do encontro, do desejo, do carinho e da afetividade. Por mais que se queira camuflar, as relações maritais são permeadas de desafios. É uma arte a convivência a dois. Quando surge um motivo que demonstre a existência de um desnível entre eles, será aí que projetarão as reais diferenças.

No princípio tolerarão sob a proteção dos sentimentos, os quais pretendem que superem todas as diferenças. À medida que a *persona* dos eternamente noivos dê lugar às necessidades do *ego* em seu desejo de poder, aquelas diferenças tenderão a se tornar superlativas.

Quando não são diferenças financeiras, são intelectuais, cujo desnível parece ter proporções maiores. Quando ele ou ela possui um nível intelectual maior que o outro, por exemplo, um curso universitário, o meio profissional costuma ser muito discrepante. Aquele que está num nível maior tende a se esquivar em falar do outro para colegas ou amigos. O comportamento do que tem um nível intelectual inferior tende a ser mais fiscalizado no que diz respeito aos equívocos por parte do outro. Ele recebe uma carga crítica maior. Ocorre muitas vezes o arrependimento quando não se dá a cobrança de que o outro busque meios para avançar em seus conhecimentos intelectuais.

Quando é o homem que está numa situação intelectual inferior à da mulher, ela costuma considerá-lo frágil e, por esse motivo, tratá-lo como um filho, o que atende aos anseios maternos.

A desigualdade financeira é reclamada geralmente nas separações, nas quais aquele que deu mais querará uma compensação. Na relação cotidiana geralmente há uma cobrança de mais atenção e afetividade para compensar o favorecimento financeiro.

É desejável o equilíbrio financeiro, intelectual e emocional numa relação a fim de que não se intensifiquem as cobranças naturais que ocorrem.

Só o amor importa, porém ele se solidifica nas afinidades e igualdade entre as pessoas.



“Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; porque o remendo tira parte do vestido, e fica maior a rotura.”³⁰

O Cristo fala do princípio básico da diferença entre o novo e o velho, entre o mais forte e o mais frágil. Quanto mais se pre-

³⁰Mateus 9:16.

tende esconder a fragilidade de alguém, menos preparada estará aquela pessoa para enfrentar os desafios da vida. As diferenças existem e devem ser superadas de tal forma que não tragam constrangimento ou sentimento de inferioridade à pessoa.

Aproveitar as oportunidades da vida nos tempos de fartura é importante, porém, é necessário que nos preparemos para os tempos de escassez. O novo junto ao velho deverá favorecer alguma transformação, pois se não o fizer, certamente será corrompido por ele. Quanto mais nos aproximarmos da luz, mais nos incomodaremos quando nos faltar, o que nos levará à sua busca mais intensamente.

Quem se une a alguém em condições superiores à sua deverá preocupar-se em alcançá-lo no patamar em que se encontra. Quem, ao contrário se une a alguém em condições inferiores que a sua, deverá, por sua vez, ajudá-lo a elevar-se.

Vida em condomínio

João aproveitou um domingo para rever a instalação elétrica de seu apartamento que apresentava o inconveniente de queimar lâmpadas com muita facilidade. Quase toda semana ele tinha de comprar pelo menos uma lâmpada que havia queimado em algum cômodo da casa. Contratou um eletricitista e juntos passaram a trocar a fiação de entrada do imóvel. Quando faziam esse serviço, seu vizinho, Pedro, bateu-lhe à porta perguntando se estavam realizando algum serviço elétrico, pois seu imóvel ficou às escuras depois de um curto circuito rápido que lhe queimou dois aparelhos domésticos. Ante a confirmação, reclamou do vizinho o ressarcimento do prejuízo sofrido. João negou que fosse o causador daquele episódio e ali se iniciou uma discussão que exigiu dos familiares de parte a parte que intervissem para que a briga não chegasse às vias de fato. Após reclamações para que o síndico tomasse providências sem sucesso e depois de pedir ajuda aos outros vizinhos para mediar sem êxito a questão, Pedro resolveu partir para o litígio. O passo seguinte foi uma ação judicial movida por Pedro contra João e relações cortadas entre vizinhos que moravam no mesmo andar de um pequeno edifício.

As famílias, que antes se cumprimentavam cordialmente quando se encontravam no *hall* dos elevadores ou na garagem do prédio, passaram a se evitar e a falar mal uma da outra, num

atestado de que a falta de diálogo e de bom senso podem levar a consequências imprevisíveis. Na convivência é que se conhecem as pessoas, pois nesses pequenos eventos a personalidade, encoberta pelas máscaras sociais, vem à tona e se revela.

Anos se passaram, um deles se mudou do prédio, mas a contenda permanece e a falta de equilíbrio também, até que a lei de Deus lhes ensine o amor.



A vida social é uma obrigação de todo ser humano. Ela é a vida externa na qual a *psiquê* individual tenta se impor à coletiva. É nela que ocorrem as experiências do domínio da *persona*, contrastando com as de casa, na qual prevalece mais a *sombra*. Ao mesmo tempo em que o indivíduo tenta impor sua individualidade na vida social, ele também tem dificuldade em ser diferente dos outros. Ele se iguala para ser inserido. Vive um desafio: ser individual no coletivo e realizar sua vida pessoal em contato com a coletividade.

Nesse embate ele terá oportunidade de manifestar seu mundo interior no contato com a sociedade. Aquilo que construir, a forma como se relacionar, o que receberá do Universo, as provas e expiações pelas quais venha a passar, serão reflexos de seu mundo interior. A vida em sociedade será seu campo de projeções, do qual se utilizará para se entender.

Por mais que tente explicar o mundo ele será sempre convidado a fazê-lo consigo mesmo, isto é, a também se explicar para se entender. Ambos, mundo interno e mundo externo, deverão merecer, a cada momento, novas explicações a fim de que sua felicidade se torne possível.

Estabelecer uma vida social harmônica faz parte da conquista em seu mundo íntimo de algo que lhe capacitará a novas realizações. O mundo externo social em harmonia promove uma *psiquê* saudável para outros cometimentos. Esse estado externo

saudável proporcionará uma base para que o espírito tenha melhores condições de enfrentar os desafios de dissolver seus *complexos*.

A realização do *si mesmo* se dá na medida que se vive harmonicamente em sociedade e com ela se consegue ascender espiritualmente.



Nem sempre é fácil viver em condomínio. Obrigações sociais, boa convivência, atenção e cuidados com o que é coletivo, exigem responsabilidade e dedicação. Muitas vezes surgem dificuldades na convivência por conta de suposições em relação ao comportamento de vizinhos uns com os outros. Mal entendidos, restrições de uso, inabilidade numa reivindicação, são, às vezes, motivos de brigas e inimizades intermináveis.

O bom senso, a boa educação e a compreensão podem ser úteis a fim de se evitar desentendimentos que podem reavivar antigos ódios e reabrir feridas *cármicas*. Os vizinhos devem ser tolerados e respeitados, mesmo que nem sempre demonstrem merecimento.

Muitos dos que dividem conosco o espaço urbano ou o mesmo condomínio são personagens de épocas remotas, cujas experiências se encontram gravadas no inconsciente. Quando com eles nos encontramos, retornam velhas emoções que exigem ser trabalhadas para crescimento de seus agentes. Quando encontramos dificuldades com aqueles que conosco convivem, devemos ter em mente que Deus nos enviou um presente para a reconciliação conosco mesmos e prosseguimento de nossa caminhada evolutiva sem máculas.

Perder a oportunidade é adiar o encontro consigo mesmo. Por esse motivo devemos nos prevenir para quando, inevitavelmente, ocorrerem situações de confronto com vizinhos. Devemos sempre nos perguntar o que precisamos aprender e o que a Vida está a nos ensinar.

Nossos vizinhos são nossos irmãos, os quais, às vezes, não puderam retornar pelas vias do sangue materno. Eles anseiam pelo sentimento de amor que lhes possamos dar.

Enquanto a belicosidade existir na consciência e no coração humano, haverá necessidade de mecanismos de contenção e processos educativos para direcioná-los ao amor sem limites.



Ter uma vida social equilibrada é necessidade de todo ser humano, pois ninguém evolui sozinho nem mesmo apenas dentro de seu próprio grupo familiar. Participar da sociedade da qual faz parte contribui para que a pessoa se auto-avalie a partir dos comportamentos percebidos nos outros. É salutar a troca de experiências na vida social.

O hábito de fazer amigos e de saber manter uma amizade é uma arte que poucos conseguem aprender. O receio de que a própria vida familiar seja invadida pela curiosidade alheia, tanto quanto a dificuldade em mostrar a *sombra* coletiva do grupo, fazem com que o isolamento social ocorra.

Estabelecer um convívio harmônico com vizinhos não é tarefa fácil, pois há em nós aquela tendência em projetar nalgum deles os males que não conseguimos enxergar em nós, pois o outro nos parece sempre inferior a nós.

Comemorar datas, fazer festas familiares convidando poucos e bons amigos fazem parte da vida social e devem ser estimulados. A alegria não é algo proibido, principalmente quando o objetivo também é a harmonia do grupo familiar.

Os encontros sociais familiares que terminam em confusão ou brigas devem ser tidos como circunstâncias normais do convívio em grupo. Para que se evitem litúrgios que terminarão por proporcionar separações e ampliação de conflitos, deve-se buscar comemorações menos intensas, com ausência de bebidas alcoólicas e em menor número de convidados. Naqueles momentos

não devem ser evocadas experiências desagradáveis e temas que culminem por levar os presentes ao calor de discussões estéreis e que nada produzem de bom.

Quanto mais uma família amplia seus círculos de relacionamento, mais ela estará inserida naquela da qual somos originariamente constituídos. A família universal é a meta de todos nós.



É muito comum na vida em condomínio o surgimento de fofocas e, às vezes, calúnias envolvendo o nome de pessoas com as quais se convive sem que se tenha a certeza da veracidade do que se ouviu. A maledicência muitas vezes torna-se ‘prato do dia’ de pessoas que, inescrupulosamente, agridem os outros, se tornando mensageiras de inteligências desencarnadas que se comprazem em promover a discórdia e a desarmonia.

Por ingenuidade ou maledicência fala-se dos outros o que se quer sem que se tenha o cuidado de cuidar da vida do outro como cuida da própria. Quem cuida bem da imagem dos outros, sabe que preserva a própria.

Não podemos esquecer que, na vida em condomínio, temos os vizinhos que merecemos, aos quais devemos apreço e consideração a fim de que possamos merecer cada vez mais pessoas de melhor convivência. Ninguém estará cercado de quem não vibre na mesma sintonia e de quem não mereça. Quanto mais fizermos pelos outros, por nós estaremos fazendo.



“Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão.”³¹

O Cristo é a imagem da paz. Pacificador em suas atitudes e nas idéias que permeiam sua augusta mensagem, ele nos convida

³¹ Mateus 26:52.

à devolução da paz em resposta à violência, a qual geralmente surge em primeira reação às agressões que recebemos.

A paz não custa muito esforço àquele que sintoniza com os Bons Espíritos, dispondo-se a envidar os máximos esforços para educar seus instintos.

O ser humano possui dupla natureza. De um lado, animal, em face de seus instintos orgânicos e tendências *arquetípicas* perispirituais; de outro lado, espiritual, pela sua real essência divina. Ainda prevalece nossa natureza animal, visto que o tempo em que nela permanecemos foi maior do que o que temos como humanos. Normalmente reagimos aos confrontos em sintonia com a natureza animal. Quando refletimos, ponderamos e buscamos uma solução amistosa, nos aproximamos da natureza espiritual.

A espada é o símbolo utilizado pelo Cristo para a natureza animal. Quando a expomos, provocamos a eclosão da mesma natureza do outro contra nós. Usamos a espada e ela retorna contra nós. A vibração da espada provocará idêntica reação do outro. Ele nos chama a atenção para o fato de que, quando nos utilizamos do confronto, receberemos a mesma disposição do outro para fazer face ao desafio.

Quando não nos sintonizamos com a espada do outro e lhes mostramos o escudo da ponderação e, quando muito, da indignação, provocamos nele a reflexão e o amadurecimento.

Numa briga alguém deve ceder. Quem cede, vence. Quem deve ceder é aquele que é ou se torna moralmente superior ao outro.

Problemas de herança

Flávia é uma jovem mulher, solteira, que mora com a mãe, cujo pai falecido deixou para as duas uma pensão confortável. Ela, a mãe e suas seis irmãs herdaram duas pequenas casas que decidiram vender para que cada uma recebesse sua parte. Uma de suas irmãs, a mais velha, que já conta quarenta anos, tem retardo mental grave e é interna em um manicômio desde adolescente.

Uma outra irmã é casada e o marido, não concordando com a divisão equitativa dos bens, por achar que aquela que é doente mental não precisa e porque o sogro lhe havia garantido que uma das casas seria para sua neta, filha dele, decidiu reivindicar judicialmente a maior parte na divisão. Flávia, juntamente com a mãe, não concordara e, ao saber da intenção dele, conseguiu vender uma das casas, dividindo o dinheiro de acordo com o que tinham combinado, isto é, equitativamente entre os oito herdeiros. A irmã caçula concordaria com a decisão da mãe, qualquer que fosse.

Restou apenas uma pequena casa de um quarto cujo inquilino havia devolvido logo após o falecimento de seu pai. A casa estava fechada há cinco anos sem manutenção e servindo de abrigo de marginais. Seu valor não alcançava o preço de um carro popular usado, mesmo assim a disputa por aquele bem era ferrenha.

O litúgio prosseguia gerando inimizades. A irmã ficara sua inimiga e da mãe. O cunhado proibiu os netos de ir à casa da avó

e de falar com as tias. A família, antes unida, dividia-se por causa de um bem material de valor cada vez menor.

A raiva de Flávia pelo cunhado, a quem achava não ter direito algum, era tanta, que preferia deixar a casa cair aos pedaços a lhe dar direito maior do que o da divisão equitativa.



A Psicologia trata dos fenômenos que envolvem o comportamento e as motivações dos indivíduos a fim de lhes entender a dinâmica. Não consegue explicar tudo, mas se aproxima de uma compreensão que proporcione algum sentido à natureza animal e humana. Com ela o ser humano se capacita a entender melhor a vida e seus intrincados mecanismos relacionais.

As atitudes, aparentemente sem motivo, encontram justificativas quando se penetra na mente humana, principalmente em sua parte inconsciente, identificando ali as reais causas.

O não esforço na obtenção das coisas coloca-se como um fenômeno psicológico que demonstra a não sintonia do *ego* com o *Self*. A *psiquê* se apóia na crença pessoal de quem tem direito a um paraíso, considerando-se herdeira óbvia da natureza, da qual cabe tudo lhe doar.

Essa ilusão de um paraíso, presente em alguns mitos culturais, reforça a tendência pelo menor esforço ou pela sua inexistência. A queda do paraíso, no mito de Adão e Eva, representa a necessidade do ser humano em realizar seu próprio destino a partir da consciência de si. É a tomada de consciência de sua singularidade e da busca permanente por um sentido de vida que deve levá-lo a sair do não esforço.

O Espírito, criado simples e ignorante, deve construir sua *psiquê* de tal forma que esta, como um sistema funcional do espírito, estruturada, possa levá-lo à felicidade. Aqueles que desejam, pelo menor esforço, sobretudo em prejuízo dos outros, alcançar seus objetivos, demoram-se pelo caminho mais longo para alcançar sua felicidade.

Toda esperteza é sinônimo de tentativa de burlar os mecanismos naturais da vida e revela um desequilíbrio psíquico.



Não raro se vê pessoas a brigar por direitos de herança. Disputas e contendas que envolvem o recebimento de quantias ou bens deixados, quando ocorrem, sempre trazem à mostra os valores daqueles envolvidos.

Disputam a ferro e fogo o que nem sempre suaram ou trabalharam para obter. Muitas vezes evocam o nome de seus antigos proprietários para justificar atitudes vingativas e torpes e para fazer valer o direito que acreditam ter. Agem egoisticamente e de forma orgulhosa demonstrando toda a ambição de que são portadores. Brigam pelo que não merecem.

Colocam, muitas vezes, a posse por um bem material acima da afetividade para com o outro. Elegem como máximo valor a satisfação efêmera em lugar da fraternidade para com seu semelhante. Assim agem e se declaram cristãos, esquecidos de que as lições do Evangelho nos ensinam a busca dos valores espirituais.

Por mais valiosa que seja uma herança, ela nunca será superior ao amor que deve reinar entre aqueles que a recebem.

Os litigantes que disputam uma herança são aqueles que não honram a memória de quem a legou, que deixou bens para o crescimento dos que aqui ficaram. Aqueles que se tornarem vencedores da contenda receberão talentos e terão de prestar contas deles a Deus.

A entrada de pessoas que não são herdeiras diretas dos bens é sinal de maior responsabilidade para estas e devem, quando necessário, ser feita com cautela. O cuidado nesses momentos deve ser dobrado para não ferir suscetibilidades alheias. Um novo membro na divisão da herança, deve participar e opinar quando o grupo o convidar, evitando exigir direitos que são duvidosos.

O dinheiro resultante de um bem deixado por herança contém o suor e o sangue de quem trabalhou para obtê-lo e isso marcará a consciência de quem o utilize. A sabedoria nos leva a considerar que ele deve ser utilizado para os mesmos propósitos de quem o deixou.



“As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.”³²

O Cristo nos dá, através da afirmação acima, a dimensão da responsabilidade de quem possui bens. Ele se coloca na posição de quem deles sabe utilizar-se sem por eles se deixar escravizar. Àquele que queria segui-lo fez a advertência quanto ao sacrifício que lhe seria exigido. Recomenda, portanto, o desapego. Coloca que a tarefa de levar a mensagem do amor exige renúncia a contendas inúteis e egoístas.

Os bens materiais são instrumentos de que deve o espírito se utilizar para evoluir. Sua aquisição não deve ser encarada como um fim, mas um meio que deve ter seu limite. Quanto mais se tem, mais responsabilidade será exigida na administração dos bens.

Libertar-se da ambição de tudo possuir é sinal de amadurecimento e de prevenção ao egoísmo destruidor das nobres aquisições do espírito.

Quanto mais nos desapegarmos dos bens materiais dando-lhes o valor como instrumentos evolutivos, mais nos aproximaremos da espiritualidade necessária ao convívio pacífico e sem grandes sacrifícios.

A ambição nos obriga ao gasto de energia psíquica para a manutenção do objeto ambicionado. Desvia nossos interesses espirituais para a satisfação *egóica*.

³² Mateus 8:20.

Alcoolismo na família

Gerson tem quarenta e seis anos e tem um problema sério de alcoolismo. Seu pai também apresentava semelhante doença. Ele é casado pela segunda vez. Em seu primeiro relacionamento que durou sete anos ele teve três filhos. Do segundo ele tem um filho de dois anos e meio de idade.

Gerson sempre gostou de estudar e trabalhar, porém nos finais de semana costumava beber com os amigos. Descobriu que era alcoolista quando já não conseguia mudar sua rotina de final de semana e a valorizar mais os amigos do bar do que a família.

Passou a ser violento a ponto de, em uma das costumeiras brigas em casa, agredir a atual esposa fisicamente, deixando-lhe um hematoma no rosto. Mesmo desculpando-se e sendo desculpado, não consegue esquecer o que fez e, às vezes, bebe para tentar consegui-lo.

Atualmente ele se encontra afastado de seu trabalho a fim de se tratar. Sua atual esposa está chegando no limite de sua tolerância em face dos crescentes desequilíbrios dele. Voltou a chegar muito tarde em casa, depois de ter passado a vir mais cedo logo após o período seguinte à agressão à mulher. Os filhos do primeiro casamento não querem mais vê-lo por não honrar os compromissos com eles. Cansaram das promessas não cumpridas feitas pelo pai. Sua primeira mulher se tornou sua inimiga e

não conversa mais com ele há muitos anos. Os colegas de trabalho se cansaram de aconselhá-lo a largar o vício.

Sem consciência de que seu processo pessoal recebe influências espirituais nocivas, segue o curso de sua vida qual autômato sob o comando de mentes doentes e desequilibradas, tais quais a sua.



A mente humana funciona na direção do aperfeiçoamento do Espírito, pois se encontra a seu serviço. Requer cuidados e estruturação adequada para não se desequilibrar nos mecanismos sutis de defesa. Para que ela sempre esteja em condições de atender às exigências daquele que lhe direciona as ações, precisa manter-se em sintonia com o *Self*. Essa sintonia requer organização, determinação e conexão com Deus.

Sempre que o *ego* se afasta daquela conexão perde seu eixo e sua possibilidade de equilibrar-se. Aqueles que, por algum motivo, enveredam pela satisfação num vício estão em busca de algo desconhecido e que lhes atenda necessidades superiores. Querem um encontro com o sagrado que ainda não sabem reconhecer ou que dele se desviaram. Suas carências afetivas e sociais serão supridas assim que encontrarem um sentido superior para a vida e se conectarem a algo maior que eles mesmos.

As dificuldades em enfrentar os desafios que lhes levaram ao vício são reflexos de que se tornaram menores do que eles. Precisam de algo que lhes possa ser superior a fim de neles ancorarem para que possam enfrentar o que evitam.

O *ego* enfraquecido necessita de ajuda que nem sempre sabe pedir ou aceitar. Encontra-se enclausurado em si próprio, protegido pela descrença em si mesmo ou em qualquer coisa que o retire da reclusão. Seu medo é de admitir sua fraqueza e sua limitação, mas, paradoxalmente, busca algo maior que ele mesmo. Desiludido com sua própria impotência e frustrado pelos insucessos, deseja inconscientemente um colo que o acolha.

O *ego* precisa chegar a um ponto abaixo de onde se encontra para perceber a extensão do processo em que se envolveu. Só então ele capitula e entrega-se como uma criança aos braços maternos. Para retirá-lo do casulo só o amor, principalmente o de mãe, que o acolha incondicionalmente.



Como muitos ele não consegue perceber que seu problema é anterior ao álcool. Foi exatamente o fato de não saber qual a solução para resolver seus conflitos íntimos que o levou à bebida. Ao beber além da conta, adquiriu dois novos problemas. O primeiro de saúde, pois o excesso de álcool no organismo predispõe-lhe a algumas doenças. O segundo social, pois o acoolista geralmente se desequilibra pelo entorpecimento que o álcool provoca, promovendo transtornos familiares e extra-familiares graves.

Portanto são três os problemas, pois aos dois citados acresce aquele que nem sempre ele sabe qual é, e que o levou ao consumo exagerado de álcool.

Não basta desintoxicá-lo ou que ele pare de beber, pois apenas resolverá dois deles. O principal, raiz de seus verdadeiros conflitos, enquanto não for detectado e resolvido será gerador de novos transtornos.



O alcoolismo é uma síndrome provocada pela dependência ao álcool e que se caracteriza pela perda dos freios inibitórios sociais naturais. Essa perda comumente libera a *sombra* encoberta pelas *personas* sociais típicas, permitindo que o indivíduo se ausente da consciência penetrando parcialmente no inconsciente pessoal.

Sem o álcool torna-se difícil a convivência com o que se encontra no campo da consciência. A fuga para o alívio lhe pare-

ce o meio mais fácil para resolver ao menos temporariamente seus conflitos.

É uma doença grave que envolve vetores complexos, com componentes físicos, psicológicos e espirituais. Difícil de se saber quando começou, já que geralmente se desconhece o momento onde o álcool deixou de ser ingerido ‘socialmente’ para tornar-se uma dependência. Além disso, o dependente costuma negar o vício e enganar-se de que tem o domínio sobre ele, achando que conseguirá parar quando for de sua vontade.

Geralmente atinge mais os homens, principalmente por alguma desilusão amorosa.

Auto-estima baixa, carência afetiva, sentimento de inferioridade, sensação de ser incompreendido, perda de controle (desejo de descontrole), transferência de responsabilidade, são os estados típicos de quem se permite enveredar pelo insidioso vício da bebida alcoólica excessiva.



O ‘remédio’ para o alcoolismo deverá ser administrado intensivamente. Ele se compõe de:

- tratamento médico;
- tratamento psicológico;
- tratamento familiar;
- tratamento espiritual.

Geralmente o alcoolista não aceita nenhum deles, tal seu estado de alienação, o que dificulta a sua cura. A maioria demora anos com a doença.

O tratamento médico consiste na tentativa de desintoxicá-lo e de combater os efeitos colaterais em seu organismo. Às vezes, exigirá internamento e administração de medicamento.

O tratamento psicoterápico é imprescindível, pois ele irá auxiliar o indivíduo a descobrir as causas geradoras de seus conflitos. Geralmente leva tempo, pois nas sessões ele deverá entrar

em contato com a infância, a adolescência e a vida adulta jovem. Na maioria das vezes, as causas podem ser localizadas nos problemas e desafios da vida adulta jovem.

O tratamento familiar possui duas ações. A primeira deve conduzir o alcoolista aos Alcoólicos Anônimos. E a segunda estará na forma como a família deve se conduzir na convivência com o alcoolista. É fundamental que ele seja acolhido para que desabafe suas mágoas; deve evitar brigas e críticas, visto que se trata, geralmente, de alguém que nem sempre está de posse de sua consciência; suas exigências devem ser discutidas no grupo familiar para que se aja em conjunto; ele deve ser tratado como a um doente; deve-se ter paciência e tolerância com o alcoolista.

O tratamento espiritual consiste levá-lo a um Centro Espírita, quando possível, para que ouça palestras esclarecedoras sobre a vida espiritual e para tomar passes. A família deve acompanhá-lo e promover em casa o Evangelho no Lar. O doente deve também ser instruído a usar a oração para que se previna das obsessões.



“Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.”³³

O Cristo tinha consciência de que teria de enfrentar a traição que fariam com ele. Sabia que a bebida daquele cálice ele teria de ingerir, pois não iria interferir no livre-arbítrio dos outros. Optou pela ‘bebida amarga’, pois ela o deixaria livre. Permitiria que seguisse seu destino, cumprindo sua missão e realizando o *si mesmo*. A ‘bebida amarga’ é o conjunto de provas que a Vida nos oferece a fim de ultrapassarmos a roda das encarnações.

O alcoolista prefere beber o cálice que o entorpece a sorver aquele do sacrifício. A fuga lhe parece mais oportuna, muito embora sofra com sua opção.

³³ Mateus 26:42.

Sente-se só, mas dificilmente aceita ajuda, na maioria dos casos quando o processo já se encontra em estágio avançado de desestruturação pessoal. Nem sempre quer enfrentar seu conflito de frente e admitir sua fragilidade perante a prova.

Ultrapassa seus próprios limites para experimentar inconscientemente a morte, como se ela fosse resolver seus problemas. É um suicida indireto e agressor do núcleo familiar.

Não quer permitir a *vontade do pai*, pois deixa prevalecer o desejo mórbido de fugir das próprias responsabilidades e atola-se no vício.

O Cristo oferece a solução: fazer a vontade de Deus.

Hipocôndrismo

Arnaldo tem quarenta e dois anos, é formado em biologia, mas se dedica a um pequeno armazinho que lhe serve como complemento da renda familiar. É casado e tem um filho. Sua esposa trabalha numa empresa de telefonia e o ama muito. Ele é quinze anos mais velho que ela e a tem como uma princesa.

Desde os doze anos ele passou a sentir dores na coluna sem diagnóstico médico preciso. Há trinta anos que experimenta vários tipos de remédios sem sucesso. Passou por todos os exames possíveis para investigar as causas de suas dores. Chegou até a pensar em fazer uma cirurgia para abrir e tentar identificar ‘*in loco*’ a possível causa de suas dores. Só não foi adiante em seu propósito, lastreado em aconselhamento médico, porque sua dedicada companheira e seu irmão se opuseram veementemente.

Fez vários tipos de tratamentos desde os convencionais passando pelos alternativos, até alguns de procedência duvidosa que o expunham ao ridículo.

Pelo excesso de medicação chegou a desenvolver uma gastrite que lhe rendeu um princípio de úlcera combatida à custa de novas medicações.

Especialistas de vários países foram consultados, sem sucesso. Médicos, psicólogos e charlatões foram procurados, mas nenhum deles conseguiu mostrar a Arnaldo que ele não tinha abso-

lutamente nada orgânico. Ele persistia em sua procura por identificar em seu corpo as causas de suas dores. Guardava em casa todos os exames e receitas em pastas bem preparadas. Às vezes, levava-as para o trabalho a fim de mostrar aos que duvidassem de seus sintomas. Geralmente era criticado por tanto excesso de cuidados consigo mesmo e por se fixar em doenças e não na saúde.

Em casa tinha uma farmácia particular e costumava se automedicar para qualquer sintoma que aparecesse. Quando alguém lhe falava de uma dor ou desconforto, ele prontamente sugeria a medicação mais moderna para aquele problema. Parecia alguém que se frustrou por não conseguir ser médico.

E assim nosso Arnaldo segue sua vida sem conseguir retirar o olhar excessivo sobre seu próprio corpo. Sua vida está completamente voltada para o próprio organismo.



As forças que interferem na vida psíquica do ser humano vêm de todos os lados. Seu passado reencarnatório, seu inconsciente atual, seu *ego*, suas relações e o meio externo concorrem em conjunto para que as escolhas sejam dirigidas segundo a vontade do Espírito.

É necessário que o indivíduo consiga perceber de que forma cada uma delas atua e como educá-las a serviço de sua própria felicidade. Enquanto permanecer fortemente vinculado ao corpo, acreditando que sua natureza emana dele, terá dificuldade em diferenciar qual delas está interferindo em seu processo.

Luta desbragadamente contra sintomas corporais sem se dar conta de que eles estão lhe enviando sinais claros de que algo ocorre em seu psiquismo que necessita de ajuste e educação.

Um *ego* fortemente identificado com seu campo físico sofrerá mais intensamente influências decorrentes dos processos biológicos comuns. Torna-se frágil e suscetível às naturais alterações que nele ocorrem.

Fixa-se em seu corpo em face, não só de seu olhar exclusivo para dentro dele, como também pela sua incapacidade momentânea de subjetivar a própria vida. Prefere o concreto ao abstrato, o físico ao espiritual.



Há pessoas que, pela carência e ignorância quanto ao poder da mente sobre o corpo, sistematicamente recorrem a medicamentos a fim de resolver problemas que supõem sejam decorrentes de alterações químicas no organismo.

A maioria não sabe que a doença no corpo é reflexo de algo que na mente ainda não está completamente resolvido. Isso também decorre da cultura corrente que atribui aos medicamentos a solução de todas as doenças. Parece que eles, os medicamentos, são entes capazes de, num passe de mágica, resolver processos psicológicos e *cármicos* com as mais variadas complexidades.

O hipocondríaco é aquele que prefere olhar e focar seu próprio corpo por não conseguir enxergar a própria mente. Ele acredita inconscientemente que sua *sombra* está no corpo e não na própria mente. Não entende que a doença é decorrente de um mecanismo simultaneamente psíquico e físico para compensar algum desequilíbrio de natureza espiritual.

Psicologicamente é o *ego* que se identifica demasiadamente com o corpo, distanciado que se encontra momentaneamente do *Self*. Seu foco de atenção, dirigido para o corpo, prefere não entrar em contato com o que o incomoda. Suas constantes medicações, tomadas para a cura do corpo, paradoxalmente o agri-dem cada vez mais, num processo de autopunição incansável. Tal mecanismo autopunitivo advém de algum processo que lhe gerou culpa, ocorrido na atual ou em encarnações anteriores.

É preciso chamar esse *ego* para, aos poucos, entrar em contato com a *sombra*, sem medo de sofrer.



Muitos se tornaram hipocondríacos por conta de longas doenças que enfrentaram no passado e que por causa delas, desencarnaram. São medrosos e frágeis interiormente. Atraem doenças por um mecanismo de culpa que lhes exigem punição física.

Não conseguem dominar e educar adequadamente o pensamento para outra forma de resolverem suas culpas, preferindo a autopunição.

Levaram muito a sério suas culpas radicalizando uma solução que não resolve e que os colocam como doentes da alma.

Estão sempre à procura de uma droga nova que resolva definitivamente sua ‘doença’ e que os livre de preocupações. Não percebem que a cura do corpo nem sempre cura a alma. E é esta que se encontra incomodada com seu passado culposo.

Seu medo mórbido de doença é reflexo da influência exercida pelas imagens de fatos ocorridos em seu passado reencarnatório que lhe perpassam no inconsciente. Tais imagens lhe mostram cenas de doenças que tiveram ou de outras que provocaram em outras pessoas.

O perdão a si mesmo surge como saída para a crise de identificação do *ego* com o corpo.



“Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.”³⁴

O Cristo propõe àquele a quem curou da hanseníase quem cumprisse um ritual prescrito por Moisés. Aquele ritual visava a limpeza do corpo e o expurgo da culpa.

Não bastava que ele se sentisse curado, pois era preciso que ele fosse ao Templo. Simbolicamente o templo representa a

³⁴ Mateus 8:4.

consciência espiritual que deve ser satisfeita e esta geralmente se encontra manchada, maculada pela culpa. O conselho do Cristo transcende ao ritual simbólico alcançando a consciência espiritual de cada pessoa. Cumprir aquele ritual significa depurar-se de suas culpas e conectar-se a Deus.

Nenhum de nós ficará livre da própria consciência. Por mais que sejamos absolvidos pelas leis, pelas pessoas e pelo culto externo das religiões, não conseguiremos fugir à consciência, na qual estão ‘escritas’ as leis da Vida.

Ela, a consciência, nos convida à harmonia em todos os sentidos. A doença vem estabelecer um aparente equilíbrio para anunciar que se colocou no lugar de algo que não está resolvido. Está no corpo como última instância que aponta a necessidade de uma solução ao conflito da alma.

Estar no corpo é sinal de que não foi possível outra forma de resolver o problema, que se cronificou em forma de doença. Ela vem de um forte *complexo* que não conseguiu chegar à consciência por algum mecanismo de defesa e alcançou o corpo. Sua retirada faz-se acompanhar da conscientização do *complexo* reprimido.

Pais que sufocam filhos

Mariana tem vinte e cinco anos de idade, é professora primária, mora com a mãe que tem cinquenta e três. Ela não foi registrada pelo pai por ele ter dúvidas quanto à legitimidade da paternidade. Sua mãe era empregada doméstica e seu pai filho de um rico industrial. Conheceram-se numa festa de carnaval e, sem qualquer tipo de precaução, mantiveram relações sexuais e veio a gravidez. Ela não quis abortar o filho e procurou o pai, embora com dificuldades em face das poucas informações que ele lhe dera sobre sua vida. O rapaz negou ajuda e questionou o caráter dela. Sua mãe levou a gravidez adiante com muito sacrifício e força de vontade.

Ela cresceu e estudou graças ao denodo da mãe, que passou a trabalhar dobrado para educá-la. Moram numa casinha de aluguel na periferia da cidade. Sua mãe lava e passa para fora a fim de manter-se e à filha.

Mariana cresceu sob influência exclusivamente materna, recebendo dela uma educação rígida, e com princípios morais que a tornaram extremamente consciente da responsabilidade pessoal sobre seu destino. Graças a isso sempre trabalhou, desde mocinha, quando começou a fazer doces para vender na escola em que estudava.

Prestou vestibular para uma faculdade pública e ingressou no curso de pedagogia no qual se formara com louvor, para alegria de sua mãe.

Seu pai nunca assumiu nem ajudou materialmente sua educação. Às vezes, por insistência da mãe, ela ia vê-lo, mas ele não tomava a iniciativa de procurá-la. Durante seus vinte cinco anos, ele só a viu por três ou quatro vezes. Ela gostava muito do pai, mas ele não a aceitava.

Aos dezessete anos começou a namorar, mas a mãe a proibiu e, por esse motivo, teve de fazê-lo às escondidas. O namoro não durou muito, pois ela não conseguia transgredir as ordens maternas. Ansiava por uma companhia masculina, mas esbarrava nas recomendações maternas sobre o comportamento dos homens.

Todo rapaz com quem ela queria namorar era rechaçado pela mãe que a impedia de livremente exercitar o carinho e a afetividade com o sexo oposto.

Sentia-se sufocada pela mãe e, quando não suportava a pressão, brigava com ela exigindo sua liberdade, pois já era adulta e tinha o direito de ser feliz.

Já com vinte e cinco anos não namorava por não saber como desagradar à mãe ou argumentar com ela sobre a naturalidade dos seus direitos. Não conseguia dizer à mãe que sua experiência com um homem não deveria ser generalizada para todos e que ela tinha o direito de viver sua vida, mesmo que enfrentasse o mesmo problema da mãe.



O apego excessivo a regras demonstra a existência de um inconsciente que quer delas se libertar, mas não consegue. A possibilidade de viver livremente perturba o indivíduo que, por medo de perder-se, impõe rigidez à sua vida e, conseqüentemente, à dos outros.

Sua *psiquê* sintoniza com o *arquetipo* do ‘dominador’, que se apropria das ações do *ego*, influenciando-o como garantia contra a tentativa de irrupção na consciência dos *complexos* inconscientes.

Embora o Espírito seja o senhor do processo ascensional, nos estágios iniciais da evolução, estará ele sujeito às influências dos *complexos* inconscientes gerados a cada encarnação, os quais estarão movendo as ações do *ego*.

Transferir aos filhos toda a afetividade, traduzida em cuidados excessivos pode acarretar uma sobrecarga referencial nele. Ficará submetido às obrigações em corresponder àqueles cuidados e, quando necessita deles se libertar, o faz com culpa.

Por mais que se queira afirmar que é o amor que permite aos pais dedicar-se em excesso aos filhos, fica sempre a dúvida sobre as questões da dependência de uns em relação aos outros. Essa dependência psicológica promoverá padrões de comportamento quando os filhos formarem suas famílias.

Não é rara a confusão entre amor e poder. Muitas vezes, atribui-se a determinadas atitudes a justificativa do amor, quando o que realmente as promovem podem ser o desejo de poder e o de controle subjacentes. É preciso muita coragem e humildade consigo próprio para questionar-se sobre tais aspectos, já que podem revelar faces muito desagradáveis de si mesmo.

Pode-se também atribuir ao excesso de zelo o argumento de que eles são rebeldes ou de que necessitam de limites e, por isso, os cuidados. Argumento válido, porém, que se esvai quando se cometem excessos. Na educação, como em tudo na vida, nem repressão nem liberalização excessiva, apenas acompanhamento responsável.



São assim chamados de filhos aqueles espíritos que desde a infância nascem sob a responsabilidade emocional de alguém. Nem sempre seus pais são aqueles que os geraram, mas principalmente aqueles que para eles dirigiram amor, carinho e atenção.

Para eles, transmitem-se valores que, quando assimilados, têm a pretensão de torná-los capazes de viver no mundo, fazendo face aos seus desafios.

Nem sempre eles absorvem tais valores, como também nem sempre são passados adequadamente. Motivo pelo qual a relação entre pais e filhos pode se tornar tensa e cheia de ruídos indesejáveis.

Nem sempre os pais sabem quando é o momento de deixar de vê-los como crianças indefesas para reconhecê-los capazes de se colocarem no mundo, assumindo as conseqüências pelos atos que pratiquem. Às vezes, querem guiá-los mesmo já adultos porque os consideram inaptos para seguirem sós. Em alguns casos realmente os filhos, mesmo adultos, necessitam constantemente de orientação e os pais devem dá-la, velada ou explicitamente.

Porém, existem pais que excedem em seus limites sufocando seus filhos com cuidados exagerados por enxergar algum tipo de fragilidade neles.

Algumas vezes dirigem atenção especial para um deles que consideram menos capaz ou por apresentar algum tipo de deficiência, seja física ou psicológica. Tal atenção é desejável quando realmente existe alguma incapacidade explícita. Torna-se patológica quando tende a tomar o lugar do necessário aprendizado que deveria ocorrer naturalmente. Muitos pais por não quererem que seus filhos sofram, acabam por evitar que aprendam com sua própria deficiência.

Muitas vezes, por falta de percepção adequada de si mesmos, alguns pais acabam por transferir suas carências e vazios existenciais para esse ou aquele filho, que se transforma em suas âncoras. Essa transferência acaba sendo um peso na vida da pessoa, que passa a se sentir responsável pelo pai ou mãe sem que eles o necessitem.

Muitas vezes o filho caçula recebe essa carga de atenção por ser o último e por se constituir na nova esperança dos pais que desejam dar-lhe o que têm de melhor. Por vezes, quando a mulher sente que o marido dela se afasta, ligando-se mais às suas ocupações e preocupações profissionais, ela tende a se ligar ao filho ou à filha caçula, que lhe virá a ser companhia na ausência dele e na velhice.

Quando os filhos chegam a certa idade, necessitam deixar o lugar de preocupação que ocupam em nossa mente, principalmente quando os achamos dependentes, para ocuparem o de amigos e companheiros de jornada evolutiva.

É típico da mãe solteira ligar-se de forma obsessiva a seu filho por tê-lo tornado sua única força e motivo pelo qual viveu. Ela cobrará dele carinho e atenção da mesma forma que deu. Sem o querer, ela fará com que ele se sinta inconscientemente na obrigação de lhe retribuir o sacrifício, principalmente se não contar com o auxílio material do pai ou substituto.



“Eis que a vossa casa vos ficará deserta.”³⁵

O Cristo lamentava sobre o destino de Jerusalém em face do repúdio àqueles que lhe propunham a união. Podemos perceber que a ingratidão pode ser entendida como uma atitude humana natural, porém primitiva.

Os pais muitas vezes estranham a ingratidão dos filhos por lhes terem dado de tudo e nada receberem tempos depois, quando precisam. E serão eles ingratos quando assim agirem.

Por outro lado os pais devem entender que a solidão faz parte do espírito em face de sua singularidade. Ele foi criado por Deus simples e ignorante para alcançar a perfeição em conjunto com outros, mas sua individualidade e imortalidade serão sempre conservadas.

Cada espírito toma seu rumo na vida e assim é com nossos filhos. Um dia, mesmo com o amor que nos têm, tomarão seus destinos. Mesmo que a família originária continue ligada à gerada, eles seguirão suas vidas.

³⁵ Mateus 23:38.

A nossa casa um dia ficará deserta. Não apenas a casa física, mas a outra também; aquela na qual nossos filhos nos colocaram como prioridades.

Não devemos criar expectativas em relação à gratidão dos filhos, mesmo sabendo que se trata de obrigação mínima daqueles aos quais se dedicou muito amor. Devemos nos sentir contentes ao vê-los emancipados e felizes por terem conseguido assumir e viver a própria vida.

Pais rígidos

João é oficial militar, vem de uma formação policial muito rígida, cujo pai também era militar, e tem três filhos. Educou-os para que nunca deixassem de cumprir as leis e fossem sempre obedientes.

Seu filho mais velho tornou-se químico, casou-se e lhe deu um neto. Sua filha mais nova está se formando em fisioterapia e já tem promessas de emprego, pois se revelou excelente aluna e muito organizada em suas obrigações. O filho do meio foi seu grande problema. Enquanto os outros dois seguiram à risca as orientações paternas, ele, além de não gostar de estudar, sempre foi muito desobediente.

Não raro chegavam queixas diárias do comportamento do filho na escola na qual estudava. Todo ano ele mudava de estabelecimento por conta de sua inadaptação às normas escolares.

Embora com vinte e quatro anos, não conseguira concluir o ensino fundamental. Perdia de ano por falta, por indisciplina e por baixo rendimento escolar. Vivia às turras com o pai que não aceitava o seu comportamento. Desde criança que o pai o castigava. Poucas vezes bateu, mas não costumava flexibilizar nos castigos e repreensões a ele. Não aceitava um filho indisciplinado. Vivia dizendo que ele devia, por esse motivo, ter ‘puxado’ à família da mãe.

Envergonhava-se do filho e evitava falar dele para os amigos. Não lhe dirigia a palavra em casa e, quando precisava, o fazia através da mulher. Desde muito tempo que não havia diálogo entre eles. Eram dois estranhos vivendo sob o mesmo teto.

Um dia, veio a saber que seu filho fora acusado de furtar um aparelho de som do salão de festas do prédio. Isso o fez ficar colérico. Nesse dia teve uma discussão tão intensa com ele que se sentiu mal a ponto de precisar ser hospitalizado por suspeita de enfarto. Seu filho negara, mas ele insistia que ele o desonrara sendo marginal e que seria melhor para ambos que saísse daquela casa. O rapaz foi morar na casa de uma tia, irmã de sua mãe.

Já na casa da tia foi aconselhado a procurar um emprego e procurar viver sua vida dentro do que era possível. Assim fez. Começou a trabalhar e já pensava em completar seus estudos.

Após alguns dias descobriu-se que o furto foi de autoria de um antigo empregado que estivera no prédio naquele dia.

Ao saber disso o pai procurou o filho, o qual não mais quis voltar para casa. Soube-se depois que o rapaz, bem empregado, alugara um pequeno imóvel no qual passou a morar só.



A *psiquê* humana se configura como um sistema de vasos comunicantes. A vontade do Espírito interfere em seu dinamismo da mesma forma que os estímulos externos lhe alcançam. Ela é suscetível aos estímulos emocionais que lhe chegam no seu campo de percepção. Acresce, ainda, o fato de que seus conteúdos não se encontram estáticos, pois estão em constante ebulição, independentes de estímulos externos. Não se pode pensar numa *psiquê* parada.

Quando se tenta influenciar alguém com determinadas recomendações comportamentais certamente se atingirá algum núcleo perispiritual que promoverá reações de acordo com as experiências ali armazenadas. Quando se tenta ser, por exemplo,

muito rígido, poder-se-á obter reações, as quais, de um lado, dependendo do conteúdo dos núcleos atingidos, poderá promover efeito contrário, isto é, rebeldia. De outro lado, poderão promover reações que, ao alcançarem o núcleo perispiritual correspondente, gerem dependência e submissão excessivas.

A rigidez de valores e atitudes denota um grande medo do desconhecido, do inesperado. O rígido é, no seu inconsciente, um apavorado. Por não saber lidar com conteúdos muito desafiadores a seus valores rígidos, defende-se na rigidez, que se torna então seu porto seguro e o ponto a partir do qual se baseia para fundamentar suas posturas e decisões. A necessidade de muitas regras ortodoxas para guiar a própria vida e a dos outros reflete uma ilegalidade oculta no inconsciente. Para não reconhecer as próprias falhas morais elege um código de rígidos valores na consciência, o qual serve de balizador seguro na vida.

O ser humano possui uma psicologia reencarnatória que o torna imprevisível e criativo. Em face dos conteúdos emocionais dos núcleos reencarnatórios, adquiridos nas vidas sucessivas, a melhor maneira de atingi-los sem que gerem prejuízos à evolução espiritual, é através da amorosidade. Quanto mais amor desinteressado e que objetive a felicidade do outro se coloque na educação que se dê, melhores serão suas reações e seu aprendizado.



Pais rígidos muitas vezes geram filhos que desejam reagir à tensão a que eram submetidos enquanto com eles conviviam. Essa rigidez muitas vezes é responsável pelo *complexo* de culpa que se instala nos filhos quando tomam alguma atitude que considerem que seria recriminada pelos pais.

É comum vê-se filhos de pais rígidos em atitudes socialmente inadequadas por força da necessidade de se verem livres dos limites exageradamente impostos por eles.

Os pais rígidos que geralmente se afastam afetivamente de seus filhos favorecem a transformação deles em pessoas, de um lado emocionalmente carentes, e do outro com dificuldades em estabelecer envolvimento afetivos maduros.

Pelo excesso de justiça que costumam aplicar, não flexibilizando quanto ao comportamento de seus filhos, acabam por se tornar tiranos e, por esse motivo, odiados. Trazem, em sua consciência, um senso de dever que extrapola os limites do aceitável e se tornam verdadeiros algozes de seus filhos.

A maioria assim age por receio de perder o controle que eles mesmos não conseguem consigo, caso agissem da forma como condenam. Querem controlar os outros por não saberem como fazê-lo consigo próprios. São déspotas por natureza e descontam suas raivas e incompreensões do passado naqueles a quem têm o dever de amar.

São pessoas frustradas, pois desejam a liberdade e não conseguem, impondo aos filhos os freios a que se submetem. São espíritos infelizes.



“Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.”³⁶

O Cristo, embora a ninguém tivesse batizado, flexibilizou e se permitiu sê-lo por João. Num gesto de grandeza e com muito senso de oportunidade, admitiu que assim se fizesse para que sua tarefa tivesse êxito.

Quantas vezes, por falta de flexibilização, perdemos a oportunidade de usufruir um bem, de estar com alguém, de fazer algo e que mais adiante nos arrependemos por não termos feito? Quantas vezes nosso orgulho falou mais alto e deixamos de tomar

³⁶Mateus 3:15.

atitudes por inflexibilidade e rigidez a normas que sempre quiséramos transgredir? Quantas vezes impomos aos outros comportamentos que nunca gostaríamos que nos impusessem? A quantas pessoas impomos regras que, fora de nossos olhos, sabíamos que seriam desobedecidas?

A não rigidez é também uma faceta das leis de Deus quando é o amor que deve prevalecer. Nós criamos um Deus à nossa imagem e semelhança, com características muito humanas e, portanto, inferiores. Deus é amor e misericórdia.

O Cristo nos ensina a flexibilizar para que a leveza faça parte de nossas atitudes para com a Vida.

Condescender com os equívocos do próximo é permitir-se experimentar a misericórdia de Deus.

Imaginar que a mensagem do Cristo é rígida, é transformá-la em uma doutrina militar que atende apenas a mentes que necessitam da rigidez em tempos de guerra. O que ele pregava era a simplicidade e o amor nas atitudes.

Pais permissivos e pais ausentes

Fernando nasceu num berço de ouro. Primeiro filho, primeiro neto dos dois lados, materno e paterno. Foi desejado após um longo período de tentativas, até que sua mãe conseguiu engravidar. Quando ele nasceu, seu pai tinha trinta e nove anos e sua mãe ia fazer trinta e três. Ambos eram funcionários públicos de nível superior. Ganhavam bem e suas respectivas famílias originárias eram abastadas. Eram solteiros e ainda moravam em casa dos pais.

Seu nascimento foi uma grande festa. Visitas intensas à sua casa, sem parar. Presentes dos mais variados tipos. Houve até quem trouxesse presentes para as idades de um, dois, três e até quinze anos. Ele foi criado com tudo a que tinha direito e com o que nem sabia que tinha.

Seus pais não se preocuparam em avaliar a capacidade do filho em ter tanto em tão pouca idade. Não saberiam dizer qual o grau de desapego do filho nem se ele tinha maturidade para tantas benesses. Não observaram se ele cuidava de seus pertences, pois da mesma forma que ganhava, os abandonava.

Na adolescência, seu pai se preocupava mais em agradá-lo do que em lhe transmitir valores morais superiores. Orgulhava-se dele, pois era querido por todos, muito embora sem mérito pessoal demonstrado. Antes de completar a maioridade, ganhou seu primeiro carro, que era trocado a cada ano.

Mesmo sendo criado com tantas facilidades e estimulado ao pouco esforço pessoal, Fernando conseguiu, pelo seu próprio mérito, chegar à Faculdade. Formou-se em Direito graças também às facilidades que sua Escola permitia, não lhe dando um ensino de qualidade e sendo pouco exigente nas avaliações periódicas. Porém, na hora do desempenho profissional, ele se mostrava indeciso, inseguro e imaturo. Chegava a ter medo de fazer audiências. Tornou-se um profissional incompetente e despreparado para o exercício profissional. Restou a ele dedicar-se a um concurso. Porém, ao começar a estudar, percebeu que não tinha base suficiente para entender os assuntos de Direito requeridos pelos programas. Sua ‘salvação’ foi um colega, filho de um grande amigo de seu pai, que o convidou a dividir um escritório com ele. Foi graças a esse auxílio que Fernando arranjou alguns clientes e, valendo-se da experiência do colega, conseguiu estabilizar-se na profissão.

Embora tenha méritos para chegar aonde chegou, ele foi ‘prejudicado’ em parte pelas facilidades que recebeu.



A psicologia humana requer uma compreensão além dos limites do corpo e da vida material. Por mais que se queira buscar na vida atual as causas dos conflitos, como também as explicações para as particularidades da personalidade humana, não se atingirá a essência da qual ela se constitui.

O ser humano é movido muito mais pelos conteúdos inconscientes do que pelo que lhe é estimulado na consciência. Quanto mais ele tiver contato seguro com aqueles conteúdos, mais equilibradamente encontrará a felicidade que busca.

Quando os pais flexibilizam por demais a vida de seus filhos, evidentemente por amor a eles, o fazem segundo contingências também inconscientes a que eles próprios estão submetidos. Estão compensando situações *cármicas* nas quais se envolveram

com seus filhos e que interferem na forma de educá-los. É fundamental que os pais tentem, simultaneamente à educação que dão aos filhos, resolver seus próprios processos internos para que não se alienem de si mesmos.

A permissividade excessiva ou a ausência ocultam a falta de autoconfiança e de segurança, devido à deficiência na estruturação do psiquismo dos pais quanto a sua auto-estima. O permissivo ou o omissivo não se sentem capazes de sustentar uma decisão, uma postura, uma norma. Temem ser questionados e serem obrigados a justificar seus comportamentos. Não impor limites ao outro e não interferir em sua vida são defesas para que também não interfiram na sua própria. O permissivo e o rígido são duas polaridades opostas que refletem apenas formas externas de reagir ao mesmo tema – o medo, a insegurança, a fragilidade interior.

O caminho de resolução de ambas as polaridades é o mergulho na própria *sombra* para identificar as matrizes geradoras de tais padrões defensivos e a disposição para transformá-los através da vivência de novas experiências estruturantes.

O campo psicológico do ser humano é seu mundo real, no qual encontra tudo de que necessita para entender o que se passa no externo.

Os filhos projetam nos pais seus desejos e se nutrem de suas expectativas em relação à vida. Quanto mais lhes favorecemos mais devemos mostrar-lhes as obrigações que devem cumprir. Quando não mostramos e acompanhamos essas obrigações, eles se tornam vulneráveis psicologicamente nas ausências e impedimentos de seus pais.



Pais que tendem a ser permissivos com seus filhos contribuem para que eles, na adolescência e na adultez, tenham dificuldades em estabelecer limites ou adequar-se aos mesmos. Por

vezes, também, tendem à irresponsabilidade e à fragilidade ao enfrentar as dificuldades que naturalmente a vida impõe.

Da mesma forma, quando se ausentam do acompanhamento da vida dos filhos de forma mais direta e presente, tendem a contribuir para que eles se tornem menos responsáveis no seu futuro profissional.

É comum descobrir-se, nas origens do uso de drogas na adolescência, a falta ou ausência dos pais desde a infância. Mesmo morando com os filhos, existem pais que, por não acompanharem a vida e o desenvolvimento psicológico deles, contribuem para sérios problemas na formação e na relação deles com o mundo.

O diálogo e a participação dos pais na vida cotidiana de seus filhos, principalmente na vida escolar, podem suprir a necessidade deles de entender o mundo e de descobrir o sentido da própria vida.

Quando os pais são muito mais velhos que os filhos ou quando eles são criados pelos avós, nota-se também a mesma tendência em se tornarem mais frágeis e tendo mais dificuldade em enfrentar o mundo. Geralmente, pais que resolveram ter filhos acima dos quarenta anos tendem a não se envolver no desenvolvimento de suas personalidade, visto que, na maioria, buscam ocupações diferentes dos interesses deles. Esses pais, por estarem numa fase da vida de intensas preocupações com o resultado das escolhas que fez em sua própria, acabam por se distanciar mais de seus filhos.

A permissividade para com os filhos facilita o surgimento do menor esforço na superação dos desafios naturais da vida.

Os filhos que muito receberam e sentem dificuldades em enfrentar a vida devem ser influenciados ao necessário esforço e convidados a sair da *persona*, na qual estruturaram suas vidas. Foram criados como príncipes e têm dificuldades em deixar esse tão agradável lugar. Vivem numa ilha de fantasia. Suas mentes se encontram onde seus pais as colocaram.



A autoridade representa a lei, a ordem, o limite e a disciplina na vida das pessoas. No psiquismo da criança é representada pelo *arquetipo* paterno que lhe impõe limites e orienta sua vida em relação ao mundo. Quando o pai não é de todo presente na vida da criança, ela elegerá alguém em quem projetará o *arquétipo* correspondente.

Muitos espíritos reencarnam com dificuldade de lidar com limites. Às vezes, mesmo com o pai presente, mas que possui dificuldades de disciplinar e educar seus filhos quanto aos limites, o espírito persiste em sua rebeldia às leis.

Não raro vemos crianças e adolescentes com dificuldades em aceitar a disciplina e em adotar uma conduta dentro da ordem e da lei. Mesmo que sejam repreendidos pelos pais ou responsáveis, teimam em agir da mesma forma numa demonstração de confronto e, às vezes, de revolta.

Costumam, quando na escola, fazer travessuras e transgressões que chegam a preocupar seus pais que recebem admoestações de seus educadores. Quando não se tomam providências adequadas para as transgressões mais graves, por falta de orientação oportuna, o adolescente jovem poderá enveredar pela delinqüência.

Muitas vezes os pais, sem que estabeleçam as causas da rebeldia, partem para punições inadequadas que podem exacerbar as atitudes inconseqüentes dos filhos. A eles deve ser devolvido o respeito pela autoridade que não foi possível apreender.

O diálogo amigo sem agressividade e sem excessiva crítica ao pequeno rebelde, será sempre bem vindo e poderá ser a forma que lhe devolverá o senso de autoridade perdido ou não adequadamente edificado nele.



*“Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.”*³⁷

Inegavelmente o Cristo possuía a capacidade de curar o corpo e encaminhar a alma para que buscasse sua própria cura. Ao afirmar categoricamente *‘toma teu leito’* quis colocar a necessidade do indivíduo levar consigo seus pertences. Talvez, numa tentativa de esclarecimento àquele indivíduo para que percebesse que a ele mesmo competia carregar seus próprios processos. Por mais que ele curasse o corpo, haveria a necessidade do indivíduo fazer a sua parte, isto é, vivendo sua própria vida para fazer jus ao que recebeu.

Receber ajuda não implica em abdicar do esforço pessoal na ascensão espiritual. Ao contrário, implica em responsabilidade por ter alcançado algo além de sua capacidade.

Será sempre um convite a quem recebe ajuda, reciprocidade não apenas para quem o ajudou, mas, principalmente, devolvendo à Vida o que dela recebeu. Aquele que é beneficiado gratuitamente adquire na consciência o dever de corresponder tornando-se digno de seu benfeitor.

O Cristo nos mostra o caminho, mas o esforço de subida será sempre de cada um.

³⁷ Mateus 9:6.

Filhos que não querem estudar.

Profissão dos filhos

Desde menino Vítor sempre teve dificuldade de concentração. Mesmo quando manuseava um brinquedo, notava-se sua irritação e desejo de desmontá-lo. Não passava muito tempo com um mesmo brinquedo. Sempre queria outro e mais outro.

Seus educadores tiveram dificuldade para alfabetizá-lo, pois não conseguia memorizar ou associar as sílabas aos objetos mostrados. Com muita paciência e se atrasando um ano, ele conseguiu, graças a uma professora muito carinhosa, concluir a alfabetização.

Na puberdade e adolescência a dificuldade de seus pais para que se interessasse pelos estudos foi enorme. Perdeu dois anos consecutivos na sétima série e um no segundo ano colegial. Nesse meio tempo interessou-se por música ficando, boa parte de seu tempo, com os amigos tocando guitarra e bateria.

Em casa ele falava pouco, não era agressivo nem costumava se envolver muito com os problemas domésticos. Gostava de dormir e de ouvir música.

Seus pais recorreram a diversos profissionais para que o filho se interessasse pelos estudos, sem muito êxito. Por fim, ele resolveu fazer um curso superior de música contra a vontade dos

pais, os quais queriam para o filho uma profissão de mais destaque social.

Hoje Vítor toca numa banda e se dedica inteiramente à profissão de músico sem se incomodar muito para os comentários de que ele deveria ter escolhido outra profissão da qual a família pudesse se orgulhar.

Ele, como muitos, passou por dificuldades na escolha profissional pela falta de percepção de seus pais quanto aos talentos naturais de seus filhos. Nem sempre encontramos nos pais essa percepção em face do preconceito quanto a certas profissões consideradas inferiores. A dedicação à arte geralmente faz com que os pais tenham o envolvimento com drogas, algo muito típico no meio. Ao invés de impedir o acesso do filho à manifestação de seu talento, talvez seja mais adequado prepará-lo moral e espiritualmente para enfrentar os desafios do mundo.



As habilidades que nos permitem apreender as leis de Deus são infinitas. Pode o espírito desempenhar os mais diversos papéis sociais vinculados a uma profissão que certamente entrará em contato com as leis de Deus. Suas habilidades, adquiridas nas experiências reencarnatórias, se encontram armazenadas no perispírito e estarão sempre disponíveis quando lhe for necessário. O estímulo que receberá dos pais ativará psiquicamente aquelas habilidades para o melhor desempenho em seu próprio favor.

Quando os pais estimulam seus filhos ao estudo, estarão, indiretamente, conectando-os àquelas habilidades latentes. Porém, alcançarão aquelas que estavam vinculadas aos conhecimentos cognitivos.

Melhor seria que estimulassem seus filhos ao desenvolvimento de habilidades em paralelo à educação formal. Desde cedo devem levar os filhos a atividades nas quais eles desenvolvam habilidades manuais, musicais, corporais, intuitivas, etc.

Dessa forma, a *psiquê* humana estará conectando a consciência ao inconsciente, extraíndo deste, aquilo que se constitui nas habilidades adormecidas.

Encaminhar os filhos à escola e lhes estimular o gosto pelo estudo são atitudes fundamentais, porém, não lhes desenvolver outras inteligências além daquelas alcançáveis pela educação formal é atrofiar suas capacidades espirituais.

O Espírito é eterno e suas capacidades são infinitas. Sua mente foi estruturada para atender aos requisitos de sua evolução. Quanto mais estimulada mais preparado ele se encontrará para vencer seus desafios.



Por vezes encontramos crianças e principalmente adolescentes que não querem estudar. A grande maioria encontra dificuldade de concentração e de aprendizagem. Alguns se sentem inferiorizados perante seus colegas e preferem deixar de ir às aulas a enfrentar suas próprias deficiências.

Devem os pais, através do diálogo franco e aberto, descobrir as causas, insistindo para que não desistam dos estudos. Seus *complexos* impedem que enfrentem suas deficiências escolares.

Alguns pais, por não se interessarem pela vida escolar de seus filhos, contribuem para que eles desistam de estudar. Devem estar ao lado de seus filhos a fim de que não percam o interesse pelos estudos e possam vencer as dificuldades que interferem em seu sucesso intelectual.

Alguns pais, para que seus filhos não percam o ano, costumam transferi-lo de Escola para facilitar a aprovação. Importante que, independente da providência tomada, conversem com seus filhos a fim de descobrirem os motivos do insucesso nos estudos e salientem para eles que a medida foi tomada em caráter de exceção e que devem recuperar o que não foi aprendido. Seria conveniente ampliar as horas domésticas de estudo, se possível

com reforço escolar. A atitude de transferir de escola deve ter sua repetição evitada.

Muitas vezes os filhos assim procedem por terem um padrão psíquico de desistência diante dos mínimos obstáculos. São espíritos que se acostumaram a retroceder quando as *provas e expiações* não são do seu agrado. É principalmente por esse motivo que os pais não devem estar sempre arranjando a situação para que seus filhos não saiam ‘perdendo’.

Alguns continuam com as mesmas dificuldades intelectuais que tiveram em vidas passadas e devem merecer estímulo e acompanhamento para que não desistam de novo. Esse acompanhamento, principalmente por parte do pai, é fundamental para que o desafio seja vencido pela criança ou adolescente.



Há, por outro lado, uma excessiva cobrança dos pais quanto a necessidade de que seus filhos estudem. Parece que só é possível crescer num nível intelectual superior. Existe uma supervalorização do curso universitário como única via de crescimento pessoal. É certo que a sociedade valoriza o diploma de curso superior, mas as habilidades humanas não devem ser desprezadas em função de uma exigência coletiva. O espírito é um ser criativo e pode demonstrar suas habilidades nos cenários mais adversos. Não se deve desprezar as capacidades criativas humanas e elas devem ser percebidas logo cedo pelos pais.

Quando se observar que um filho na adolescência tem dificuldades em estudar, deve-se tentar identificar suas habilidades pessoais e, além de continuar incentivando-o aos estudos, encaminhá-lo para que as descubra e as aperfeiçoe.

A escolha profissional de um filho não é tarefa fácil. Dúvidas e influências diversas povoam os pensamentos do adolescente quando tem de se decidir sobre essa ou aquela profissão. A influência dos pais é a maior, pois além dos modelos serem muito próximos, o desejo de corresponder às expectativas também está

presente. Os pais exercem influência sobre a profissão dos filhos mesmo que diretamente não o queiram fazer. Deve-se ter sensibilidade em conduzir sem impor nem deixar que o façam sozinhos. Uma conversa amigável e um conselho orientador não fazem mal. Fundamental é não exigir do filho o que ele não conseguiria corresponder.

Os filhos, cujos pais os encaminharam na mesma profissão deles, geralmente desejam que seus filhos sigam a mesma carreira que adotaram. Nem sempre o conseguem, pois pode não haver nenhum espírito reencarnado entre eles, como filho, que tenha tal desejo ou possua as mínimas habilidades para o exercício daquela profissão. Isso pode frustrar os pais que não compreendem que, às vezes, as leis de Deus modificam nossos desejos por causa do viés que pode atralhar a nossa e a evolução de outros espíritos.



Não se deve esquecer que os filhos que recebemos são espíritos que já desenvolveram várias habilidades no passado. Já exerceram várias profissões, principalmente aquelas que não lhes exigiam curso superior, tendo em vista a existência no passado de poucas instituições e do alto custo.

As profissões técnicas e aquelas ligadas ao comércio eram mais comuns, portanto as habilidades a elas afeitas se encontram latentes no inconsciente.

O mau desempenho numa profissão que porventura tenha exercido no passado, poderá levar, no presente, a que o espírito não queira exercer aquela habilidade, interessando-se por outra na qual talvez também não consiga sucesso. As profissões se modificam com o tempo o que promove o aprendizado de diferentes habilidades ao espírito.

Os espíritos que foram bem sucedidos profissionalmente e que têm uma habilidade especial, tendem a continuar no exercício daquela habilidade. Muito raramente querem mudar de profissão.



O destaque de um filho é uma grande alegria para os pais. Ao verem seus filhos alcançarem reconhecimento público por uma aptidão especial, se sentem orgulhosos, estimulando-os direta e indiretamente. Conseguem se projetar em seus filhos no alcance da fama e glória que gostariam de obter.

O mais comum é o sucesso no desempenho de funções cognitivas, com destaque na linguagem verbal e escrita. Essas habilidades, quando precoces, despertam a atenção dos pais e educadores para que a criança não venha a ter seu desenvolvimento prejudicado. A criança que fala mais cedo ou que aprende a ler ou escrever antes dos cinco anos é colocada em lugar de destaque pelos que lhe acompanham o desenvolvimento.

Quando essas habilidades não são bem conduzidas, sob acompanhamento especializado, isso pode se tornar danoso ao psiquismo da criança. O desenvolvimento inadequado do psiquismo, sendo estimulado a aptidões de forma precoce, poderá promover a ausência de funções, isto é, o não surgimento de outras habilidades que deveriam ser adquiridas naquela idade. Igualmente perigoso pode ser a estimulação cognitiva precoce em desrespeito à maturação cerebral e motora adequadas.

A criança sentirá a cobrança em corresponder sempre àquela precocidade, caso não se dê também atenção a outras habilidades que ela deve simultaneamente desenvolver.

As habilidades que se destacam geralmente se situam na esfera das inteligências lógico-matemática e lingüístico-verbal em face da valorização a elas atribuídas na sociedade ocidental. Outras habilidades tão importantes quanto aquelas são geralmente desprezadas. Uma criança que apresente habilidades no campo emocional ou demonstre uma certa maturidade psicológica nem sempre tem a mesma atenção que aquelas que apresentem a precocidade, por exemplo, na linguagem. Os adultos, por desconhecimento de si mesmos, não conseguem perceber tais sinais de maturidade na criança.

A precocidade na criança é fruto das capacidades do espírito imortal que se habilita nas experiências reencarnatórias. Um espírito mais experiente no campo emocional, por ter aprendido ao longo de suas vidas sucessivas a se relacionar moderadamente com seus pares, apresentará, desde a infância, essa aptidão.

Em todos os casos de precocidade devem os pais **procurar ajuda especializada** para não contribuírem com o exagero da atenção na habilidade demonstrada sem se perguntarem “para quê” ela surgiu.

Estimulada pela atenção dos pais, a criança pode sentir, pelo reforço dado, que aquela habilidade é muito importante e, por esse motivo, querer corresponder por causa da satisfação que dará a eles.

A criança deve dar importância à habilidade de forma a aproveitá-la para seu futuro. Não deve ser apenas um fator de orgulho para os pais.

Para quê? Para o uso adequado, para a educação da habilidade, para o não atrofiamento, para o encaminhamento responsável, para o aprendizado de seus pais, para que o próprio espírito encarnado trabalhe sua vaidade e, por fim, para ensinar aos demais como aprender aquela habilidade.



“Quem diz o povo ser o Filho do homem?”³⁸

A preocupação do Cristo transcende o querer saber de sua popularidade entre os judeus. Mostra-nos também que as pessoas têm sobre nós muitos conceitos e que, às vezes, eles se encontram muito distanciados de nossa realidade. Pensam e falam muito a respeito do que não conhecem na intimidade. Falam de suas próprias projeções.

³⁸Mateus 16:13.

É assim também no que diz respeito aos nossos filhos, pois, muitas vezes, queremos que eles sejam importantes na vida para realizarmos nosso desejo de projeção pessoal não alcançado.

Devemos buscar para nossos filhos que eles descubram sua natureza essencial e a realizem, sem que os desejos maternos ou paternos prevaleçam definitivamente sobre o significado de suas vidas.

O Cristo aponta para que cada um se perceba em sua caminhada, ouvindo o que as pessoas dizem sobre si, utilizando seu senso crítico sobre o que ouvem e continuando adiante.

Devem os pais passar para seus filhos a importância do que dirão as pessoas a seu respeito, mas devem, também, colocar-lhes que precisam ouvir o que lhes dizem seus próprios corações.

Quando algo não está bem em nossas vidas ou quando queremos tomar alguma atitude que implicará em mudanças na vida é de bom alvitre que se ouçam as pessoas mais próximas em nossa volta. Devemos querer saber qual a imagem que passamos aos outros a fim de conhecer nossa própria *sombra*.

Adolescentes, gravidez precoce e homossexualismo

Silvio sempre foi um rapaz tímido e com dificuldade em expressar seus sentimentos. De poucos amigos e não afeito a badalações. Sempre foi de pouca conversa e, embora tenha uma boa bagagem intelectual, dificilmente a demonstra. Quando fala, apresenta limitações propositais em seu vocabulário.

Desde o início da adolescência percebeu que se sentia atraído por pessoas do mesmo sexo. A princípio negou seu desejo, buscando o contato com moças de sua idade. Chegou a ter algumas experiências amorosas com o sexo oposto, as quais não lhe foram negativas. No último contato resolveu que não se imporia algo que não lhe trouxesse felicidade. No íntimo sentia que era uma pessoa diferente das outras. Sua questão não era meramente sexual ou física, mas emocional e psicológica. Não conseguia dividir com ninguém suas preocupações internas. Sentia-se um 'peixe fora d' água'. Em função disto, cada vez mais foi se retraindo e sem coragem de viver uma experiência de relação com alguém do mesmo sexo. Acreditava que sua mãe, tampouco seu pai, aceitaria e que sua irmã lhe criticaria eternamente.

Seus pais nunca souberam de suas preocupações. Comportava-se normalmente perante eles e não apresentava nenhum

estereótipo afetado. Jamais teria coragem de tratar de assunto tão delicado de sua vida. Achava que eles não entenderiam e o condenariam.

Isolado em si mesmo, não lhe restou alternativa, por imaturidade psicológica, senão buscar alguma fuga para seu tormento íntimo. Apegou-se à fé. Porém, sua fé era imatura e lhe acrescentava elementos geradores de culpa quanto a sua questão sexual. Via-se condenado ao fogo eterno caso não sublimasse sua libido. Sentia-se prisioneiro, pois caso realizasse seu desejo, seu Deus o condenaria eternamente. Resolvendo sublimar, sentir-se-ia infeliz também pelo resto da vida. Vivía esse dilema constantemente.

Um dia, influenciado por uma amiga que também tinha preferências homo-eróticas, resolveu, aos 23 anos, ter sua primeira experiência desse tipo. Não se sentiu bem, mas acreditou que seu destino seria aquele. Teve outras experiências semelhantes. Algumas boas, outras ruins.

Hoje, aos 38 anos, ainda se sente infeliz. É médico veterinário, não tem parceiro fixo, mora só e ainda carrega suas insatisfações psicológicas. Ele mesmo diz, às vezes, que sua vida não tem saída.

Embora tenha tido poucas experiências amorosas em função de sua timidez, descobriu que seu problema maior, além da dificuldade em estabelecer relações afetivas, é a falta de um sentido superior para a própria vida.

Cada vez mais compreende que seu isolamento é consequência de sua culpa em se sentir diferente.

Seus pais, embora desconfiassem, jamais souberam de seus anseios íntimos. Por enquanto ele vive sua vida sem conseguir ser ele mesmo, independente de sua opção sexual. Ele acredita que foi importante ter vivido ambas as experiências sexuais, pois lhe permitiram perceber que o fato gerador de sua angústia está na alma sedenta do encontro consigo mesmo.

Sua dimensão sexual ainda é para ele algo não resolvido e nela ele sabe que existe algum fator que lhe traz culpa. Não sabe

como resolver sua vida e acredita que Deus o compreende e o ajudará em seu destino.



Do ponto de vista psicológico que adotamos, a *psiquê* humana não é, em sua essência, masculina ou feminina. Ela é um órgão funcional a serviço do Espírito. Este, por sua vez, também não é masculino ou feminino. As experiências reencarnatórias e os repetidos contatos com ambos os sexos proporcionaram ao espírito as habilidades masculinas e femininas.

Ele reencarna com ambas as polaridades e se submete, nem sempre a seu gosto, às contingências da anatomia genital e da educação sexual que receba em seu meio cultural. De acordo com aquelas experiências tenderá para qualquer das duas opções e o fará nem sempre de acordo com seu desejo íntimo, que poderá ser oposto ao que imponha o meio cultural.

Por outro lado, mesmo que desempenhe papéis de acordo com sua anatomia genital e que sua *psiquê* se constitua de acordo com sua opção sexual, poderá ocorrer que se descubra desejoso de ter experiências com pessoas do mesmo sexo. Tal ocorrência lhe atormentará a consciência caracterizando, por aquele motivo, um transtorno psíquico.

A convivência do espírito com o sexo oposto ao que adotou em cada encarnação, bem como aquelas na qual exerceu sua opção sexual, irão plasmar em seu psiquismo as tendências típicas de cada polaridade.

Sua opção de exercício da dimensão sexual deverá lhe trazer felicidade e harmonia. Quando ocorre o contrário, certamente há uma inadequação psíquica que merece atenção.

A psicologia da vida pede sempre que o amor esteja na base das relações humanas, as quais devem visar a felicidade daqueles que convivem. Quando as relações sexuais não visam a permuta de sentimentos entre pessoas, tendem a afastá-las. Sexo pelo sexo é o mesmo que realizar qualquer ato mecânico.

O amor deve atingir a consciência para que as polaridades deixem de ser determinantes na vida das pessoas.



A questão do homossexualismo transcende à mera relação sexual. Em geral, pais e educadores se limitam às preocupações da opção sexual em si. Nem sempre percebem que aquela opção decorre de muitos fatores motivadores.

Sem ser uma doença, o homossexualismo é um estado psíquico que reflete a busca do ser pelo si mesmo. O espírito, que já viveu várias experiências ora num ora noutro corpo, conhece as duas realidades e sabe que sua questão não está na prática sexual que adota, mas, principalmente, em sua dificuldade em identificar-se com uma natureza específica.

Com a liberação sexual e a ascensão do feminino na sociedade do Século XX, a tolerância ao homossexualismo aumentou permitindo que uma grande quantidade de pessoas que viviam no anonimato se expressasse naturalmente.

É evidente que ao lado daqueles que se envolvem emocionalmente com pessoas do mesmo sexo, existem os que possuem as mais variadas inadequações sexuais classificadas como perversões dos diversos tipos. Existem os doentes da alma que manifestam os sintomas típicos pelas práticas sexuais que adotam. Entre eles situam-se os portadores de: ninfomania, satiríase, fetichismo, pedofilia, sadomasoquismo, bem como outros classificados no item F65 do CID-10³⁹.

Quando os problemas relacionados à sexualidade se dão na infância, a questão se torna mais séria em face da imaturidade da criança em viver seus desejos sexuais de forma equilibrada. Na impossibilidade dos pais de resolver e entender a questão, esta deve ser levada a profissionais em face da delicadeza do problema.

³⁹Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – Décima Revisão.

Na adolescência, período que se caracteriza por uma afirmação da própria identidade e da inserção num grupo social, o homossexualismo pode ser reativo e, quando o for, os pais devem buscar o diálogo maduro. Embora os pais contribuam para a escolha sexual dos filhos, não são eles que determinam, em seus psiquismos, a polarização que adotam. Influenciam, mas não determinam o desejo deles.

Em geral os pais se sentem culpados quando os filhos demonstram preferências homo-eróticas em face da auto-exigência heterossexual. Devem os pais entender que seus filhos são espíritos e trazem em seu mundo inconsciente suas experiências em todos os campos da vida. São eles portadores de desejos, muitos inconfessos, os quais merecem educação devida. Compete aos pais dar-lhes amor e valores nobres para que sejam felizes em suas escolhas.



É comum os pais se preocuparem com a preferência sexual de seus filhos com o intuito de fazerem sua parte no encaminhamento adequado da questão. Preocupam-se com possíveis tendências e com as amizades na adolescência.

Nem sempre é fácil distinguir quando um jovem tem tendências homo-eróticas em face das camuflagens naturais que os filhos se utilizam para evitar sanções de seus pais.

Às vezes, pode-se notar logo na puberdade, pelas preferências, trejeitos, brincadeiras típicas e pelos hábitos adotados. Porém, não há uma regra padronizada, visto que a escolha ou tendência homossexual pode ocorrer em qualquer idade.

Embora o assunto normalmente seja um tabu em família, deve ser tratado em particular pelos pais com seus filhos. Deve-se colocar a questão do livre arbítrio para se escolher de que forma deve o indivíduo exercer sua função sexual. Estabelecer que o mais importante naquela escolha deve ser a felicidade e não apenas o prazer.

Quando os pais não souberem conduzir esse assunto, principalmente quando notarem algum tipo de tendência num filho, devem buscar ajuda especializada. Nunca um filho ou filha deve ser discriminado pelos pais por causa de sua preferência sexual. Qualquer crítica pode significar uma reação contrária e prejudicial à aceitação da pessoa consigo mesma. Quando a recriminação é feita, pode-se pôr em risco todo o passado de carinho e amor que se teve ao filho, pois ele tenderá a focar-se na sua opção sexual, à qual nunca foi devidamente considerada pelos pais.



É cada vez menor a idade em que o espírito, na encarnação, inicia-se em práticas sexuais com um parceiro. A precocidade recebe grande contribuição dos veículos de comunicação e propaganda que estimulam os jogos sexuais. É possível encontrar crianças recém saídas da primeira infância com gestos e atitudes típicos dos adultos quando estão na prática sexual.

A gravidez na adolescência tem crescido muito e, conseqüentemente, o aborto provocado. Quando a adolescente grávida opta por ter seu filho é comum o pai deste ausentar-se de sua responsabilidade por imaturidade. Além disso, por terem engravidado precocemente, a falta de vivenciar a própria adolescência pode promover danos irreversíveis às jovens mães.

Muitos pais de adolescentes têm optado por influenciar ou obrigar os filhos ao aborto sob pretexto de perderem a juventude por causa de uma criança, a qual não têm maturidade nem condições financeiras para educar. Argumentam também que, quando a filha é mulher, o pai da criança não vai poder arcar emocional e financeiramente com a educação dos filhos. Quando assim agem cometem o equívoco de desvalorizar a vida e de contribuir para a dependência psicológica de seus filhos. Deveriam auxiliá-los a assumir a responsabilidade pelo ato que praticaram. Embora não deva ser estimulada, ao contrário, educada a evitar, não é nenhum crime uma adolescente engravidar.

Ainda se ouvem lamentavelmente histórias de pais que expulsam filhas de casa por estarem grávidas. Esperavam que elas lhes respeitassem o teto. Esquecem ou ignoram que seus filhos são espíritos e seus desejos continuam latentes. Devem aprender a educar sexualmente seus filhos, ensinando-lhes a importância do respeito ao corpo e ao prazer.

É importante que os pais, ao perceberem seus filhos adentrarem a puberdade, a menina em especial, logo antes da menarca, falem sobre reprodução humana e sobre os meios de se evitar uma gravidez não desejada.

Na fase em que os filhos buscam naturalmente outra pessoa para namorar, os pais devem acompanhá-los nas escolhas e auxiliá-los a se relacionarem afetivamente. As proibições não devem ser a tônica da educação. O namoro na adolescência é salutar ao jovem, pois permite que ele se reconheça como capaz de conviver com outra pessoa. É um ensaio para a vida a dois.



“Pois, que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?”⁴⁰

O Cristo chama a atenção de seus discípulos sobre o significado de segui-lo. Haverá de alguma maneira a necessidade de que façam sacrifícios e renúncias para se considerarem seus discípulos. Assim se dá conosco em relação ao que desejamos para a Vida. Ela nos pedirá sacrifícios e renúncias.

Costumamos nascer e viver de tal forma alienados a um processo de crescimento espiritual sério, que nos perdemos diante das contingências externas e dos padrões reencarnatórios que costumamos repetir.

⁴⁰Mateus 16:26.

Assim é com a sexualidade, cujo comportamento diante da intensidade de sua energia não é diferente a cada encarnação, a não ser que busquemos a educação necessária diante de sua força.

A energia sexual pede equilíbrio no uso e não abuso ou repressão. Educar os jovens ao uso responsável da sexualidade requer consciência de si próprio e respeito ao outro. Educar sem tabus ou preconceitos, falando ao outro sobre a importância de se fazer escolhas visando a felicidade e não apenas o prazer instantâneo.

Abuso sexual

Vera Lúcia nasceu numa família pobre e num meio sem recursos materiais. Sua família é negra e seu pai logo cedo abandonou a casa deixando sua mãe com seis filhos menores. Aos quatro anos ela sofreu um abuso sexual por parte de seu padrinho que, embora não lhe tenha deixado marcas físicas, provocou-lhe um trauma que só veio ser resolvido em terapia.

Ela cresceu naquele meio pobre, onde assistiu sua mãe tornar-se psicótica e, depois de um surto, ser internada num hospital psiquiátrico, ficando ela e seus irmãos entregues a uma tia-avó. Juntando o ganho de todos não dava para a sobrevivência do grupo. Ao completar quatorze anos, já desenvolvida fisicamente, foi morar com uma tia por necessidades materiais e a outra irmã foi morar com uma amiga de sua mãe.

Sua tia cuidou dela como filha, ensinando-a a ler e escrever e fazendo de tudo para que ela esquecesse seu passado. Mas, seu tio, num dia em que não havia ninguém em casa, forçou uma relação sexual com ela, sem sucesso.

Esse segundo episódio a fez lembrar do primeiro fazendo-a sofrer muito. Fugiu da casa da tia e empregou-se como doméstica em casa de uma senhora na qual antes trabalhou uma amiga sua.

Ali sua vida se desligou de seu passado, pois passou a se ocupar exclusivamente da cozinha, onde passou alguns anos de sua vida.

Aos vinte e três anos conseguiu concluir o primeiro grau, ainda trabalhando na mesma casa como doméstica. Aos vinte e oito, com muita dificuldade e já com um filho de dois anos, concluiu o segundo grau.

Seu filho nasceu por decisão dela, pois o pai não quis assumir. Ele era seu namorado e quis que ela abortasse. Decidiu ter seu filho sem a ajuda dele, que se arrependeu após ver o filho com um ano de idade.

Sua patroa lhe ajudou, acolhendo seu filho como se fosse seu neto. Não conseguiu reconciliar-se com o pai da criança, permanecendo solteira até hoje, com quarenta e quatro anos.

Muitas vezes, durante o sono, tinha pesadelos horríveis e acordava gritando, assustando todos da casa. Via-se, em seus sonhos, sendo agarrada e usada sexualmente por vários homens.

Levada por sua patroa, qual se fora mãe, a tratamento especializado, conseguiu entender-se, contar as situações sofridas de abuso sexual e livrar-se do medo de nova ocorrência.



As matrizes psicológicas sexuais humanas estão permeadas de experiências dos mais diversos tipos. As relações sexuais fazem parte do inconsciente humano desde que ele existe. Não são acidentes nem tampouco se trata de algo novo em sua evolução. Todos temos experiências naquele campo, porém, nem sempre bem sucedidas.

A união da busca afetiva com as experiências sexuais é algo relativamente novo, fruto do desenvolvimento espiritual do ser humano. Esse momento, no qual ele consegue unir sua dimensão afetiva com a sexual, permite conectar-se ao Universo para adquirir faculdades que o capacitem à apreensão de novas leis de Deus. Seu psiquismo, antes embrionário, tem amadurecido para essas conquistas evolutivas, graças à educação de sua sexualidade e à entrada da afetividade em suas relações.

Os abusos sexuais nascem de mentes cuja dimensão sexual se encontra em desequilíbrio e não amadurecida para relações adultas. São indivíduos que carecem de afetividade e a buscam perversamente na relação sexual não consentida. Sentem dificuldades de estabelecer relações afetivas com alguém e se excedem no exercício da sexualidade de forma compulsiva e inconseqüente.

É mais comum que a vítima do abuso sexual busque o auxílio para a cura de seu trauma. A iniciativa de procurar tratamento por parte do agressor é mais rara porque, em geral, eles têm a consciência moral estruturada em torno de valores distorcidos, ou quando reconhecem o erro, não têm a coragem de confessá-lo ao especialista. Para que qualquer tratamento seja eficiente é condição primária o desejo e a predisposição para transformar-se.

Trazem no seu psiquismo marcas que só saem com vivências afetivas maduras, nas quais não tentem dominar aqueles com quem se relacionam. Merecem tratamento psicológico e espiritual para se desvincularem das culpas e dos sentimentos aversivos de suas vítimas.



Em face do desequilíbrio de que são portadores, alguns indivíduos cometem o absurdo de abusarem sexualmente de crianças. Os abusos e insinuações variam de acordo com a forma e a estratégia utilizada.

Tais pessoas são imaturas sexualmente e possuem um desejo sexual que necessita ser educado. São viciados, se encontram doentes do *chakra* genésico e são portadores de distúrbios psicológicos graves.

Via de regra os abusos sexuais ocorrem entre pessoas de uma mesma família ou de indivíduos que gozam de intimidade com a da criança.

Parece que a vítima ‘atrai’ o indivíduo face a algum *carma* negativo naquele campo. Trazem, aquelas crianças, um estigma que as torna vulneráveis aos portadores de desvios sexuais.

Encontram crianças que ainda não se despertaram para as conseqüências do uso da sexualidade, tornando-se, por esse motivo, indefesas. São elas envolvidas pelo respeito e coação que o adulto lhes impõem.

Na maioria dos casos o abuso sofrido promove seqüelas na personalidade da criança, exigindo algum tipo de solução. Geralmente, quando a criança se dá conta, já na vida adulta, de que foi agredida daquela forma, vem-lhe um sentimento de vingança que dificilmente se realiza. Esse desejo é que deve merecer resolução em terapia.

Não basta que aquele espírito, o qual sofreu o abuso, um dia venha a saber que ele pode ter cometido semelhante ato no passado e, por isso, se deu com ele no presente. É preciso que ele trabalhe seu desejo de vingança e, acima de tudo, reequilibre sua vida sexual.



A descoberta das zonas erógenas do corpo inicia-se na primeira infância e continua até a vida adulta quando a maturidade sexual ocorre. Às vezes, pode-se encontrar crianças que realizam suas descobertas juntas, sem que tais ocorrências devam ser enquadradas como abuso ou perversão sexual. O abuso se dá quando uma criança ou adulto realiza uma ação numa zona erógena sua ou na de uma outra criança, usando-a. A criança não tem consciência do que faz, pois o ato se dá mediante coação intencional.

O abuso sexual pode não provocar seqüelas graves na vida de uma pessoa, principalmente quando o espírito não lhe atribui importância capital; quando ele não associa ao fato o valor de ter atingido sua integridade nem lhe imputa a responsabilidade pelos conflitos que possui. O abuso sexual não é, portanto, categorizado como capaz de provocar, por si só, os conflitos que o próprio indivíduo tem.

Um abuso sexual é um crime e deve ser combatido legalmente. O indivíduo que o pratica é mais doente do que sua vítima.

Na maioria dos casos de abuso sexual, seus responsáveis sofrem, via de regra, influência obsessiva de espíritos que também cultivam o mesmo desejo mórbido e inconseqüente.

Em todos os casos de abuso o agente da ação necessita de tratamento psicológico. A criança que sofreu o abuso nem sempre tem consciência do que se passou e, a depender do ato em si, poderá não precisar de suporte psicológico. É conveniente, por medida de precaução, que os pais submetam a criança a uma avaliação psicológica para se verificar sua necessidade.



“Por isso vos declaro: Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada.”⁴¹

Blasfemar contra o Espírito é atentar contra si mesmo. Quem agride a alguém a si mesmo o faz. O Cristo nos alerta que ninguém prejudica a outrem quando o ataca, mas somente a si próprio.

Mesmo que uma pessoa venha a perdoar uma outra por um mal que considere ter sido vítima, isto não significa que a questão estará resolvida para o agressor. Aquele que agride dorme com a agressão.

Quem abusa de alguém a si mesmo comete um crime. Pode-se, portanto, perdoar e ser perdoado sem que se transforme. O processo de transformação se dá na intimidade do Espírito quando este apreende as leis de Deus.

Quando o Cristo diz que ‘a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada’ aponta para o próprio indivíduo a solução

⁴¹ Mateus 12:31.

de seu problema. As vítimas merecem auxílio e atenção, os agressores, compaixão, pois ainda terão muito que aprender, a fim de respeitar o corpo que não lhe pertence e o espírito a quem pretendeu dominar e abusar.

Doenças congênitas

Flávio tem quarenta anos e está no seu terceiro casamento. Teve um filho do primeiro quando ainda tinha dezessete anos. Não conviveu com a mãe de seu filho por não ter maturidade e por sua mãe não o permitir. Mesmo assim, foi obrigado a casar por interferência de seu pai. Abandonou o filho recém-nascido, que ficou aos cuidados daquela que iria se tornar sua sogra. Casou-se pela segunda vez e teve duas filhas. Porém, pouco conviveu com a mulher, pois seu trabalho o impedia de estar em casa durante a semana. Viajava pelo interior do Estado de segunda a sexta. Algumas vezes tinha de ficar durante o final de semana no interior por causa do cansaço, pois teria de retornar no domingo à noite de novo.

Separou-se, por iniciativa da mulher. Ela não suportou a ausência dele e a falta de recursos financeiros para manter as duas filhas. Casou-se pela terceira vez e teve um filho com Retardo Mental Grave. Sua terceira mulher, bem mais jovem que ele, não esperava um filho deficiente. Chorou muito e chegou a culpá-lo por isso. Rejeitou o filho ao nascer, mas após longas conversas com o marido e ajuda terapêutica, acolheu com dedicação o filho doente.

Com o tempo o casal percebeu que aquele filho era o grande motivo para viver. Descobriram que a vida é muito mais do que uma relação entre duas pessoas e que valia a pena viver para

amar e vencer as próprias deficiências. O pequeno filho, sem o saber, estava sendo útil a eles como pessoas, pois lhes mostrava a cada dia o valor do amor e do perdão.

Com o nascimento do filho, ele mudou de departamento na empresa, passou a estar mais tempo em casa e a não viajar. Tornou-se um pai extremado e voltou-se também para os três filhos dos dois relacionamentos anteriores, dispensando-lhes a atenção que não dera antes.

Fez as pazes com as duas mulheres com quem se relacionou antes e procurou mostrar a elas o quanto era imaturo. A vida dele realmente mudou, tornando-se uma pessoa interior e saudável do ponto de vista emocional.

Aquele espírito que retornara com a deficiência mental tinha fortes ligações *cármicas* com o casal.



A deficiência física ou mental é um símbolo da falta ou do excesso de algo no inconsciente humano. Ali estão as matrizes psicológicas que desencadearão os mais variados processos de educação, visando a que o espírito atinja um dia sua felicidade.

Filhos deficientes são espíritos em processo educativo para si e para seus pais que, algumas vezes, o fazem por missão. Um filho deficiente é filho da falta, pois a *psiquê* materna e paterna não estavam preparadas para eles, muito embora, inconscientemente, sabiam que o receberiam.

Na consciência de cada um que com ele convive, a deficiência estará sempre apontando para as matrizes inconscientes visando reflexão sobre seu próprio papel naquela falta.

Por mais que aceitem a reencarnação e a imortalidade da alma, os pais se perguntarão o que fizeram para receberem um filho com deficiência. Culpar-se-ão um ao outro até que se conscientizem de que são co-responsáveis e que alicerçar tal sentimento não contribuirá para que a situação se modifique. Seus

sentimentos irão variar da negação, passando pela revolta, pela aceitação, até chegar na tranqüilidade de entender o sentido importante que a deficiência tem para todos.

Com a deficiência o *ego* se sente diminuído em sua integridade, em face da poderosa associação que faz com o corpo físico. Quando a deficiência é mental, o sentimento de inferioridade é maior ainda. A deficiência vai atingir seus objetivos pela ‘queda’ de poder do *ego*, principal motivo de seus equívocos no passado. Querendo ou não, revoltando-se contra a doença ou não, o espírito sempre vai aprender alguma coisa, pois seu psiquismo irá ser influenciado pela deficiência.

As doenças congênicas são ‘marcas’ para que o espírito se ocupe de sua evolução de forma mais específica, em algum ponto no qual necessita se desenvolver de outra maneira. O fato do corpo físico apresentar uma deficiência deve levar o espírito à reflexão do ‘para quê’ isso lhe foi dado. Certamente que a resposta que a si mesmo se dará, possibilitará que alcance, um dia, o conhecimento da lei de Deus naquele ponto no qual cometeu algum equívoco.



Não raro ocorrem casos de doenças congênicas numa família ou na de parentes próximos. A maioria das famílias tenta esconder sua ocorrência com receio de discriminação ou mesmo com vergonha do fato.

As doenças de nascença se devem, logicamente, a processos educativos que estão em curso, por conta de experiências mal sucedidas em encarnações anteriores e que, via de regra, envolveram toda a família. Cabe, por esse motivo, à família, e não apenas a uma única pessoa, o auxílio àquele membro que retornou com o problema.

Em todos os casos deve a família ir à busca de auxílio profissional, médico e psicológico, para a educação mais adequada da diferença que aquele indivíduo porta.

É necessário que a família não se envergonhe do fato; tampouco o exponha demasiadamente à incompreensão alheia. É preciso sobretudo encarar como um desafio a ser vencido para todo o grupo familiar naquela encarnação.

Por conta da diferença que o espírito apresenta em relação aos outros membros da família é importante que não se tenha pena da criança nem tampouco a cerquemos exageradamente de cuidados, salvo quando o caso exigir.

Os pais não devem se sentir inferiorizados ou responsáveis. É uma condição que deve ser assumida com tranqüilidade e equilíbrio a fim de que se enfrente os desafios inerentes à prova. O filho diferente é o filho da falta, pois não foi desejado que ele se apresentasse daquela maneira. A falta do 'outro' deve ser preenchida pelas respostas que venham à seguinte indagação: que devo eu aprender que ainda não saiba com esse problema?

Muitos pais pensam que só o filho diferente é que tem alguma coisa a aprender e se acham injustiçados por Deus. Devem sempre entender que o filho diferente lhe vem ensinar algo importantíssimo para sua evolução.

A criança portadora de uma diferença deve ser vista como uma pessoa, isto é, um espírito que tem uma bagagem de conhecimentos oriundos de vidas passadas. Não é indefeso, ou está sofrendo sem que possa suportar, ou mesmo sem que não esteja entendendo o que se passa consigo. A criança é um espírito e como tal se encontra sob as mesmas contingências evolutivas que todos à sua volta.

Podem lhe faltar meios no corpo para a compreensão exata do que se passa consigo e à sua volta, porém o espírito, através de seu perispírito e por suas capacidades naturais estará se apercebendo da realidade.

O deficiente na família surge como alguém que dela merece atenção e cuidados. Deve ela se reestruturar face à sua presença, a qual traz lições para todos. Não deve ser discriminado, mas sua diferença considerada como símbolo do processo a que pertence

todo o grupo. Com ele, o grupo deverá crescer e fazê-lo acreditar que sua diferença lhe será útil na evolução.

Sua educação deverá merecer atenção para que ele entenda tratar-se de algo transitório e que lhe será útil futuramente. Deverá crescer sabendo que sua diferença está no corpo e não no espírito.



“Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.”⁴²

O Cristo nos chama a atenção para a origem das coisas. Procura mostrar que, se Deus é bom, então o que Dele vem não poderia ser diferente. Somos filhos de Sua vontade, portanto somos divinos. Por mais vil que o ser humano possa vir a ser em algum de seus atos, deveremos lembrar que, em sua essência, ele é filho de Deus.

Muitos aparentam, em face de viver num mundo de *personas*, o que não são, escondendo-se por detrás da máscara social. Sabemos que o espírito se protege no corpo, muito embora se aprisione temporariamente nele, jamais deixará de ser quem é e de expressar, mesmo que sutilmente, sua verdadeira natureza divina. Por detrás do corpo defeituoso há alguém que deseja ser feliz, mesmo sabendo dos equívocos cometidos. Quem o recebe como pai ou mãe deve entender sua responsabilidade em auxiliá-lo a alcançar seus anseios. Será a felicidade de todos que com ele convivem.

Quando nos deparamos com um filho deficiente não é difícil de se acreditar que ali está um ser defeituoso. Pensamos que o defeito do corpo é do espírito. Decerto que as marcas do corpo reproduzem processos espirituais que estão em vias de solução,

⁴² Mateus 7:18.

porém nosso olhar também deve se voltar para o ser criado por Deus que Lhe é imagem e semelhança.

A vida no corpo passa muito rápida. Enquanto nele estamos, pensamos que a vida será uma eternidade, mas logo que dele nos ausentamos, pela morte, percebemos o quão rápido o tempo passou e o quanto proveitoso foi estar nele sob contingências *cármicas*.

As palavras do Cristo devem nos levar à consciência de que somos feitos de luz e para ela nos dirigimos.

Mortes prematuras

Amanda tem vinte e seis anos e é estudante de medicina. Namorava um rapaz o qual, após saber que ela estava grávida e que não abortaria, mudou de cidade, abandonando-a. Disse-lhe que não tinha estrutura para ser pai. Ela sustentou sua gravidez até o fim. No segundo mês de gestação começou a sentir fortes dores e, indo ao médico, foi-lhe dito que deveria fazer repouso absoluto, pois sua gravidez seria com algum risco. Com muito sacrifício conseguiu levar sua barriga até o sexto mês quando a bolsa rompeu e seu filho nasceu quando ela estava a caminho do hospital. Nasceu-lhe Leandro, prematuro e com alguns problemas que exigiram no trigésimo dia uma cirurgia. Ficou ele na unidade neonatal de terapia intensiva por três meses. Enquanto ali esteve, submeteu-se, além da primeira, a mais duas cirurgias delicadas. Por fim, após o terceiro mês, ele saiu com saúde. Com cinco meses de vida ele estava com peso e altura de uma criança nascida de nove meses e sem problema algum de saúde. Sem o pai e com muito amor, ela se dedicou a seu filho trancando a faculdade. Leandro era sua maior alegria. Amava seu filho como a ninguém. Porém, aos seis meses e gozando de perfeita saúde, de madrugada, enquanto ambos dormiam, ele faleceu inexplicavelmente. Morte súbita.

Amanda passou mais de ano em estado de choque por causa da morte do filho. Não poderia existir castigo maior para

ela. Chorou muito e praguejou contra a vida. Preferia morrer a suportar aquela expiação. Foi difícil para ela aceitar a morte do filho querido. Após se refazer, desejava a qualquer custo que ele voltasse. Ao conhecer o Espiritismo, decidiu procurar seu ex-namorado, que foi comunicado do fato, para que, através de uma nova união, seu filho reencarnasse. Estava com esse propósito, mesmo sabendo que nem sempre é o mesmo espírito que retorna logo após a desencarnação.



A morte é sempre um evento traumático que promove profundo impacto na *psiquê* em face de sua imortalidade. Ela contraria a certeza interna que todos temos da imortalidade do ser e de sua individualidade.

O Espírito, enquanto se encontra nos estágios iniciais da evolução, estará sujeito aos ciclos de nascimento e morte, os quais o farão entender a dialética da vida. O psiquismo é estruturado no paradigma que o faz entender o mundo a partir de opostos que devem ser conciliados.

Cada evento de morte, do próprio corpo ou de afetos, será sentido como se ocorresse com a própria *psiquê*, tal o impacto que causa a sensação de desintegração (que não ocorre) da personalidade.

A maternidade, nos seus estágios iniciais, promove uma identificação muito grande entre mãe e filho, na qual ela projeta todas as suas esperanças e expectativas, nem sempre conseguindo distinguir-se dele. Qualquer agressão a ele, ela sentirá na própria pele e reagirá com força maior do que ele foi atingido. Sua *psiquê* sofre significativa alteração face ao predomínio do *arquétipo materno* que atuará, fazendo com que ela se sinta como Deus. A morte de um filho significa a perda dessa artificial condição, a qual colocava a mulher em situação privilegiada, difícil de se abdicar. A consciência da imortalidade da alma promove um

alívio a essa *psiquê* que, embora ‘perdendo’ seu status de Deus, conquista sua consciência de integridade.

O psiquismo materno, do período pré-gestacional até os primeiros anos de vida da criança, se estrutura para o primordial *arquétipo*, cuja capacidade de domínio sobre o indivíduo é maior do que ele imagina.

O fenômeno da morte de um filho deve levar seus pais a modificar seus conceitos sobre Deus, entendendo que Sua natureza difere da humana e que razões maiores, baseadas no amor, O fizeram promover a desencarnação de uma criança.



Ninguém está totalmente preparado para a desencarnação de uma criança. É sempre algo que comove e nos faz sentir tristeza. Qualquer ser humano se sente impotente diante dessa ocorrência. Mesmo que se explique tratar-se de um *carma* e que a criança (o espírito) está completando uma encarnação anterior, fica a sensação de incompletude. Como se algo pudesse ser feito para que aquele ser continuasse sua trajetória evolutiva no corpo.

Seus pais sofrem e muitas vezes gostariam que fosse com eles e não com a criança. Na mente deles a pergunta inevitável é: por que? A resposta nasce quando a consciência se amplia às vidas passadas. Quando não se alcança este patamar, geralmente surge a revolta pelo absurdo da morte prematura.

Na família fica, com a morte prematura de alguém, um vazio dificilmente preenchível. Todos se culpam pela impotência e sentem a falta daquele ser que se foi sem deixar explicações. A família se re-arruma face à falta, demorando-se em re-estabelecer a rotina anterior.

Ocorre a dúvida quanto ao que fazer com o que pertenceira àquele membro que desencarnou. Alguns opinam que se guarde, outros que se dê tudo. Nada impede que os pais guardem pequenas lembranças de seus filhos e que venham a doar o que

pode ser re-utilizado por quem precisa. Deve a família lembrar que o desencarnado nem sempre será atraído pelos objetos que ficaram, mas principalmente pela lembrança que se tenha deles na mente e no coração.

Natural que se chore pela morte e que se faça orações em casa pela pessoa, porém deve-se cuidar para não ficar exageradamente lembrando dela, para não fazê-la sofrer pela impossibilidade do contato mais próximo e íntimo.

A família não pode nem deve se desestruturar pelo falecimento de um filho, tampouco deve buscar culpado, pois a morte deve ser vista como libertação ao espírito que retorna para sua verdadeira morada.



“Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme.”⁴³

Consciente do estado em que se encontrava a filha de Jairo, o Cristo tomou-a pela mão e ela se levantou do leito de morte. Disse ele que ela apenas dormia.

Assim se dá com o espírito após a morte. Levanta-se e retorna à sua verdadeira vida. Os pais devem entender que seus filhos apenas dormem logo após a morte, mas que em seguida se levantarão e continuarão a viver.

Disse o Cristo ao pai da menina que ele apenas deveria crer. É disso que precisamos quando ocorrem esses graves momentos de perda de um ente querido, quer seja criança ou não. Precisamos da fé, pois que nem sempre a razão consegue aplacar as necessidades do coração que sofre naquele momento.

Não é fácil nem tranqüilo suportar a morte de um filho em tenra idade. É preciso crer na vida eterna e na possibilidade do retorno daquele ser num novo corpo, após cumprido o tempo de

⁴³ Mateus 9:24.

preparação do outro lado da vida. O amor que se dedica a um filho é muito forte para que venha a razão e quebre o sofrimento que se sente com a perda. Por esse motivo, o Cristo pediu ao pai que cresse.

A morte de crianças é sempre o complemento de uma etapa e o fechamento de um ciclo em sua evolução, além de uma prova para os pais.

Transtornos psíquicos na infância⁴⁴

Pedro nasceu sem que seus pais percebessem que ele teria um distúrbio de comportamento, o qual se agravaria na puberdade. Desde que completou três anos era possível perceber que ele era uma criança hipercinética. Não conseguia se deter numa coisa. Estava sempre em movimento. Pegava algo para brincar e logo largava a fim de alcançar outra coisa. Era, muitas vezes, agressivo com as pessoas. Não atendia aos reclamos dos pais nem costumava aceitar castigos. Às vezes, chorava quando era repreendido, mas logo parava o choro para iniciar nova traquinagem. Com cinco anos teve sua primeira crise convulsiva. Após exames mais apurados descobriu-se que ele tinha epilepsia e teria que iniciar um tratamento com medicação adequada e que, talvez, o acompanhasse por toda a vida. Graças à medicação, suas crises puderam ser controladas, as quais, às vezes, chegavam ao número de dez num dia.

Mereceu por parte dos pais uma educação especial, pois não se adaptou à escola comum. Não só não se concentrava

⁴⁴ Este assunto consta com mais detalhes em *Psicologia do Espírito*, pág. 177, do autor.

como também perturbava seus colegas. Chegava até a agredir aqueles coleguinhas que se opusessem a ele no que queria fazer.

Mesmo com tratamento médico e psicológico, os pais não conseguiram a cura para o filho. Especialistas afirmavam que o caso dele merecia acompanhamento diário e que não poderiam garantir a cura.

Por causa de sua dificuldade de concentração só foi alfabetizado aos nove anos e não evoluiu nos estudos.

Após contato com o Espiritismo, seu pai o levou a um Centro Espírita no qual passou a tomar passes e receber orientação espírita adequada. Esteve indo ao Centro por oito meses, período no qual viveu sua melhor fase. Seus pais interromperam o tratamento a que vinha sendo submetido. Hoje ele tem 13 anos e continua com os mesmos problemas da infância, muito embora tenha consciência de tudo e converse com uma lógica, às vezes, superior ao senso comum.

Possui um déficit intelectual, mas não cognitivo. Tem períodos de euforia e de depressão, mas não tem dificuldade de socializar-se. Obedece apenas a si mesmo e costuma imprecisar contra os pais e parentes mais próximos. Às vezes, coloca idéias fixas na cabeça das quais não se afasta muito facilmente.

Nunca apresentou tendências suicidas nem atentatórias à vida e a integridade de alguém, muito embora costumasse xingar as pessoas. Mostra-se carinhoso com outras, geralmente quando delas pretende obter algo. É muito higiênico e tem senso de pertencimento adequado.

Tem boa memória e gosta de surpreender as pessoas com citações antigas que alguma vez ouviu e ele não esqueceu. Quando quer, sabe ser afetivo.



O espírito no processo reencarnatório promove alterações em seu corpo físico de acordo com suas matrizes perispirituais.

Da mesma forma, seu psiquismo também promoverá alterações no aparelho cerebral de acordo com os processos mentais que o formam. Independente das alterações genéticas ou não, a *psiquê* do reencarnante já vem com suas características de funcionamento por conta de seus padrões de pensar e sentir construídos nas diversas encarnações.

Um problema psicológico não é apenas fruto do meio ou de influências da infância, ou até do parto, como querem alguns. Ele decorre da própria individualidade que assim se constitui até que se decida por transformar-se.

A mente humana é a matéria prima de Deus que a inventou para que fosse capaz de apreender Suas leis na sua trajetória evolutiva. Ela é suscetível a diversas influências e flexível ao desejo de autotransformar-se. A ajuda que poderá receber, funcionará como catalisadora desse processo de transformação.

O psiquismo de uma criança se encontra numa fase na qual as influências dos pais serão marcantes e poderão contribuir sobremaneira àquele processo de transformação. Alguns, portadores de distúrbios, são espíritos que trazem processos psicológicos que necessitam de encaminhamento adequado com base no amor e na paciência. O trabalho educativo dos pais ativará núcleos no inconsciente, cujo conteúdo é de esperança, força, capacidade de superação, equilíbrio e amorosidade. É fundamental que os pais busquem atingir aqueles núcleos do inconsciente.

Toda a psicologia humana se baseia na vontade de realização pessoal e esta deve ser sempre evocada ao espírito.



Os transtornos psíquicos que ocorrem na infância geralmente dizem respeito à linguagem, às habilidades espaço-visuais e à coordenação motora. Aqueles que se referem ao desenvolvimento da fala e da linguagem se acompanham com frequência de problemas associados, tais como dificuldades da leitura e da so-

letração (dislalia, lalação, disfasia, afasia), perturbação das relações interpessoais, transtornos emocionais e transtornos comportamentais. Inclui-se também como transtorno a frequência nas dificuldades de aprendizagem escolar com repetência constante em matérias específicas e perda de ano. Há também um grupo de transtornos, chamados de hipercinéticos, que envolve a falta de perseverança nas atividades que exigem um envolvimento cognitivo e uma tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar a anterior, associadas a uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva. Geralmente as crianças hipercinéticas são imprudentes, impulsivas, impopulares, sujeitas a acidentes, com problemas disciplinares, desinibidas e sem reservas com adultos.

Muitas vezes, os pais não conseguem perceber quando esses sintomas se iniciam e adiam o tratamento psicológico adequado. Têm um olhar idealizado sobre os filhos que lhes impedem de perceber alguns sintomas típicos dos transtornos psíquicos. Poderiam melhor observá-los se aprendessem a vê-los como espíritos que são e que como tal trazem suas características das personalidades vividas em outras encarnações. Têm aparência frágil, mas são tão fortes quanto seus pais.

Seria de bom alvitre que os pais buscassem ajuda especializada ao menor sinal de transtorno em seus filhos, a fim de que velhos problemas possam ser resolvidos sem que se tornem crônicos.



As fobias são medos que se caracterizam pela maior intensidade emocional e pelo incômodo que causam às pessoas que lhes sofrem as conseqüências. Podem ocorrer na infância como também na vida adulta, sendo mais raro na adolescência.

Seus sintomas se assemelham ao medo comum, porém provocam uma reação de intenso estresse e dificuldade em prosse-

guir sem que ele passe. Costuma se fazer acompanhar de sudorese, taquicardia e midríase.

Quando ocorrem na infância trazem grande preocupação aos pais, visto que nem sempre se encontram justificativas para que a criança apresente aqueles sintomas.

Os pais devem observar no comportamento da criança se ela é arredia a algum tipo de evento ou se tem o hábito de ficar só num mesmo ambiente sem estar brincando. As crianças nem sempre se sentem à vontade para falar de suas fobias, pois lhes trazem medo. Pensam que, ao falar, estarão na iminência de provocá-las. Devem os pais aprender a conversar com as crianças falando para eles de seus próprios medos infantis.

As fobias podem se acentuar quanto mais a criança passe muito tempo só, sem a companhia de adultos. O hábito de deixar as crianças entretidas na televisão pode ser um fator agravante, visto que elas não têm com quem elaborar os medos gerados pelos personagens agressivos de filmes típicos, mesmo que sejam de desenhos. A criança necessita de acompanhamento diário por parte de seus pais ou responsáveis.

Geralmente falta à criança um referencial seguro que lhe suplante o medo e traga tranqüilidade. A segurança deve ser dada de forma a fazê-la reagir ao sentimento desde o seu início.

Muitas fobias decorrem de eventos aversivos relacionados ao objeto fóbico ocorridos em vidas passadas que acompanham o espírito nas existências subseqüentes. O diálogo de forma a tranqüilizar a criança é fundamental, principalmente quando os pais tomam a iniciativa em fazê-lo.



Por vezes encontramos crianças que se deprimem sem causa aparente deixando preocupados não só seus pais como também especialistas, sem saber o que fazer. De onde vem tal depressão? Qual a causa geradora na infância? Alguns vão querer afirmar

que se trata de alguma ocorrência na primeira infância ou mesmo no parto, tentando trazer justificativas na atual existência. O fato gerador talvez esteja muito antes do momento presente.

Costumamos imaginar a criança como um ser sempre alegre e disposto a viver, cheio de energia e vitalidade. A depressão na infância incomoda qualquer adulto. Muitas vezes ela vem disfarçada de tristeza, melancolia e mau humor, sem que os pais ou responsáveis se dêem conta da depressão. É típico da depressão infantil o mutismo, o isolamento, a falta de vitalidade, o sono agitado e a perda de apetite.

Devem os pais buscar ajuda profissional face à possibilidade de não afastada de algum trauma presente ou remoto. Independente de buscarem ajuda especializada devem os pais: dialogar com a criança visando estimulá-la, ampliar as possibilidades de socialização da criança, solidarizar-se com ela quanto ao seu estado de tristeza, evitar a crítica ou punição, dar um pouco mais de atenção a ela, além de transmitir-lhe segurança e confiança.

O espírito quando reencarna não deixa seu passado de lado. Traz consigo todas as marcas nele causadas aos desafios que enfrentou. Carrega consigo suas mágoas, sofrimentos e frustrações gerados pelas experiências pregressas. Há processos que varam encarnações não se findando com a morte do corpo. A reencarnação é uma continuação da evolução do espírito.

Quando se avizinha uma prova, pode o espírito esmorecer com receio de fracasso. Às vezes, por ter passado por algum processo *cármico* difícil naquela idade em outra vida e por se lembrar disso, ele pode sentir medo de que venha a ocorrer de novo.

A depressão pode ser decorrente também da saudade que o espírito tem daqueles que ficaram e que ele não reencontra na atual encarnação. Pode ser, por esse motivo, uma reação à falta do amor, que antes tivera e que agora lhe faz falta.



Nem sempre os filhos possuem o temperamento dos pais. Por vezes, ouvimos pessoas dizerem que o filho puxou a este ou àquele parente, no temperamento. É claro que cada um traz em si os aspectos que lhe são próprios na personalidade, muito embora receba uma carga genética que pode lhe alterar características específicas, necessárias à sua evolução. Os filhos são espíritos que geralmente se afinizam com seus pais e que possuem traços na personalidade que se assemelham aos deles.

Os pais gostariam que os filhos tivessem mais paciência do que têm, que fossem mais humildes, que não tivessem a maioria dos vícios que possuem, porém, esquecem que também são pessoas em iguais condições às suas, cujo passado contém experiências dos mais variados tipos.

A presença de transtornos psíquicos na infância é mera consequência das experiências não resolvidas do passado em que, na maioria dos casos, tiveram a participação dos pais. Os problemas psicológicos que atravessam merecem dos pais a atenção e a condução para o devido tratamento a fim de que também venham a aprender com aquele processo de seus filhos.

Não devem ser encarados como doenças, mas como sintomas da personalidade daquele espírito, mas que merecem questionamentos. Os pais devem se perguntar: que tenho eu a aprender com a problemática de meu filho?

As respostas serão dadas com o tempo e a dedicação ao tratamento. Todos aqueles que se envolvem no conflito de alguém, alguma coisa têm a aprender.

Acima de qualquer tratamento que os pais possam dar a seus filhos, estarão o carinho e o amor, imprescindíveis ao verdadeiro restabelecimento daquele ser. Tanto o espírito que o recebe se aperfeiçoa, quanto aqueles que dão se beneficiam.



“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.”⁴⁵

O Cristo propõe a paz. Sua bandeira não é de confronto senão com as próprias imperfeições de cada um. Oferece a terra àqueles que se mostrarem mansos. A terra é o chão, a base sobre a qual se assenta o mundo. O estado de paz proporciona a base e a segurança necessárias para se viver no mundo. O encontro consigo mesmo só é possível quando o indivíduo se encontra em paz.

Nesse sentido, a harmonia doméstica é fundamental para que aqueles espíritos que retornam à reencarnação com algum tipo de perturbação encontrem condições de reequilíbrio.

A fala amorosa, o tom de voz adequado, o bom humor e o carinho para com os filhos conseguem ser a base de que se precisa para um bom tratamento dos transtornos psíquicos. Qualquer manifestação agressiva tenderá a agravar a problemática da criança que, em contato com o mau humor e outras manifestações semelhantes, tenderá à revolta, na qual se reacendem os ódios do passado.

Os cuidados com a saúde, com a alimentação e com o vestuário não são as únicas coisas que se devem dar a eles. Precisam de carinho e amor.

Pais ansiosos promovem filhos ansiosos. Pais agressivos ensinam agressividade na vida. Pais amorosos fomentam amorosidade.

⁴⁵Mateus 5:5.

Obsessão na infância e na adolescência

Os pais de Vinicius são espíritas e se dedicam juntos à tarefa de dar passes no Centro que freqüentam há seis anos. Começaram a notar que o filho de cinco anos poderia estar sofrendo algum tipo de influência espiritual quando ele apresentou os seguintes sintomas: sono agitado, choro sem causa aparente, medo fóbico, dores imaginárias, agressividade para com os familiares e verbalização de palavras incomuns ao seu vocabulário.

Mesmo desconfiados de que poderia ser obsessão levaram-no a conhecido médico da família que, após solicitar alguns exames rotineiros, aconselhou aos pais que procurassem auxílio psicológico. E assim eles fizeram. Consultaram simultaneamente o profissional recomendado pelo médico e procuraram o setor de entrevistas do Centro para encaminhamento do problema.

O profissional, após conversas com os pais e depois com a criança, notou que havia ansiedade e estresse no comportamento dela e iniciou seu trabalho técnico com sessões duas vezes por semana.

O Centro Espírita recomendou que a criança iniciasse uma série de dez sessões de passes e que os pais procurassem conversar com ela de forma a deixá-la tranqüila e segura. Recomen-

daram que fizessem a leitura do Evangelho no quarto da criança e que, após dormisse, orassem junto a seu leito, transmitindo-lhe confiança e paz.

Após essas providências notaram que, gradativamente, a criança foi voltando ao normal e os sintomas foram desaparecendo. Acharam, provavelmente com razão, que a melhora da criança se deveu à conjugação entre o tratamento psicológico e o espiritual.



De que forma pode haver obsessão numa criança na primeira ou segunda infância se não se pode notar qualquer sinal de má conduta que a motive? A resposta está nas matrizes psicológicas do inconsciente passado. Lá no perispírito se encontram gravados os registros de suas encarnações, os quais atraem espíritos que lhe estão vinculados emocionalmente.

Quando ela ocorre na infância, significa que aquele espírito encarnado foi, de alguma maneira, localizado pelos seus algozes e o processo que motiva a obsessão se encontra muito próximo da consciência. Requer cuidado adicional dos pais, haja vista a inconsciência da criança quanto ao que lhe ocorre.

Independente do tratamento médico, psicológico e espiritual que o problema pode requerer, devem os pais trabalhar na consciência da criança ensinando-lhe a respeito do valor do perdão e da necessidade dela aprender a amar.

Durante o sono o inconsciente está mais acessível por parte do espírito, visto que a barreira do corpo lhe é suprimida. No momento em que a criança dorme, os pais, ao orarem por ela, proporcionarão que receba vibrações, as quais lhe serão favoráveis nos processos aversivos em que estiver envolvida.

Mesmo estando num corpo infantil, o espírito estará sujeito às contingências obsessivas que porventura ocorram, mas contará com a ajuda de benfeitores espirituais e de seus pais a fim diminuir o impacto em sua nova personalidade.

A cada encarnação o espírito estrutura uma nova personalidade, pois um novo *ego* se formou. Com a morte do corpo ele assumirá, por sua vez, outra personalidade. Cada personalidade é fruto de uma época e um meio típico, porém ela receberá as contribuições de suas personalidades anteriores. O Espírito é o mesmo, mas a forma como se apresenta ao mundo, influenciado principalmente pelas *personas* de vidas passadas, variará a cada período no qual esteja vinculado a um corpo.

As obsessões que ocorrem na adolescência, via de regra, apresentam as mesmas características da infância, pois o indivíduo se apresenta com o mesmo medo e inconsciência do que lhe ocorre.

Fundamental nas obsessões em crianças e adolescentes é favorecer a estruturação de um *ego* forte e amoroso.



É pouco comum encontrar crianças obsedadas. Parece haver algum tipo de proteção que as cerca, de tal forma, que a ação de espíritos desencarnados sobre elas é muito pouco observada. Ou elas gozam de alguma proteção espiritual ou o amor que lhes é dedicado pelos pais consegue neutralizar a ação maléfica que porventura se faça contra elas.

Os sinais mais evidentes daquela influência, quando ocorre, são: sono agitado, agressividade, comportamentos estereotipados, doenças psicossomáticas, medo sem causa aparente seguido da exigência intensa da presença materna ou paterna, choro constante, fala desconexa com falha no curso do pensamento, etc. Alguns desses sintomas isolados podem ocorrer em função de problemas orgânicos, o que deve levar os pais, em todos os casos, à busca de orientação profissional.

Na adolescência é mais comum a obsessão simples, pois é a fase da auto-afirmação e da tendência à transgressão. O adolescente é mais suscetível que a criança, não só em face da

vulnerabilidade maior ao livre arbítrio, como também da maior exposição às influências de seu grupo social. O desejo de experimentar o proibido, bem como a maior lembrança de seu passado reencarnatório, o colocam como alvo fácil à obsessão simples.

Tanto em crianças como em adolescentes a terapia mais recomendada é o tratamento de passes. Em alguns casos deve-se levar a criança a tratamento psicológico. Nos adolescentes geralmente o tratamento psicológico é sempre bem vindo.



A adolescência é o período onde ocorrem grandes transformações hormonais e emocionais. Nela o espírito dá seus primeiros passos para consolidar sua personalidade. Deseja ele intensamente sua autonomia e o estabelecimento de sua identidade que cada vez mais quer que seja diferente da de seus pais. Nem sempre seus desejos de autodeterminação se realizam devido a fatores que lhes fogem à compreensão. Via de regra ele não está atento às injunções *cármicas*.

Na infância a agressividade é mais rara, porém, quando ocorre, costuma vir associada a outros fatores. Um deles é a ansiedade e o outro é a hiperatividade. A criança agressiva muitas vezes quer demonstrar sua insatisfação com alguma coisa que lhe pode ser inconsciente. Às vezes, também pode querer chamar a atenção para o descaso dos adultos quanto a ela.

No adolescente também pode estar associado ao uso de drogas ou mesmo à ausência paterna. A insatisfação do adolescente também pode decorrer de certos *complexos* típicos da fase. A insatisfação com o corpo e a dificuldade em lidar com os desafios de inserção num grupo podem ser motivos da agressividade.

Em alguns casos pode-se observar, pela força física de alguns jovens, agressividade além de limites toleráveis quando eles partem para a agressão física. Nesses casos a família deve buscar ajuda especializada para evitar que alguém, por medo ou pena,

venha a sofrer graves danos a si mesmo. A passividade nos casos de agressão física pode significar um estímulo à coerção pretendida.

Necessário que, tanto com a criança quanto com o adolescente, se busque o diálogo sem entrar na mesma energia de raiva que costuma aparecer quando o que se quer é a paz. Deve-se estar atento às influências obsessivas neste período, no qual o espírito já é senhor de seu corpo. Embora ainda não seja adulto, já tem a encarnação fisicamente completada.



É de bom alvitre, quando se observarem sinais ostensivos de mediunidade antes da adolescência, que eles não sejam estimulados, isto é, que a criança não seja levada à prática ou ao exercício da faculdade que porventura apresente. Quando se observarem tais fenômenos, deve-se tratá-los naturalmente para que não desperte a criança precocemente para algo que lhe pode ser prejudicial.

A mediunidade é uma faculdade natural e pode ser exercida no ambiente do lar. Nada impede que em família se possa exercer o contato com os espíritos desencarnados, seja para alguma orientação a eles ou, ao contrário, para lhes receber auxílio. Porém, é necessário que as pessoas que assim agirem tenham conhecimento a respeito da prática mediúnica, consoante os ensinamentos e advertências de Allan Kardec, expressos em ‘O Livro dos Médiuns’.

Muitos que se iniciaram na prática mediúnica em casa acabaram por prejudicar o ambiente doméstico com interferências indevidas de desencarnados nas relações entre familiares.



“Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não holocaustos, não teríeis condenado a inocentes.”⁴⁶

Devemos atentar para a afirmação do Cristo quanto a querer a misericórdia. Parece-me que ele faz a opção por ela em lugar da punição, contrariando o pensamento corrente do efeito igual à causa.

A forma educativa precípua de que se utiliza Deus para fazer evoluir a criatura é o amor seguido da misericórdia. As expiações são medidas extremas nos casos onde o amor não atingiu aquele que desconhece sua eficácia. Mesmo que o ser humano persista em seu equívoco por ignorância, a misericórdia atuará e, conseqüentemente, os efeitos que porventura venha a sentir em si como forma educativa, serão mais atenuados que as causas que os geraram.

Crianças que apresentam sinais precoces de obsessão são espíritos que conservam equívocos do passado cujas conseqüências são logo vistas para a necessária correção. Apresentam-nos cedo para que logo deles se livrem e possam ter uma encarnação menos problemática.

O Cristo acena sempre com a misericórdia e o amor a todos que deles se afastaram.

⁴⁶Mateus 12:7.

Idosos na família

Ronaldo e Célia têm mais de setenta anos. Tiveram sete filhos e os educaram dentro dos princípios cristãos, nos os quais pautaram suas vidas. Ambos gozam de boa saúde, muito embora tomem alguns remédios típicos da idade.

Ela sempre trabalhou em casa e ele se aposentou aos sessenta e seis anos, após trabalhar por trinta e cinco anos como gerente de um depósito de cereais. Nunca foram pobres nem ricos. Sempre viveram de suas economias.

Os filhos cresceram e cada um tomou seu rumo, exceto uma das filhas que voltou para casa com dois filhos, por ter se separado e não ter como se manter sozinha.

Seus pais se viram na contingência de acolher a filha e os netos. Muito embora a casa comportasse todo mundo, as economias domésticas não eram suficientes para cobrir as novas despesas.

Os outros filhos, nos finais de semana, visitavam os pais e traziam a prole enchendo mais ainda a casa. Ronaldo e Célia tinham o maior prazer em acolher todos os filhos e netos, mas não estavam suportando as despesas e o trabalho que tinham com arrumação, limpeza e as traquinagens dos pequenos.

Não sabiam como colocar para os filhos a situação. Dos sete filhos, duas eram mulheres que, acostumadas ao hábito mater-

no de ir para a cozinha, pouco ajudavam. As noras, sob pretexto de não invadirem o espaço da sogra, também não colaboravam muito. As queixas se limitavam de um para o outro.

Muitas vezes ele reclamava com ela pelo fato dos filhos não lhe darem atenção. Dizia que eles só se preocupavam com o que comer. Às vezes, fingia que não estava se sentindo bem para que os filhos não fossem e poupassem a mulher de tanto trabalho. Sentia-se relegado ao abandono pelos filhos, mesmo lhes recebendo visitas semanais.



A *psiquê* do idoso se encontra num nível de saturação psíquica que necessita de alívio constante por parte daqueles que lhes assistem. Os processos psicológicos em que se envolveu durante sua encarnação, os quais geraram repressões e tensões dos mais diversos tipos, sobrecarregaram a *psiquê*, que precisa de tranquilidade e descanso para suportar uma desencarnação o menos traumática possível, do ponto de vista psicológico.

O *ego* se encontra de tal forma enrijecido em seus procedimentos e padrões cristalizados ao longo da vida, que se torna quase impossível qualquer mudança ou transformação efetiva.

A *psiquê*, por se encontrar sintonizada com o corpo, acomoda-se à espera da desagregação celular como um alívio para seu cansaço mental. Sua criatividade será exceção, tendo em vista o domínio que certas preocupações passam a ter na consciência. Na maioria dos idosos a melancolia, as mágoas, as queixas e lamentações impedem o livre exercício do ato de pensar.

Tornam-se prisioneiros de seu passado, que se configura como um *complexo*, o qual rouba energia da consciência. Vive envolvido em suas lembranças tendo em vista o desinteresse pelo momento que vive e pelo pouco caso que as pessoas demonstram, na maioria das vezes, para com eles. A *sombra*, via de regra, poderá ser adequadamente assumida, caso uma de suas *personas* não lhe tenha tomado demasiadamente a consciência.

Para que a velhice não lhe venha a ser um peso e a consciência não se sobrecarregue com preocupações desnecessárias, devem os filhos assumir o lugar de pai e mãe deles, quando necessitem, provendo-lhes do melhor que puderem.



Ao chegar à idade do corpo físico na qual o espírito se considera e é chamado de idoso, ele se coloca geralmente numa postura de quem pretende ser atendido em suas necessidades e reconhecido em seus valores. Nem sempre isso ocorre em família, pois geralmente cada pessoa está preocupada consigo e com seu próprio futuro. A maioria acha que o idoso já viveu o que tinha que viver. Às vezes, pode-se encontrar filhos que desprezam seus pais quando eles alcançam aquele estágio de vida.

O reconhecimento que se pode atribuir ao idoso geralmente é deslocado para seus filhos ou seus descendentes. Ele geralmente é relegado a um plano no qual não restam alternativas senão esperar a morte.

Pelo acúmulo de conteúdos inconscientes o idoso é alguém que geralmente possui muito a desabafar. Nem sempre porém ele encontra interlocutor. Por esse motivo prefere, às vezes, falar sozinho ou viver de suas recordações.

A família deve ter um cuidado especial quanto ao idoso. Abandoná-lo ou colocá-lo num asilo quando se possa cuidar dele é faltar com a caridade.

Nossos pais idosos são espelhos de nosso futuro. Merecem, mesmo que não tenham conseguido corresponder a isso, todo nosso respeito e cuidados possíveis.

Trata-se de um espírito que está na iminência de retornar à sua verdadeira morada e necessita, para isso, de tranquilidade e paz. Quanto mais favorecermos seu estado psíquico de tranquilidade e harmonia, melhor será para ele seu retorno e para os que ficaram. Seu bom estado na idade de idoso como também após

seu desencarne permitirá a emanção de vibrações benéficas a todos no ambiente da casa.

Os cuidados que um idoso requer, os quais de certa forma podem parecer penosos para alguns, possibilitam a quem lhe é responsável o exercício da paciência e da tolerância. Mesmo que o idoso seja mal agradecido, não reconhecendo o que façam, valem a pena os esforços em lhe dispensar cuidados.

Devem os filhos tudo fazer para tornar a vida do idoso mais agradável, proporcionando-lhe satisfação e alegrias para que cumpra sua encarnação e o que lhe resta dela sem tristezas ou depressões. Os filhos têm o dever de amparar seus pais na velhice sem lhes cobrar nada, mesmo que não tenham sido bons pais.



A terceira idade é assim chamada quando as pessoas ultrapassam aproximadamente os sessenta e cinco anos e já não têm os mesmos compromissos típicos das idades anteriores, como: trabalho, educação de filhos, busca de identidade pessoal, dentre outros. Geralmente estão buscando usufruir o que conquistaram até então.

Não raro, encontramos casais, os quais com o passar dos anos de convivência, apresentam uma certa hostilidade incompreensível para aqueles que não lhes conhecem a intimidade. Mágoas e raivas acumuladas por muitos anos, em dado período afloram, como se toda a vida do casal tivesse aquele formato contencioso. Parece que todas as insatisfações da vida são descarregadas no outro.

Evitam-se, não se cumprimentam ou o fazem friamente, dormem em camas ou quartos separados, falam mal um do outro para terceiros, reprisam antigas acusações, guardam velhas mágoas, acreditam que o outro o controla, culpam um ao outro pelos insucessos dos filhos, descarregam a *sombra* pessoal no outro, enfim: o outro é seu inferno e sua desdita. Muitas vezes as

causas se somam e não se devem apenas a um fato isolado. Uma ocorrência pode ser apenas a gota d' água. Às vezes, o casal envolve os filhos na contenda buscando, um e outro, aliados em suas reclamações para fazer valer as alegações contra o cônjuge.

Às vezes, os filhos não sabem o que fazer. Tentam contemporarizar para evitar um mal maior. Seus pais se odeiam e eles não sabem como agir. Por vezes, inadequadamente, evitam até a visita à casa dos pais para não presenciar brigas ou ouvir lamentações repetitivas que já não suportam mais.

Quando são espíritas pensam em obsessão. Outros pensam que é esclerose, buscando, quando não esquecem os pais, na maioria dos casos, auxílio médico e espiritual. A terceira idade, que deveria ser a melhor idade, torna-se o pior da idade.



Muitos filhos não têm paciência com seus pais idosos. Achrom que a conversa deles não é mais agradável e que não vivem mais a realidade. Dizem que o tempo deles já passou. Não lhes dão ouvidos às ponderações por achá-las ultrapassadas. Nem sempre lhes abraçam ou beijam-lhes em cumprimento ou em momentos diários.

Talvez achem que eles não precisam de carinho ou atenção. Quando adoecem deixam que apenas um dos filhos, aquele que 'tem mais jeito', tome conta. Nem sempre querem levá-lo ao médico. Dizem que não têm tempo, pois são muito ocupados.

Pobres pais cujos filhos não lhes dão atenção nem lhes retribuem o que receberam na vida. Pobres filhos que assim agem.

Tolerância, paciência e amor, eis o que precisa o idoso, assim como qualquer ser humano.



“Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.”⁴⁷

Ao proferir essas palavras o Cristo demonstrava ter consciência plena de suas responsabilidades e de sua missão entre aquelas pessoas. Sua sabedoria transcendia o lugar comum daqueles que ali estavam lhe ouvindo. Era Mestre e obteve respeito dos outros pelo que falava e fazia.

Aquele respeito obteve por si mesmo, pelo que era e por sua vida, embora jovem, dedicada ao trabalho e à pregação das leis de Deus.

Os mais velhos, não só pelos cabelos brancos, mas pela experiência de vida e pela proximidade da morte, possuem natural sabedoria. Merecem sempre respeito.

Nossos pais merecem respeito pelo exercício do viver, pelo amor que dedicam a seus filhos, pelo silêncio que sabem fazer, pela renúncia de que são e foram capazes e pela alegria íntima que sentem quando vêem seus filhos felizes.

Quando, porventura, aqueles que entrarem numa família, no papel de enteado, genro, nora, cunhado ou outro qualquer, e participem de sua convivência, é de bom alvitre que lhe respeite as opiniões, não apontando qualquer defeito. O novo integrante que chega deve respeitar quem lutou e trabalhou pela existência daquela família.

Todos que se sintam com autoridade e com conhecimentos além daqueles que a maioria possui, têm o dever de demonstrá-los nas atitudes e na humildade no convívio. Quem sabe mais deve tolerar quem sabe menos. Quem ama mais deve perdoar quem ama menos.

O idoso merece, quando seu momento chegar, a melhor desencarnação possível. E nunca a deve ter antecipada sob pretexto algum.

⁴⁷ Lucas 4:21.

Adoção

Lívia é uma criança muito ativa e cativante. Tem o hábito de prestar a atenção às pessoas a sua volta e conversar naturalmente com elas, mesmo que sejam estranhas. Caso alguém a abraçe ela retribui afetosamente. Tem oito anos e mora com os pais adotivos. Eles têm mais três filhas adolescentes. Ela foi adotada com três meses quando a irmã da mãe adotiva, desequilibrada mentalmente, recusou-se a cuidar da criança em pleno surto psicótico. A criança nasceu prematuramente no hospital psiquiátrico onde a mãe era interna até antes de morrer, quando a filha, a quem ela não amamentou nem cuidou, fez um ano de idade. Condoída, a mãe adotiva tomou-a legalmente para morar com ela.

Facilmente a criança foi aceita na família, inclusive por insistência do pai adotivo e da filha mais nova. Quando a criança, aos sete anos se tornou voluntariosa e desobediente, o pai ameaçou entregá-la ao Juizado de Menores e a filha mais velha do casal começou a hostilizá-la ostensivamente. A mãe, que amava muito a criança, ficou sem saber o que fazer, pois não havia a possibilidade de a ‘devolver’ como se fosse um objeto defeituoso.

A situação complicou-se quando, aos oito anos, a criança, provavelmente por processos não resolvidos em vidas passadas, passou a reagir agressivamente àqueles que não mais lhe toleravam.

A mãe adotiva era a única a defendê-la e a tentar diminuir o impacto que as brigas e discussões provocariam na personali-

de dela. Embora não se arrependesse de estar com a criança, muitas vezes desejou que sua mãe não a tivesse tido, mas, agora, era tarde. Tinha de levar adiante sua missão. Amava a criança como se sua filha fosse e tudo faria pela sua vida.

Um dia, quando a criança, por estar doente, dormia no quarto do casal, num colchão ao lado da cama dos pais, teve um sonho no qual falava sobre seu pai adotivo. Durante o sono a criança falou alto e acordou os pais. Disse ela: – Meu pai, não me deixe ir embora, eu amo tanto você. – Após essa fala voltou a dormir. Esse episódio comoveu muito seu pai. Pela manhã, ao acordar, a criança não estava bem. Apresentava sinais de cansaço, respiração ofegante e taquicardia. Levada ao médico pelos pais, ficou em repouso e observação no hospital para exames mais apurados. Em princípio era apenas uma ‘vírose’.

Após o restabelecimento da criança, a qual hoje tem doze anos, a vida na casa voltou à normalidade, muito embora a criança ainda apresente uma certa inquietação.



A *psiquê* humana contém *arquétipos* que direcionam a vontade do Espírito e suas atitudes para com o mundo interno e externo. Um dos mais importantes *arquétipos* é o materno, que capacita o indivíduo a exercer atitudes que dizem respeito à manutenção, nutrição e acolhimento, típicas da maternidade.

Quando uma criança nasce sem o direito natural de conviver, por qualquer motivo, com seus pais, ela sentirá a vontade de preencher a necessidade de projetar em alguém seus modelos ideais. Sentirá sempre o desejo não satisfeito de conhecer seus pais biológicos, como se algo lhe faltasse. Os pais biológicos são suas raízes físicas, as quais correspondem, no psiquismo, ao *arquétipo* materno.

O *ego*, que se estrutura afetivamente no contato materno, quando este não ocorre, sentir-se-á sem bases apropriadas para

o convívio afetivo pleno. O *arquetipo materno* encontrará uma imagem parcial naquela que ocupar o lugar de mãe. O adotado estrutura-se em torno de uma falta primordial, a rejeição primária que alcança a criança antes mesmo da formação do *ego*. Sua personalidade se desenvolve em torno dessa ‘ferida’ central, que não deve ser desconsiderada. O adotado traz a marca precocemente impressa em seu psiquismo de aversão a si mesmo. Este padrão, se não transformado, poderá desencadear futuros comportamentos autopunitivos e a não aceitação de si mesmo. Apresentará tendências a acumular insatisfações e a rejeitar sua forma de ser sem motivos pessoais para tanto, mas como reflexos da ferida estrutural abrigada na *psiquê*.

Quando os pais, por algum motivo, escondem dos filhos adotivos essa condição, na tentativa de lhes poupar o sofrimento ao saber da indiferença de sua mãe biológica, promovem maior mal estar no momento em que eles alcançam a verdade na vida adulta.

Melhor é preparar a criança logo cedo para que encontre mais possibilidades de transferir adequadamente o desejo *arquetípico* ao longo da vida. As primeiras informações sobre sua adoção devem ser dadas a partir de quatro anos de idade. Caso os pais não tenham habilidade para fazê-lo, devem buscar ajuda profissional.



A adoção é sempre um ato de amor. Adotar uma criança é abrigar um espírito que conquistou o coração de quem o faz. Ser mãe ou pai adotivo é sê-lo duas vezes.

A adoção se reveste de características especiais quando ocorre por uma imposição das circunstâncias alheias ao desejo dos pais adotivos. Muitas vezes se dá em função da impossibilidade dos pais biológicos de assumirem a criança. Seja por doença deles, por desencarnação ou outro motivo de força maior, a

criança passa a ser criada por familiares ou estranhos. Nesses casos a adoção se torna um fator complexo na vida dos pais e da criança e geralmente promovendo seqüelas na adolescência do adotado.

Quando a adoção é espontânea, isto é, os pais realmente desejam-na e vão em busca de uma criança com a qual simpatizam, as seqüelas são menores. O desejo de adotar parte dos pais e não ocorre por força de contingências externas.

Os pais adotivos devem, logo após a primeira infância, colocar para seus filhos a forma e o motivo pelo qual eles foram adotados, a fim de reduzir o impacto futuro da perda dos pais biológicos. Na hipótese dos pais biológicos terem sido irresponsáveis e abandonado a criança, os pais adotivos devem amenizar para ela as circunstâncias a fim de que não exponham o caráter deles. Aquela irresponsabilidade pode chocar a criança permitindo que ela transfira isso para sua vida emocional.

Quando os pais adotivos conhecem e sabem como localizar os pais biológicos, devem favorecer em alguma época o reencontro deles com a criança. Se possível isso deve ocorrer até o início da adolescência. Mágoas devem ser curadas e raivas trabalhadas para que a felicidade possa reinar entre todos.

A convivência do filho adotado com os filhos biológicos de um casal nem sempre é harmônica. Muitas vezes os próprios pais adotivos promovem a diferença no tratamento. Essa diferença no tratamento, às vezes, é feita de forma inconsciente quando a adoção foi motivada por circunstâncias alheias ao coração de quem adotou. Na maioria dos casos, os pais adotivos, principalmente a mãe, não permitem que a criança se aproxime dos pais biológicos. Não só temem algum dano à criança, como também reações inconseqüentes por parte dos pais biológicos em querer reavê-la.

O adotado geralmente vai querer saber, preferencialmente da própria mãe ou pai biológico, os motivos pelos quais ele foi ‘abandonado’. Quando os pais adotivos não colocarem razões

plausíveis para os pais biológicos o terem ‘abandonado’, ele poderá adquirir um sentimento de mágoa para com eles. Em sua consciência vai sempre ficar a pergunta: por que eu não mereci ter pais verdadeiros?

Entre órfãos e respectivos pais adotivos há um compromisso *cármico* que os vinculam. Eles se atraem por força do passado que sempre nos convida ao aprendizado.



*“Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.”*⁴⁸

O Cristo inicialmente não queria atender a uma mulher que insistia para que ele curasse sua filha e ele lhe dizia que primeiro cuidaria dos seus. Ele lhe disse que veio para os necessitados de Israel. Provavelmente queria ele testar a fé daquela mulher e mostrar que aquilo que se quer deve-se buscar com determinação. Atendeu-a como a todos que o buscavam.

Quantas pessoas que não podem ter filhos e desistem por achar que não serão capazes de suportar um tratamento, por vergonha de admitir suas dificuldades biológicas ou por comodismo. Dispensam a busca pela maternidade e paternidade como se estivessem recebendo um castigo de Deus. A dificuldade existe para ser vencida, pois é na tentativa de superação que o espírito irá aprender o que a vida quis lhe ensinar com aquela impossibilidade física.

Mesmo que não consigam ter filhos biológicos, poderá tê-los pela adoção. Os pais de adotados o são duas vezes, pois colocam no coração o filho que não geraram. A adoção não deve ser utilizada como justificativa para culpas que porventura existam na consciência dos pais. Deve ser sempre um ato maduro e consciente. O amor deve sempre falar mais alto.

⁴⁸ Mateus 15:24.

Dizer que veio para as ovelhas perdidas de Israel pode significar que devemos atender primeiramente aqueles que mais precisam, pois a caridade para com os seus é fortalecimento de vínculo familiar. A caridade para com o próximo desconhecido e carente é amor à humanidade.

Adotar parentes é um ato de solidariedade, porém quando o adotado é um estranho, torna-se puro amor. Algumas pessoas passam a tomar conta de sobrinhos, filhos de parentes próximos ou de agregados. Isso é um ato de caridade e deve ser feito sempre que necessário. A adoção a que nos referimos aqui, de acordo com o entendimento das palavras do Cristo, é aquela em que abrimos o coração para o amor àqueles que estão desamparados no mundo.

Auto-imagem e auto-estima.

Timidez

Rafael era uma criança alegre até os seis anos. Até essa idade sua infância se revelou absolutamente normal. Um dia, após voltar do hospital onde era enfermeira, sua mãe notou que ele estava muito quieto em seu quarto. Foi até lá e percebeu que estava deitado olhando para o teto. Perguntou ao filho o que ele estava fazendo e ele se limitou a responder monossilabicamente algo ininteligível para ela.

Como estivesse cansada e achando que não havia nada sério com seu filho, foi cuidar de outras tarefas em casa. No íntimo achou que algo com ele não estava bem. No dia seguinte, como de costume, saiu para trabalhar e deixou seu filho dormindo, pois era o pai quem o acordava para ir à escola. Na escola, seu comportamento não foi considerado anormal pelos professores.

À noite, novamente vê o filho no mesmo mutismo e resolve tomar uma providência. Chama o marido e se põem a conversar com ele que lhes responde as perguntas num misto de medo, ansiedade e ausência da realidade.

Durante a conversa com os pais o pequeno Rafael adormece deixando-os, principalmente a mãe, extremamente preocupados. Ela não vai ao trabalho no dia seguinte e leva a criança ao

médico que o encaminha a um especialista, o qual diagnostica mutismo seletivo com indícios de esquizofrenia.

Rafael permanece até hoje com seu comportamento arre-dio e de pouca sociabilidade, revelando-se uma pessoa medrosa e retraída socialmente. Seu desenvolvimento intelectual foi normal chegando a formar-se em analista de sistemas e a trabalhar.

Em sua família não há registros de casos de doença mental ou de pessoas que tenham apresentado sintomas semelhantes ao dele. Na análise de seu psiquiatra, o comportamento pouco afetivo e retraído de seu pai foi desencadeador dos processos de Rafael.



O ser humano nasceu para relacionar-se afetivamente. A vida isolada é uma ‘invenção’ moderna e uma válvula de escape àqueles que tentam se libertar da dificuldade em dividir tempo e espaço com alguém.

Quando ele apresenta uma personalidade com dificuldades em estabelecer relações afetivas certamente é por conta de um *ego* inseguro e imaturo para doar-se. Afetividade implica em doação e entrega.

A afetividade implica numa relação de troca com o outro, quer seja amorosa, sexual ou apenas fraternal. Quando não se consegue uma relação afetiva no campo amoroso e fraternal descamba-se para a relação puramente sexual. Esta última, quando alienada do sentimento, sempre implica num envolvimento pobre e que não leva ao crescimento.

A relação afetiva deve se dar em todos os níveis, com todas as pessoas, independente de sexo, idade ou qualquer outra discriminação. É essencial a todo ser humano estabelecer relações afetivas que propiciem crescimento a si e àquele com quem se relacione.

A *psiquê* humana grava em seus arquivos de memória aquilo que ocorre à sua volta, tornando mais acessível ao *ego* àquele

conteúdo ao qual foi dado maior quantidade de energia afetiva. O que foi vivido com emoção intensa terá prevalência sobre os demais conteúdos absorvidos pela consciência.

O que deu entrada na mente humana pelo intelecto, tem menor carga de energia do que aquilo que foi experienciado emocionalmente. O que penetra no psiquismo humano por qualquer via se conecta no inconsciente a conteúdos que a eles se assemelham.

A mente que se estrutura sem afetividade necessitará de doses maiores desta para que se habilite a adquiri-la. Deverá receber estímulos afetivos em sua vida de tal forma que dê continuidade a eles. Traumas desta ou de outras vidas, decorrentes de experiências amorosas mal sucedidas, podem provocar o retraimento e o medo de vivê-las novamente.



Algumas pessoas naturalmente se sentem inferiores. Tal sentimento nem sempre decorre de influências maternas ou paternas, tampouco vem de experiências traumáticas ou de exposição em alguma situação ao ridículo. Trazem na alma a marca da tristeza ou da falta de esperança. Desacreditam de si mesmas. Têm medo do novo e não crêem que serão bem sucedidas no que fazem. Vêm antecipadamente a derrota, atribuindo aos obstáculos valores superlativos. Muitas vezes se alegram quando encontram uma desculpa para não ir adiante no que pretendem realizar. Sentem uma satisfação íntima quando um obstáculo surge, que possa servir de justificativa para sua derrota.

Pode-se encontrar tais características em crianças ou em adolescentes, sem que se consiga que eles adquiram coragem para expressar o que sentem. Não conseguem ou não sabem admitir que têm aquelas características.

Costumam acreditar que são inferiores, socialmente, intelectualmente ou esteticamente, aos outros. Passam a se cobrar em comparação a uma imagem idealizada de si mesmos. Essa

cobrança demonstra um grau de exigência pessoal maior do que podem corresponder. Muitas vezes, essa percepção equivocada de si mesmos é estimuladora da depressão.

Procuram compensar sua auto-estima baixa com comportamentos superficiais que os levam ao consumismo ou a uma estética corporal coletiva, distanciando-os do verdadeiro significado da própria vida. Passam a viver o que dita a sociedade, esquecidos do encontro consigo mesmos.

A auto-estima baixa produz a inveja, o ciúme e outros mecanismos de defesa que impedem a auto-percepção.

Alguns que assim se colocam diante da vida já vêm de encarnações nas quais tiveram suas expectativas de realização frustradas. São reincidentes no pessimismo. Necessitam de pequenas vitórias para adquirirem confiança em si mesmas. Precisam acreditar que são capazes de realizar alguma coisa de útil para suas vidas. Os pais devem estimulá-los quando alcancem pequenas vitórias do cotidiano. Um sucesso escolar, por exemplo, deve, por esse motivo, ser alvo de comemoração e valorização por parte dos pais.



Não é raro encontrar crianças e adolescentes tímidos. Eles adotam uma postura retraída, falam pouco, se envolvem menos ainda no que está a sua volta, vivendo num mundo próprio a que ninguém tenha acesso. Preocupam seus pais, pois desconhecem o que efetivamente se passa, temendo eles pelo futuro dos filhos.

Em parte a timidez decorre de um lado pela necessidade de enfrentar o mundo adulto e por outro pelo receio de ser negado. A criança tímida nem sempre promoverá um adulto tímido. Fatores outros, tais como uma experiência bem sucedida, poderão modificar a atitude da criança perante o mundo.

Fundamental é entender que a criança tem um olhar sobre o mundo a partir de valores oriundos de sua educação, como

também pelas experiências, traumáticas ou não, que viveu na atual ou em outras existências.

É necessário entender o ritmo de cada ser para compreendê-lo e melhor ajudá-lo.

A timidez será patológica quando associada a outros comportamentos que denotam a incapacidade para a socialização. Quando uma criança demonstra evitar contato com outras e quando provocada continua a se retrair, é sinal de que os pais devem investigar os motivos que a levam a esse comportamento.

Quando o adolescente é tímido e não tem amigos devem os pais verificar, com cautela, as causas e os fatores que interferem na sua atitude medrosa diante do mundo. Geralmente quando os pais tentam entrar no mundo do adolescente sem o devido cuidado, são tomados como invasores da privacidade deles.

A melhor tática é respeitar seu comportamento, aliar-se a eles, procurar sentir o que eles sentem, facilitar a transição da adolescência, aproximar-se solidariamente, dialogar sem cobranças, perceber o gosto preferencial, estimular as habilidades perceptíveis, buscar expor a própria vida tornando-os amigos, vendo-os como pessoas.



Não é incomum encontrarmos crianças que demonstram medo diante de situações simples. Apresentam sintomas como: receio diante de adultos estranhos, medo de ficarem sós, dificuldade em dormir sozinhas, medo de escuro, sono agitado, dentre outros. Estão sempre recorrendo a seus pais, principalmente à mãe, geralmente durante a noite, a fim de se proteger do que consideram uma ameaça a si mesmas.

Apresentam uma personalidade retraída em relação ao mundo. Não costumam tomar iniciativa e dependem de influência de terceiros para realizarem seu próprio destino. Em geral se protegem ao lado da mãe tendo dificuldade de sair de casa na vida

adulta. Muitas vezes não se casam e servem de companhia aos pais na velhice, quando não se tornam psicóticos crônicos.

Nem sempre esses medos são decorrentes de fatos concretos. São crianças medrosas porque já nascem assim. Trazem na personalidade o medo impregnado como se vivessem na iminência de serem atingidas por algo muito intenso.

Em geral são melancólicas e reagem muito timidamente quando são provocadas. Preocupam os pais pela falta de iniciativa e de sentido próprio para viver.

Geralmente se dão bem nos estudos, mas não conseguem fazer do aprendizado escolar instrumento para o sucesso pessoal. Nem sempre conseguem se relacionar amorosamente em face do medo de não serem aceitas ou de não corresponder às exigências do outro.

Merecem, desde a infância, estímulo especial para que não cheguem na vida adulta desestimuladas e passivas diante da Vida.



“Por que sois tímidos, homens de pequena fé?”⁴⁹

O Cristo nos alerta quanto à falta de confiança em nós mesmos e na pequena fé que muitas vezes nos acomete. Somos estimulados por ele à percepção da capacidade individual de realizar o que queremos como também aquilo que o mundo nos exige. Ele lança um desafio ao ser humano ao lhe questionar a timidez diante de obstáculos. Atinge o medo de correr risco, de errar. Pretende dizer que cada um de nós tem o potencial e a capacidade de aprender a fazer as coisas. Ninguém é destituído de inteligência e de criatividade diante de obstáculos a serem superados.

É preciso que aprendamos a correr riscos e a saber que os equívocos que cometemos quando fazemos as coisas nos levam

⁴⁹ Mateus 8:26.

ao aprendizado e aqueles que cometemos por não fazermos nada não proporcionam o conhecimento de uma nova maneira de fazer o que deveríamos.

O ser humano geralmente tem pouca fé diante das coisas espirituais. Ele costuma achar que pode não ser como ele imagina. Não se arrisca a pensar da forma como sua intuição lhe manda. Quando o faz, descobre maravilhas que Deus reserva ao seu futuro.

Relações amorosas conflituosas na adolescência

Rosana é uma adolescente típica da classe média. Gosta de ir ao shopping, ao cinema, de conversar ao telefone com as amigas, de estudar em casa de colegas, de roupas típicas da moda. Seus quinze anos foram comemorados com muita festa e presentes e fez questão de saber quem lhe deu cada um. A festa foi num clube de sua cidade e contou com mais de duzentos convidados.

Embora goste muito de estudar e não negligencie suas tarefas escolares, Rosana, por vezes, sente dificuldade em se concentrar nos estudos. Tem três meses que começou a gostar de um rapaz e há um mês iniciaram um namoro, consentido por seus pais, os quais lhe transmitem muita segurança e confiança em sua responsabilidade para assumir uma relação madura.

O namorado dela é um colega de escola que, um ano mais velho, também está namorando pela primeira vez. Ambos são inseguros quanto a como proceder na relação. Ela parece gostar mais dele que ele dela. Exige-lhe mais atenção e que lhe telefone todos os dias. Quer saber tudo que faz e por que faz. Sente ciúmes de suas amigas e, por receio de mostrar suas falhas, não conta para elas como é sua relação com ele.

Seu relacionamento não é discutido com ninguém, nem mesmo com a mãe que não se cansa de perguntar sobre o assunto. Isolada das amigas e com o distanciamento que passou a ter da mãe, iniciaram-se os problemas com os estudos. Não conseguia dar conta de suas tarefas diárias e, nas vésperas de prova, passou a ficar muito tensa e nervosa. O resultado foi a queda no rendimento escolar.

Seus pais, percebendo a mudança no comportamento da filha, intervieram, através do diálogo, mas Rosane reagia como se recebesse críticas. As discussões entre ela e os pais passaram a ser freqüentes e calorosas, culminando com a proibição do namoro. Aos quinze anos e meio Rosana se sentia a pessoa mais infeliz do mundo, por não saber como conduzir sua vida emocional. Sua relação com seus pais tornou-se ruim e os diálogos, antes tão amistosos, rarearam até acabar.

O namoro não foi em frente em face da infelicidade que ela sentia. Quis levá-lo adiante para contrariar os pais e mostrar que ela era capaz e que tinha razão no que falava e queria. Mas o rapaz, percebendo a tristeza e choros constantes nela, propôs que terminassem. Ela chorou muito e quase não suportou a perda e achava que não superaria o sentimento de rejeição.

Pensou em morrer. Culpou os pais por não lhe entenderem. Apelou para Deus em suas orações para diminuir seu sofrimento e lhe mostrar uma luz.

A situação que Rosana viveu aos quinze anos pode ocorrer com qualquer pessoa e em qualquer idade. Mas na adolescência costuma ser muito mais sofrida em face da imaturidade do adolescente.

Ela permaneceu por muito tempo, cerca de dois anos, sentindo o término daquela relação e só se recompôs graças à sua avó materna, por quem tinha muito carinho e que, após longas conversas, fez com que entendesse a vida como um campo de emoções a serem educadas.

Ela veio a namorar outro rapaz, com quem conseguiu estabelecer uma relação não neurótica e não sufocante. Precisou passar por uma crise emocional para descobrir que sua vida sentimental precisava de cuidados que só ela própria deveria resolver.



As projeções inconscientes se iniciam desde que o ser humano nasce. É no mundo externo, no qual ele se referencia psicologicamente, que se sente existente. Sem o externo o interno não se realiza. Assim é com os afetos. Tendemos a buscar alguém com quem estabeleçamos contato e com isso possamos projetar nossas necessidades íntimas.

Novamente o espírito encarnado tentará iniciar-se nas relações afetivas face às suas experiências passadas, nem sempre bem sucedidas. Tentará muitas vezes até que se encontre maduro, para assim aprender as leis de Deus através das relações afetivas.

A preparação do adolescente para os relacionamentos afetivos nem sempre se dá de forma consciente. Na maioria dos casos os pais contribuem com isso através do relacionamento que têm entre si. Inconscientemente, por falta de diálogo sobre namoro e relações afetivas, eles tendem a copiar o que vêem e o que não vêem. Acabam por fazê-lo sem o senso crítico necessário e baseando-se às vezes em suas experiências pregressas de vidas passadas e nas opiniões que lhe chegam por meios indiretos, portanto de vivências que não são suas.

O espírito, através dos *arquétipos* da *ânima* e do *ânimus* buscará pessoas que se enquadrem nas imagens ideais que se formaram em suas experiências reencarnatórias, a fim de se complementar afetivamente. Nessa busca enfrentará desafios em si próprio até que consiga integrar sua própria *sombras*, que interfere sobremaneira nos relacionamentos, nos quais, inicialmente, sempre prevalece o domínio da *persona*.

O adolescente poderá ter seu coração, leia-se sua mente, prisioneiro das chamadas ‘armadilhas da paixão’, nas quais as relações não só são superficiais, pois se dão pelas *personas*, como também costumam marcar a personalidade na vida adulta, pela intensidade como são vividas.



A adolescência é a idade do fortalecimento da identidade pessoal. É quando o espírito se reconhece com o direito de sentir-se quem ele gostaria de ser, procurando preparar-se para enfrentar a nova encarnação.

O espírito, em que pese ter participado do planejamento prévio de sua encarnação, invariavelmente se sente inseguro, sobretudo na adolescência, pois enfrentará o novo e não sabe se será bem sucedido. Na maioria das dimensões de sua vida terá de enfrentar desafios para capacitar-se a apreender as leis de Deus. No que diz respeito à dimensão amorosa terá que se relacionar com pessoas a fim de vivenciar, quando deseje, o encontro com sua *ânima* ou *ánimus* projetado.

Nessa busca pelo outro a fim de viver a dimensão amorosa, poderá encontrar dificuldades típicas da idade, principalmente no confronto entre o desejo e a timidez.

Uns, estimulados pelo meio cultural, outros pela precocidade, começam um relacionamento amoroso logo após a puberdade a fim de iniciar seu encontro com o parceiro ideal. Nos dias de hoje o nome desse ritual de iniciação amorosa se chama ‘ficar’.

Em alguns casos o adolescente encontra dificuldades emocionais por não aceitar a rejeição. Não consegue lidar com o término de um relacionamento ou com os ciúmes típicos da insegurança. Vivem desnecessariamente preocupados com um relacionamento que mal começou e que, na maioria dos casos, trata-se de experiências iniciais que lhes tornarão maduros para enfrentar algo mais complexo na vida adulta.

Muitas vezes eles dão muita ênfase ao chamado ‘primeiro amor’, passando a acreditar que aquela pessoa foi ou é a ‘única’ em sua vida. Transferem para ela toda a carga emocional possível por ser a primeira experiência vivida num momento de autodescoberta importante.



Algumas pessoas apresentam dificuldade de estabelecer contatos afetivos. Não apenas são de difícil sociabilidade como também não sabem colocar sua afetividade em prática. São, na maioria das vezes, arredias ao contato com estranhos e até mesmo com parentes com quem estabelecem gratuitamente uma certa distância.

Mesmo nos momentos de alegria não costumam demonstrá-la, preferindo o sorriso forçado ou o cumprimento formal às pessoas que as procuram. Evitam contato físico e têm dificuldade em abraçar ou beijar no cumprimento.

Quando estabelecem algum tipo de relação mais fraterna com alguém, não conseguem demonstrar carinho ou afetividade maior do que um aperto de mão ou abraço social. Muitas vezes essa atitude advém da carência afetiva de que o indivíduo é portador.

Em alguns casos a dificuldade se deve pelo fato da pessoa não conseguir distinguir um gesto de carinho ou de afeto de um toque sensual ou erótico. São pessoas que carregam, sem o saber, tabus ou traumas sexuais não resolvidos. Não percebem que são preconceituosos e atribuem aos outros uma certa malícia que inconscientemente carregam.

A maioria dessas pessoas não teve uma boa relação afetiva com a mãe. Ou foram preteridas pelos irmãos ou não foram estimulados ao contato físico afetivo desde a infância. Também pode ter ocorrido que seus pais não tenham tido o hábito de trocar afeto em presença dos filhos. Ato que seria extremamente salutar a todos.

Pessoas assim sentem dificuldade em chorar ou se emocionar, e, quando o fazem, costumam exagerar pela falta de hábito.



“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”⁵⁰

A afirmação do Cristo sobre o chorar nos leva a entender que é preciso aprender a fazê-lo para que possamos obter a consolação de que precisamos. Nem sempre sabemos chorar. Muitas vezes o fazemos por desespero ou por rebeldia. Alguns até choram de raiva, demonstrando pequenez espiritual.

A vida emocional de uma pessoa é um continente de possibilidades de realização. E a colocação do Cristo deve nos levar a aprender a expressar o campo emocional que existe em nós. Liberar e educar as emoções representa estágio superior na evolução. A obtenção do consolo só será possível se aprendermos a expressar para o mundo nossas emoções mais íntimas. O consolo significa aquilo que resultará do fato de aprendermos a liberar educadamente as emoções que fervem dentro de cada um de nós.

Para que venhamos a educar as emoções é preciso que peçamos ajuda antes que a situação chegue a um ponto no qual o desequilíbrio esteja muito próximo. Pedir ajuda é sinal de humildade e de maturidade emocional.

Aproximar-se das pessoas durante crises emocionais permite que nos sintamos referenciados e que compartilhemos nosso mundo íntimo com os outros. Nesses momentos de crise é que se deve buscar a conexão com os amigos e familiares para o fortalecimento de decisões e redução dos medos.

Em família, o carinho, o toque, a palavra doce, o beijo, devem ser constantemente estimulados para que o indivíduo ali possa aprender a equilibrar e harmonizar suas emoções sem que seja pego de surpresa em suas relações amorosas fora do lar.

⁵⁰ Mateus 5:4.

Família e opção religiosa

Maria do Carmo adotou uma nova religião diferente daquela em que foi educada e que passou para seus três filhos. Sua mudança ocorreu quando, movida pela dor da morte de sua mãe, encontrou conforto nas explicações que lhe vieram através de conhecido pregador das claridades do Evangelho. Entusiasmada com o que julgava novas verdades, tentou em vão passá-las aos familiares. O marido achava que ela deveria estar perturbada por causa da ‘perda’ da mãe e os filhos viam nela um fanatismo, pois seu interesse fora muito repentino. Sentiam-se abandonados, já que estavam acostumados à presença constante dela. Às vezes, ela pensava que estava órfã, pois já não tinha mais a mãe e a família não lhe entendia a nova escolha. Convidava o marido e os filhos para irem ouvir palestras, mas a recusa era imediata. Ninguém queria ir a locais onde os frequentadores eram pessoas de condição econômica inferior à deles.

Ela fora educada na tradicional Igreja Católica onde recebeu todos os sacramentos. Sua educação doméstica lhe impôs conhecer todas as regras de etiqueta social para que se comportasse educadamente em qualquer ambiente. Gostava de ser chamada de uma pessoa ‘fina’.

Seu marido vinha, por sua vez, de nobre família de prósperos fazendeiros, acostumado a frequentar ambientes aristocráti-

cos e a não se misturar com pessoas menos favorecidas nem lidar com os que não fossem seus empregados. Abominava religiões, exceto a dele, muito embora não participasse de nenhum culto. Achava as religiões alienantes e fomentadoras da passividade nas pessoas.

A mudança de Maria do Carmo foi um transtorno para aquela família acomodada e aparentemente feliz. Só não o foi para ela que se sentia renovada e reconfortada. Entendia melhor a vida e compreendia seus muitos processos como necessários passos para se alcançar a felicidade. Conseguia, mesmo não sendo compreendida pelos seus, aceitá-los e entendê-los. Estendeu seu conceito de família dando lugar em seu coração à caridade aos mais necessitados.

Aos poucos foi deixando de lado os encontros estéreis com amigas que também lhe criticavam a mudança e não aceitavam o que chamavam de abandono da família e dos valores tradicionais. O marido passou a lhe proibir saídas sob o argumento de que ela estava faltando com a família. Os filhos, todos adolescentes, com idêntica reclamação, acostumados às benesses maternas, não poupavam críticas a ela.

Ela trabalhava como secretária numa empresa que fabricava motores, tinha quarenta e oito anos e não se sentia completamente feliz por causa da pressão que recebia da família. O tipo de vínculo, que estabeleceu com eles por muito tempo, precisava agora ser modificado e ela sabia que deveria ter paciência e persistência.

Sabia que precisava conquistar um novo espaço na família. Não poderia ser mais refém de todos. Teria de vencer o seu mais importante desafio: manter o lar em harmonia e viver sua espiritualidade sem culpa. Não queria de forma alguma romper com seus entes queridos, nem se envolver numa cruzada religiosa contra eles. Queria paz para si e para eles. Sabia que a reação contrária deles era natural e que deveria buscar meios para reverter a situação.

Disposta a levar adiante seus propósitos e a vencer seu desafio, buscando atender às necessidades de cada um deles, com equilíbrio e discernimento, foi mostrando com palavras e atos que, acima de tudo, estava o amor que sentia por eles. Evitava o confronto de opiniões e silenciava quando sentia um clima de rivalidade e agressividade surgir. Quando discutia com eles, se deixava envolver pelo forte desejo de harmonia e paz. Soube agir com paciência e sem ansiedade de querer mudar as pessoas.

Aos poucos, sua filha do meio, então com dezesseis anos, que sempre lhe foi muito ligada, demonstrou curiosidade pelas temas que ela sutilmente abordava durante as refeições. Foi se aproximando mais da mãe também com o intuito de conhecer o local aonde ela passava a ir e distribuir pães para pessoas carentes.

Os outros filhos, após alguns meses de silêncio também foram se chegando, graças à persistência, determinação e ao amor da mãe. O marido não teve outra alternativa senão respeitar a opção da família e, de vez em quando, colaborar financeiramente nas campanhas de ajuda ao próximo.



A opção religiosa pertence a uma categoria de atitudes humanas nas quais o *arquétipo* do sagrado é acionado preponderantemente. Vivê-lo torna-se uma necessidade psicológica na medida que decorre de vivências primitivas do ser humano. O contato com o sagrado, transcendente, espiritual ou o que se assemelhe, sempre fez parte das origens psicológicas do ser humano. Está em seu perispírito e no inconsciente tal necessidade como se fosse uma espécie de alimento ao espírito.

Psiquicamente necessitamos do contato com o espiritual e de estabelecer uma relação com Deus. O indivíduo que se declara ateu também tem a mesma necessidade, a qual se encontra reprimida por algum tempo. Essa repressão, muitas vezes motivada pelo orgulho ferido, precisa ser dissolvida para que a pes-

soa realize seu encontro com o sagrado. É necessário que isso seja feito de forma a atingir o ponto gerador da repressão. Na maioria dos casos a quebra da barreira repressora não se dá pelo intelecto, mas, principalmente, pelo coração.

Querer convencer os outros a respeito de matéria religiosa pode levar a pessoa à rejeição do tema, face às experiências negativas que detém inconscientes. Nem sempre o contato com a religião em encarnações passadas, trouxe alívio e consolo às pessoas. Muitas vezes a religião foi usada como instrumento de dominação, impondo o medo e a obrigação às pessoas.

Psicologicamente ela deve servir como âncora na qual se possa garantir a vida. Essa âncora será o último recurso quando o espírito se encontre em seu limite máximo de sofrimento. Porém, ela também funcionará nos momentos de alegria e de felicidade.

Hoje a religião deve libertar sem culpar; deve ensinar sem impor; deve educar com amor, visando a felicidade do Espírito.



As religiões devem unir pessoas. Quando ela estiver entre dois seres humanos, separando-os, deve dar lugar ao respeito de parte a parte e ao amor incondicional.

Quem ama deve libertar-se da exigência em querer fazer do outro uma cópia de si mesmo.

As religiões são criações humanas sob inspiração divina. A parte humana ainda contém a *sombra* coletiva do mal e a parte divina nos insere na dimensão do amor universal.

Quando a família se encontra unida na mesma opção e ação religiosas, Deus é cultuado no coração de cada um de seus membros. Essa união permite que as influências espirituais negativas encontrem dificuldades para sua nefasta atuação. O respeito àquele que não nos entende, além de permitir o fortalecimento das próprias convicções, possibilita ao outro a reflexão sobre o que ouve e diz.

O hábito de querer converter pessoas às convicções pessoais, religiosas ou não, sem lhes compreender o momento evolutivo, provoca geralmente reação contrária.

A renúncia a expressar as próprias idéias quando se opõem às dos outros, em favor da harmonia, sem necessariamente abdicar de tê-las, pode denotar maturidade existencial. Não se deve considerar que as convicções são responsáveis por si só pela existência da pessoa. Somos mais do que as coisas que acreditamos verdadeiras.



O respeito pela opção religiosa de alguém é sinal de maturidade psicológica. Nem sempre conseguimos aceitar que alguém possa pensar ou ter uma fé a qual difira das nossas convicções religiosas e filosóficas. Pensamos e cremos de tal forma, que nem sempre conseguimos a empatia necessária para entender o porquê de alguém fazê-lo diferente.

Pensamos que as verdades que adotamos como princípios religiosos sagrados são verdades imutáveis, visto que, da forma como as vemos, elas nos dão sustentação psicológica à existência. Sem elas não conseguiríamos entender o mundo nem nos entender. Quando nos deparamos com alguém que consegue viver e ser feliz com outras convicções, preferimos considerar que essa pessoa está equivocada.

Conviver com alguém que tem um sistema de crenças diferente do nosso é difícil, principalmente se a pessoa nos é antipática. Queremos veladamente, quando não explicitamente, a conversão do outro.

Aqueles que professam religião ou crença mais ortodoxa ou rígida é considerado fanático porque não entendemos que a escolha religiosa segue padrões psicológicos típicos. Não é o sistema escolhido que é rígido, mas a *psiquê* do indivíduo que necessita de um freio a si mesma a fim de evitar sua própria liberação inconseqüente.

Todos temos o direito de acreditar num sistema próprio de valores e considerá-lo sagrado. Devemos dar ao outro a oportunidade de, em seu sistema de crenças, alcançar a felicidade, mesmo que isso venha a custar o silêncio em relação ao que cremos. É preferível manter uma relação de amizade do que uma contenda por convicção religiosa.

A prática de um sistema de crenças depende da personalidade de quem nele crê. Mesmo que se venha alcançar que alguém mude e passe a acreditar naquilo que consideramos sagrado, nada garantirá que a ação da pessoa será na mesma direção que a nossa.



Os pais não devem transferir suas responsabilidades quanto à educação religiosa para a escola, para o templo ou para os grupos sociais de que seus filhos fazem parte, salvo em assuntos cujos valores básicos já estejam sendo ou tenham sido assimilados por eles. Aqueles que se decidiram por constituir uma família devem entender que há desafios nesta que não podem ser transferidos para a sociedade. Compete aos pais proporcionar os meios adequados para que seus filhos encontrem condições de viver em sociedade a partir de valores morais elevados.

Nem sempre os pais têm uma religião na qual pautam seus princípios. Na maioria dos casos possuem nominalmente uma religião e agem de acordo com conveniências e interesses próprios, nem sempre adequados à maioria e consoantes com os princípios religiosos que abraçaram.

Os pais devem compreender que a melhor forma de educar seus filhos é através do exemplo, do carinho e do amor que lhes dediquem. A religião que eles pretendam passar para seus filhos deve conter esses princípios em sua prática.

A religião pessoal não está escrita em nenhum lugar do mundo. Ela deverá ser colocada no coração e na prática diária

do ser humano. Não deve conter códigos rígidos nem princípios que não possam conter a humildade e o amor ao próximo.



“Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.”⁵¹

A limpeza de coração a que se refere o Cristo diz respeito a um sentimento religioso não dogmático que possa incluir todas as pessoas numa só família. Ver a Deus significa senti-Lo em si mesmo de tal forma que influencie os outros a que também O encontrem em si.

Ele nos convida à bondade no coração de forma permanente, isto é, como algo que ali se instale para sempre. Isto se torna possível assim que não permitamos que a razão predomine sobre os sentimentos e a sensibilidade humanas.

O encontro com Deus não se dá de forma física ou em algum lugar distante ou mesmo na Espiritualidade, mas no próprio coração que deverá se colocar humildemente a serviço de si e do próximo. O Deus pessoa deverá se sobrepor ao Deus religioso, pois este geralmente é feito à imagem e semelhança do ser humano ainda imperfeito e aquele já habita no coração desde que a criatura existe.

O respeito à religião do outro passa pela oportunidade, que não se deve perder, em fomentar no seu coração, a presença e o reconhecimento da existência e da imanência do Deus pessoal.

Deus é amor, e o amor sempre deve prevalecer no coração humano.

⁵¹ Mateus 5:8.

Parentes impertinentes

Fátima vivia muito bem com o marido e os filhos numa excelente casa num bairro nobre da grande cidade onde moravam. Ali iniciaram a vida a dois e ali nasceram seus filhos. Não imaginariam que seu lar tão recentemente estruturado iria sofrer interferências não planejadas. Sua irmã mais velha, que era madrinha de seus filhos e sofria de depressão endógena, suicidou-se em casa, deixando um menino de dez anos. Ela estava separada do marido há cinco anos e sofria da doença desde adolescente.

Há dez anos, no dia do nascimento de seu filho, seus pais faleceram de acidente de carro, quando vinham do interior para acompanhar o nascimento do primeiro neto, fato que foi motivo para nova crise depressiva de sua irmã, que veio a saber do ocorrido no dia seguinte ao parto.

Como era a única irmã, coube a Fátima cuidar de seu sobrinho, órfão de mãe e de pai, pois este último há muito não via o filho, nem dava notícias de sua morada.

A princípio tudo correu bem. Ela tinha dois filhos, um de quatro e outro de dois, que não se incomodaram com a presença do novo 'irmão', o qual também facilmente se adaptou à casa, muito embora chorasse muito a morte da mãe.

Quando veio a adolescência do sobrinho, que até então tinha um bom relacionamento com o tio, começou a apresentar

alguns problemas de desobediência. Ele, com dezesseis anos, desinteressou-se pelos estudos e passou a andar em más companhias. Logo os tios descobriram que ele faltava sistematicamente às aulas. Embora não usasse drogas, vivia sem fazer nada e sem rumo.

Não aceitava as orientações do tio, ao qual passou a hostilizar explicitamente. Não cumpria suas obrigações nem seguia as normas da casa.

Numa das brigas com o tio por causa de chegadas após a meia-noite, foi mandado embora de casa.

Foi em busca do pai sem saber seu paradeiro. Dormiu um dia na rua, mas voltou no dia seguinte pedindo desculpas e sendo desculpado. Por sua vez, o tio lhe disse estar arrependido de tê-lo expulsado e que gostaria que ele realmente voltasse.

O retorno dele foi uma festa, pois Fátima sofreu e chorou muito sua expulsão de casa sem nada poder fazer.

Após aquele dia seu sobrinho passou a ser outra pessoa, voltando a ter interesse pelos estudos e a obedecer aquele que o tomou como filho.



O ser humano sempre busca apoio psicológico em sua caminhada evolutiva, tendo em vista sua aparente condição de orfandade. Em sua ignorância quanto ao funcionamento das leis de Deus, pensa que está só e que ninguém se preocupa com ele ou lhe atenderia suas necessidades de sobrevivência. Sente-se sozinho e sem padrinhos na Vida e, por esse motivo, aciona o *arquetipo* do órfão.

Graças ao parentesco consangüíneo, tende a se apoiar na família originária para resolver problemas de falta de estrutura na tentativa de sobreviver em sociedade. Nesse processo, poderá se fixar demasiadamente no apoio familiar, deixando de cumprir suas obrigações e evitando a iniciativa de crescer pelos seus próprios méritos. Em dado momento sua *psiquê* deverá acionar o

arquétipo do guerreiro para fazer face aos desafios e lutas que fazem parte de seu processo evolutivo.

Um parente que nos chega, pedindo ajuda é sempre alguém que tem algo a nos ensinar. Quando temos de abrigá-lo sob um mesmo teto, a lição a aprender é mais complexa ainda. Toda a família terá que se adaptar psicologicamente para entender, aceitar e conviver com uma nova configuração do grupo.

Será necessário que, previamente, antes do início da convivência, os responsáveis conversem com cada membro da família, inclusive empregados, sobre aquela nova configuração. Deve-se discutir motivos, comportamentos, renúncias e que se coloquem prazos de permanência.

Receber um parente para morar na própria casa é uma tarefa caridosa das mais difíceis, tendo em vista as mudanças que acarreta na vida de cada um. Assim como os familiares devem ter consciência das mudanças, aqueles que chegam também devem conhecer suas obrigações e limites.

Quem chega também traz suas companhias espirituais próprias, as quais podem melhorar ou perturbar o novo ambiente em que passarão a viver. Seria de bom alvitre, para quem chegue, evitar todo tipo de perturbação e de confronto com quem ali vive, mesmo que eventualmente hostilizado.

Há uma psicologia da pessoa e há uma outra do grupo. Esta última geralmente ensina a individualidade, o respeito para com o outro. Limites e possibilidades de cada um são perceptíveis na psicologia de grupo.

O desafio da vida em grupo leva a *psiquê* individual a reconfigurar-se, descentrando-se e diminuindo os poderes relativos do *ego*. A autonomia deste último sofre o impacto da necessidade de dividir sua liberdade, porém o força a esconder sua *sombra* dando lugar à *persona*. Torna-se importante, por esse motivo, que a sombra pessoal, no contato com novos membros do grupo, não apareça imediatamente. Deve ela ser mostrada gradativamente sem que se acumulem insatisfações que possam

gerar mágoas. Fundamental é que o coração esteja aberto para receber, pelo menos por algum tempo, aqueles que a vida nos oferece para aprendermos com sua companhia.



Receber parentes para morar em sua própria casa pode se tornar motivo de alegrias e de conflitos. Necessidades imediatas deles podem determinar a acomodação sob um mesmo teto de pessoas de uma mesma família.

É um irmão ou irmã que se separa, a mãe que precisa de cuidados, sobrinhos que moram longe, filho ou filha que se separa, tio ou tia que precisa de ajuda, etc., em todos os casos a rotina da casa tem de se submeter a mudanças. O companheiro ou a companheira que não tem ligação de parentesco com a pessoa que vem morar em casa se sentirá, muitas vezes, invadido e poderá, por esse motivo, reclamar seus direitos de forma velada.

Às vezes, sob pretexto de ficar alguns dias, vão adiando sua independência, tornando-se comum o tempo de permanência se prolongar por meses e, em certos casos, por anos.

É claro que se deve acolher aquele que precisa e também ajudar os parentes em dificuldades momentâneas. Porém, é preciso também dar a eles condições de que sigam suas vidas com o sacrifício inerente a todo ser humano para que não se transformem em dependentes eternos.

A acomodação desses parentes deve ser precedida de longa negociação com aqueles que terão sua vida alterada e seus direitos diminuídos. Mesmo que a pessoa que acolhe seja a mantenedora da casa, deve, em face da harmonia que pretende que reine no lar, conversar com cada filho e com o companheiro ou companheira. A pessoa que é acolhida também deve merecer orientação quanto aos hábitos da casa, a fim de se sentir perfeitamente integrada ao novo ambiente.



“De fato vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.”⁵²

O Cristo nos leva à reflexão ao colocar a má receptividade quando se prega entre os próprios familiares. Por vezes, a ingratidão surge naqueles que mais foram beneficiados. Nem sempre conseguem perceber o sacrifício de quem dá ajuda e, às vezes, acham-se no direito de obtê-la. Exigem cuidados sem que o mereçam.

Outros se aproveitam da boa vontade de quem os ajuda para prevalecer sobre eles e lhes exigir mais ainda.

Quem doa deve fazê-lo sem esperar recompensa alguma, mas deve colocar para seu beneficiário os motivos pelos quais o faz, para que ele adquira a responsabilidade sobre o que recebe. Porém, não se deve, ao doar algo a alguém, ou lhe dar moradia, interferir por demais no seu livre-arbítrio. Não se deve impor ao outro uma vida que não lhe pertence. Querer o bem a alguém é uma coisa, impor-lhe uma vida que não quer viver é outra.

Quem muito dá muito quer em troca e, por isso, muito cobra. Ao afirmar que ninguém é profeta em sua própria terra, nos chama à compreensão de que não se deve esperar louros ou vitória no campo da gratidão. A ingratidão só existe para quem cobra reciprocidade pelo que faz, portanto, não se deve criar expectativas à retribuição do outro.

Ser anfitrião para alguém requer educação e boas maneiras, porém, oferecer a própria casa ao outro é não lhe dar a oportunidade de construir a sua própria. Há limites para o favorecimento à vida do outro e eles estão no direito dele, na capacidade em obter pelo seu próprio esforço e em seu merecimento.

A ingratidão daqueles a quem se ajuda, principalmente aos familiares, não deve ser motivo para que se auxilie mais a estranhos que aos seus. Quem é bom, o é primeiramente em sua própria casa. Há pessoas que são muito caridosas com estranhos e ruins em casa, exigindo dos seus o que não fazem para terceiros.

⁵² Lucas 4:24.